



PUC RIO

- CARLOS AMÉRICO ALVES PEREIRA

DO DIFERENCIAL SEMÂNTICO
DO IDIOMA PORTUGUÊS-RIO DE JANEIRO

TESE DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1982

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150 / P436d / TESE UC

Título: O diferencial semantico do idioma portug



0 0 3 1 4 8 2

Ex: 1-CENTRAL

2154

EC -- PUC

DOAÇÃO

CARLOS AMÉRICO ALVES PEREIRA

O DIFERENCIAL SEMÂNTICO
DO IDIOMA PORTUGUÊS-RIO DE JANEIRO

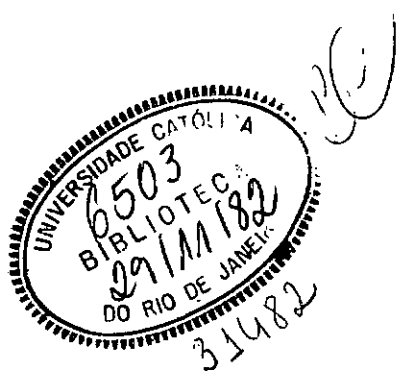
VC 19576.2

Tese apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Mestre em Psicologia.

Orientador: Pölf Preuss

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1982.



150
P436 d
TESE UC

VUCS

À Fátima, Lilian e Beth

Aos meus pais

Agradecimentos

Durante a execução das etapas do projeto inicial foram muitas as contribuições valiosas, destituídas de qualquer compromisso retributivo, a quem devo imensa gratidão.

Quero agradecer aos profs. Aroldo Rodrigues, Helmut Krüger, Maria Alice Bogossian, Eliezer Schneider e Cílio Ziviani, que me possibilitaram uma formação e estruturação de pensamento e desenvolvimento academicamente científicas desde os tempos de graduação; a minha orientadora Angela Biaggio; ao meu orientador e amigo Prof. Rolf Preuss, que nos últimos meses soube, com sua cautela e precisão características, orientar os trabalhos finais de processamento de dados em psicologia.

Pela colaboração direta, meus agradecimentos aos profs. do Departamento de Letras da PUC/RJ--em particular à prof. Maria Cândida Bordenave-- ao prof. Salazar da Universidade Central da Venezuela pela acolhida oferecida diante das correspondências, à Cultura Inglesa-Botafogo e ao Curso Oxford da Tijuca pela tradução da lista padrão dos 100 conceitos. À Universidade Católica de Petrópolis, na pessoa de seu Reitor D. José Veloso, a sua Pró-Reitoria Administrativa, e de forma especial ao Centro de Processamento de Dados sob os cuidados do Prof. Rubens Magalhães, a sua equipe de perfuradoras e aos seus assistentes Sr. Carlos Godoy e Sr. Flávio Souza, por terem possibilitado as análises H e Phi, além da gravação dos dados da Fase II da pesquisa. Ao Colégio Marista São José-Tijuca, ao Colégio Werneck-Petrópolis e ao Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade Católica de Petrópolis, que não mediram esforços nem tempo necessários às aplicações inces

santes dos formulários aos seus alunos, sempre em situação normal de sala de aula. À Enylda e Marília Alves, bibliotecárias-chefes da BC da PUC/RJ, pelo interesse com o qual souberam providenciar trabalhos de tão escassa circulação nacional. Ao CNPq, pelo auxílio concedido na categoria Aperfeiçoamento, durante os anos de 1979 e 1980. À psicóloga Fátima Elizabeth Pereira pelas leituras e correções do texto original. Ao meu aluno Jorge da Cruz pelo trabalho de mecanografia. À Secretaria de de Psicologia da PUC-RJ. Às Sras. Zenith e Cláudia pela dactilografia em prazo tão curto que lhes foi concedido. E a todos que, de uma forma ou de outra, colaboraram na realização deste trabalho.

Carlos A. Pereira

RESUMO

Passados 30 anos desde a sua concepção original, a técnica do diferencial semântico tem sido pouco difundida no Brasil. O assunto aqui tratado é uma versão pancultural do diferencial semântico, adaptado para o Rio de Janeiro, seguindo a metodologia adotada por Charles E. Osgood e seguidores. A hipótese de que em relação ao grupo cultural e lingüístico do Rio de Janeiro emergiriam as dimensões de Avaliação, Potência e Atividade, pela importância fatorial, foi confirmada, embora o primeiro fator fosse o mais dominante. Utilizou-se a análise fatorial pelo método dos principais componentes e rotação pelo critério Vari - max. As escalas mais saturadas em cada uma das três principais dimensões do significado afetivo do Rio de Janeiro foram, respectivamente, péssimo-ótimo, bom-mau, bom-ruim, útil-inútil, magnífico-horrível e desagradável-gradável; grande-pequeno, comprido-curto, muito-pouco, forte-fraco, estreito-largo e total - parcial; e nervoso-calmo, barulhento-silencioso, violento-pacífico, perigoso-seguro, difícil-fácil e ativo-passivo.

ABSTRACT

The semantic differential technique has been little diffused in Brazil for the past three decades until its inicial conception. The subject presented here is a pancultural semantic differential form that has been adapted in Rio de Janeiro by the methodology suggested by C.E. Osgood and associates. Although the first factor was the most dominant factor, it was corroborated the assumption that would emerge the Evaluation, Potency, and Activity dimensions in factorial importance order to the cultural-linguistic sample in Rio de Janeiro. The factor analysis followed the principal component method and Varimax rotation criterion. The scales which were more saturated in each one of the three main dimensions of the affective meaning in Rio de Janeiro were respectively péssimo-ótimo, bom-mau, bom-ruim, útil-inútil, magnífico-horrível, and desagradável - agradável; grande-pequeno, comprido-curto, muito-pouco, forte - fraco, estreito-largo, and total-parcial; and nervoso-calmo, barulhento-silencioso, violento-pacífico, perigoso-seguro, difícil - fácil, and ativo-passivo.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE TABELAS	vii
1. INTRODUÇÃO, HISTÓRICO E GENERALIDADES	01
Teoria do Significado na Técnica do <u>DS</u>	04
Formas de Apresentação do <u>DS</u>	15
Importância dos Conceitos na Demonstração da Universalidade <u>EPA</u>	18
Trabalhos Iniciais sobre o <u>DS</u>	18
O <u>DS</u> Transcultural: Problemas e Perspectivas	20
Aplicações do <u>DS</u>	24
2. A TÉCNICA DO DIFERENCIAL SEMÂNTICO NO BRASIL	27
3. CARACTERIZAÇÃO DA INSERÇÃO DA PESQUISA NO RIO DE JANEIRO	36
3.1. Considerações	36
3.2. Finalidades e Objetivos	36
3.3. Estrutura de Referência Teórica	39
4. A ESTRUTURA FATORIAL DO SIGNIFICADO AFETIVO NO RIO DE JANEIRO	42
Fase I: Construção das Escalas Bipolares	42
Fase II: Julgamento dos Conceitos e Análise Fatorial das Escalas	70
5. ATLAS DE SIGNIFICADOS AFETIVOS DOS 100 CONCEITOS PARA O PORTUGUÊS-RIO DE JANEIRO	87
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105

APÊNDICE I:	Principais variações de apresentação espacial dos formatos gráficos do instrumento <u>DS</u>	114
APÊNDICE II:	Exemplo de cálculo do índice <u>H</u> e correlação <u>Phi</u>	115
APÊNDICE III:	Frequência total de uso, diversidade e valor <u>H</u> dos 200 primeiros adjetivos de maior índice <u>H</u>	117
APÊNDICE IV:	Correlações <u>Phi</u> acima de 0,29 ($\alpha < .005$) entre os 149 primeiros adjetivos de mais elevado índice <u>H</u>	119
APÊNDICE V:	Distribuição das respostas qualificativas diante dos 15 conceitos de maior <u>H</u> e dos 15 de menor <u>H</u>	127
APÊNDICE VI:	Modelo de formulário na fase de julgamento dos conceitos através das escalas ...	130
APÊNDICE VII:	Distribuição das frequências de cada escala para cada intervalo	136
APÊNDICE VIII:	Pesos das escalas da Forma Completa nos dez fatores	137
APÊNDICE IX:	Pesos das escalas da Forma Reduzida nos dez fatores	138
NOTAS		139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		144
BIBLIOGRAFIA ADICIONAL		153

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Representação simbólica do desenvolvimento do processo-signo: A. Desenvolvimento do signo; B. Desenvolvimento do "asigno".....	9
Figura 2:	Modelo de mediação de duas etapas	10
Figura 3:	Representação esquemática de um <u>item</u> escalar	14

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Lista dos 100 substantivos em Inglês e seus correspondentes em Português	44
Tabela 2:	Naturalidade dos pais dos 100 estudantes na etapa de <u>eliciação</u> de qualificativos	45
Tabela 3:	Tempo de residência dos estudantes de acordo com o local	46
Tabela 4:	Idade dos estudantes que eliciaram adjetivos para os substantivos em Português	47
Tabela 5:	Tipos de respostas associativas eliciadas por 100 estudantes diante dos 100 substantivos	47
Tabela 6:	Número de <u>tipos</u> únicos de adjetivos diferentes em relação à frequência com que <u>a</u> parecem como respostas associativas aos 100 substantivos	49
Tabela 7:	Output do índice <u>H</u> dos primeiros 10 adjetivos de mais elevado valor <u>H</u>	52

LISTA DE TABELAS (continuação)

Tabela 8:	Procedimento <u>Phi</u> de seleção dos adjetivos	55
Tabela 9:	Lista dos 63 primeiros adjetivos que cumpriram com os critérios <u>H</u> e <u>Phi</u> de seleção--Rio de Janeiro	58
Tabela 10:	Os 100 conceitos classificados por ordem de valor <u>H</u>	60
Tabela 11:	Opostos mais expressivos para os 63 adjetivos	64
Tabela 12:	Postos <u>H</u> e valores <u>H</u> dos 15 primeiros pares de adjetivos opostos do <u>DS</u> -Rio de Janeiro	69
Tabela 13:	Lista das 60 escalas do diferencial semântico do Rio de Janeiro	70
Tabela 14:	Distribuição das idades dos estudantes que julgaram os 100 conceitos	71
Tabela 15:	Relação dos 10 grupos de conceitos julgados através de 60 escalas	73
Tabela 16:	Frequência de respostas "X" a cada intervalo escalar	75
Tabela 17:	Porcentagem da variância total, variância dos fatores comuns e porcentagem da variância comum, nas Formas Completa e Reduzida, para os dez fatores extraídos pelo método dos principais componentes ...	78

Tabela 18:	Oito dos dez fatores extraídos e as respectivas escalas de maior saturação para a Forma Completa	80
Tabela 19:	Oito dos dez fatores extraídos e as respectivas escalas de maior saturação para a Forma Reduzida	81
Tabela 20:	Escalas mais expressivas e seus pesos nos quatro primeiros fatores dos dez fatores rotados	85
Tabela 21:	Atlas de significados afetivos dos 100 conceitos do Português-Rio de Janeiro ...	90
Tabela 22:	Distribuição dos conceitos assinalados a cada octante para o Português - Rio de Janeiro	94
Tabela 23:	Distribuição dos conceitos assinalados às 27 regiões para o Português-Rio de Janeiro	95
Tabela 24:	Intensidade média de todos os conceitos perante cada <u>compósito</u>	96
Tabela 25:	Conceitos de maior e menor intensidade perante cinco índices descritivos	97
Tabela 26:	Os cinco índices para os conceitos relacionados às emoções	100
Tabela 27:	Emoções opostas diante dos cinco índices..	102
Tabela 28:	Escores atitudinais diante de alguns conceitos agrupados em subcategorias - Rio de Janeiro	103

1. INTRODUÇÃO, HISTÓRICO E GENERALIDADES

Trata-se de uma questão relacionada a qualquer idioma, e mais especificamente a cada uma das nações, a do espaço semântico. De um modo geral, qualquer palavra tem um significado afetivo, que varia de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, de região para região, de povo para povo, tomando-se por base as diferenças entre características tanto gerais quanto específicas que as pessoas possam ter. Variáveis como a nacionalidade, localização geográfica, quadro político-social-econômico-religioso de uma cultura, idioma nativo, fazem com que um determinado conceito-palavra, uma frase ou uma comunicação tenham um significado afetivo que poderá variar de nação para nação.

As variações do significado afetivo de palavras, expressões, orações, e assim por diante, entre pessoas, dependerão, também, de variações fisiológicas, físicas, psicofisiológicas e psicológicas. Variações entre estados motivacionais, emocionais, entre crenças, valores, atitudes, etcêtera, fazem com que varie o significado afetivo de conceitos entre pessoas. Diferenças intra-pessoa em relação ao espaço semântico por ela definido num determinado espaço de tempo são devidas aos níveis de condicionamento, às experiências prévias, às necessidades, aos interesses, às atitudes, aos estereótipos que, como sabemos, mudam de uma época para outra em uma mesma pessoa. Fatores situacionais também desempenham um papel relevante em relação ao significado afetivo que um determinado conceito tem para uma determinada pessoa ou para diversas pessoas. Tais diferenças podem ter origem também devido aos diferentes estados subjetivos e momentâneos entre e intra-pessoas.

Allport (1955) afirma que a personalidade é menos um produto acabado que um processo transitivo, e ainda que tenha alguns aspectos estáveis, está ao mesmo tempo continuamente sofrendo mudanças. Esta mudança a que Allport se refere leva em consideração um determinado espaço de tempo no qual a personalidade de uma pessoa, os seus "traços personalógicos", vai se desenvolvendo e continuamente se reestruturando. Novamente aqui, pode ser dito que o significado afetivo que uma determinada pessoa tem para um dado conceito poderá mudar no tempo, pois sua personalidade está continuamente se desenvolvendo.

Sumarizando, teoricamente pode-se dizer que havendo variações no espaço semântico entre e intra-pessoas, serão devidas ao fato de que um sem número de variáveis estão estreitamente envolvidas na "definição" que as pessoas dão aos seus espaços semânticos afetivos, e a combinação possível de K fatores com K fatores é inestimável.

No decorrer dos trabalhos iniciais sobre o diferencial semântico (daqui por diante chamaremos DS) foram feitas numerosas comparações entre grupos de pessoas dentro da cultura norte-americana inglês-falante. Foram feitas comparações entre grupos de pessoas de idades diversas, entre pessoas do sexo masculino e do sexo feminino, entre pessoas de diferentes níveis de inteligência, entre estudantes expostos a um novo tipo de curso de relações internacionais e aquele dado no curso tradicional, entre Republicanos e Democratas, e entre esquizofrênicos e normais. Osgood (1964), sumarizando os resultados de todas estas comparações, sugere que em nenhuma investigação encontrou-se diferenças significativas entre os fatores dominantes subjacentes. O que

Osgood afirmou é que nos estudos anteriores à década de 60, entre os grupos acima referidos, o significado afetivo dos conceitos apresentados a estes grupos estava constituído por um espaço semântico, predominantemente, de três fatores: Avaliação ("Evaluation"), Potência ("Potency") e Atividade ("Activity") -- abreviados por E, P e A. Continuando Osgood "...preste atenção que isto não indica que os significados de determinados conceitos foram necessariamente os mesmos. As mulheres têm um significado do "eu" diferente do dos homens. Republicanos têm um significado muito diferente acerca de Harry Truman daquele dado pelos Democratas, e assim por diante. O que tal indica é que é constante a estrutura do significado dentro da qual estes juízos afetivos são feitos; os modos de qualificar os conceitos demonstram uma mesma estrutura correlacional, apesar das diferenças reais na localização de determinados conceitos dentro da estrutura fatorial comum. De fato, é unicamente em virtude desta estrutura comum de referência que diferenças entre pessoas em relação a um mesmo conceito, e entre conceitos para uma mesma pessoa podem ser particularizadas" (cf. Snider e Osgood, 1969, p. 306).

O propósito do DS é o de medir o significado afetivo, e como consequência é um instrumento que "permite registrar, quantificar e comparar o significado de um ou vários conceitos, para um ou vários indivíduos em uma ou várias situações, num dado momento ou em momentos diferentes, mediante uma ou um conjunto de escalas" (Osgood e cols., 1957). A tarefa consiste em alocar cada um dos conceitos no espaço semântico multidimensional, utilizando para ele certas dimensões primárias, básicas, representadas por escalas, que são sua expressão operacional. O indivíduo alo-

ca, então, o conceito em cada uma das escalas representativas do espaço semântico.

O desenvolvimento do DS no Rio de Janeiro é uma investigação sobre o DS de Charles Osgood (1952), e mais precisamente tem como subsídios as investigações posteriores conduzidas com o objetivo de demonstrar a universalidade das dimensões do significado afetivo de conceitos (e.g., Osgood, 1962, 1964, 1967, 1971, 1974; Osgood, Archer e Miron, 1963; Tanaka, Oyama e Osgood, 1963; Tanaka e Osgood, 1965; Jakobovits, 1967; May 1967; Tanaka, May e Iwamatsu, 1967; Cook, 1974).

TEORIA DO SIGNIFICADO NA TÉCNICA DO DS

A revisão sistemática das teorias do significado conduziram Osgood à busca de um marco teórico sustentado sobre a evidência experimental, que permitisse o desenvolvimento de técnicas adequadas de medida do significado.

O fundamento da técnica do DS está centrado sobre o processo de mediação representacional da teoria psicológica do significado, e que tem sua origem nas teorias de Hull, constituindo, essencialmente, uma reelaboração do conceito de ato de estímulo puro (cf. Hull 1930; 1931; 1943) -- cuja função exclusiva é servir de estímulo para outros atos. Para Hull estes atos constituíam a base orgânica explicativa da conduta simbólica. Osgood (1952; 1953; 1971) utilizou e reelaborou este conceito como fundamento da hipótese da mediação.

A hipótese da mediação e o processo representacional constituem o modelo condutista da teoria que fundamenta o DS. Osgood (1971) propõe uma integração entre três modelos teóricos para ex

plicar a linguagem e o significado, os quais irão fundamentar o DS: o modelo condutista--constituído pela hipótese da mediação e pelo processo representacional; o modelo espacial--o significado está constituído por um espaço de n dimensões, das quais três são fundamentais para ubiquar um conceito dentro do espaço total; e o métrico--serve para implementar o modelo espacial, e é constituído de escalas bipolares, ancoradas por adjetivos opostos e que se expressam por meio de sete intervalos, sendo um deles origem e ponto neutro.

O Modelo Condutista na Técnica do DS

Conforme mencionado anteriormente, o modelo condutista que fundamenta a técnica do DS é composto pela hipótese da mediação e pelo processo representacional.

A hipótese mediacional pretende, segundo Osgood (1966), "caracterizar a conduta de um signo em termos da presença ou ausência de um processo mediatório".

Osgood (1952; 1971) propôs a hipótese da mediação da seguinte forma:

Qualquer padrão de estimulação que não seja o objeto, é signo deste objeto se evoca no organismo uma reação mediatória que (a) é alguma parte fracional da conduta total eliciada pelo objeto e (b) produz uma auto-estimulação característica que mediatiza respostas que não ocorreriam sem a associação prévia entre o não-objeto e o objeto que é fonte de estimulação (1952, págs. 197 e segts.).

Uma palavra, por exemplo maçã, é signo quando evoca no organismo uma reação mediatória que é, de alguma maneira, uma fra-

ção ou parte da conduta total que produziria a percepção contígua e direta do objeto; por exemplo, ativação das glândulas salivares; além disso, a palavra maçã produz uma auto-estimulação característica, que é singular, direta e independente daquela que produziriam outras palavras, e que se expressa em condutas observáveis que são parte das produzidas pela relação direta com o objeto. Por outro lado, o processo induzido pelo estímulo é representacional na medida em que representa parte da conduta evocada pela percepção do objeto, e mediatório na medida em que a auto-estimulação elicia condutas relacionadas com o objeto. Neste instante, se um estímulo-padrão elicia um padrão de conduta em forma regular e consistente, então se denominará significado desta reação. De certa forma é equivalente ao objeto-estímulo, com a diferença de estar incluído um processo mediacional.

Osgood denomina de processo de "abreviação" a fração ou parte da conduta total, para explicar o processo de redução característico das reações mediatórias. Este processo se realiza segundo três princípios: o princípio de interferência--as reações mediatórias que interferem com as originais tendem a extinguir-se; o princípio de gasto de energia--quanto maior o gasto de energia, menos provável é que se mantenha uma reação mediadora determinada; e o princípio da capacidade discriminativa--certas reações se condicionam mais facilmente que outras e quanto maior capacidade discriminativa possuir o organismo, maior poderá ser o processo de abreviação.

Osgood e cols. conjecturam que "o psicólogo está caracteristicamente interessado no papel do sistema de comportamento do organismo na mediação da relação entre signos e significados. Em

outras palavras, o psicólogo está interessado na natureza do processo mediacional característico que ocorre num organismo quando um signo é percebido (decodificado) ou evocado (codificado)" (1957, pág. 3).

A análise do processo mediatório leva Osgood (1971) a afirmar que o significado é resposta enquanto decodificação de signos e estímulo enquanto codificação.

Como já foi dito, as reações mediacionais desencadeiam uma auto-estimulação (s_m) que podem se condicionar a diferentes atos instrumentais, e que podem apresentar-se como uma hierarquia de seqüência de hábitos. Além disso, quanto maior o grau de discriminação, maior será a seleção das condutas instrumentais. Podem adquirir, também, propriedades motivacionais.

O processo de produção de estímulos ($r_m \rightarrow s_m$) é representacional porque é uma parte de algum comportamento total (R_T) produzido pelo significado dos signos ou palavras do objeto-estímulo.

É mediacional porque a auto-estimulação (s_m) produzida pela reação mediatória (r_m) pode se associar a distintos atos instrumentais (R_x).

Neste momento, pode-se afirmar que este modelo inicial proposto por Osgood (1952) é correlato ao de Hull (1930; 1931; 1943).

A Definição do Significado Subjetivo

Qual é então a natureza do mecanismo hipotético?

Osgood (1952) parte da hipótese de que "um padrão de estimulação (S) que não é o objeto é um signo (\boxed{S}) do objeto se ele

evoca num organismo uma reação mediatória (r_m) que (a) é uma parte fracional do comportamento total (R_T) eliciado pelo objeto e (b) produz auto-estimulação (s_m) distinta que mediatiza respostas (R_x) que não ocorreriam sem a associação prévia entre os padrões de estimulação do não-objeto (\boxed{S}) e do objeto (\dot{S})".

Neste contexto, o objeto-estímulo (\dot{S}) é "qualquer padrão de estimulação que evoca reações de parte de um organismo", e o signo (\boxed{S}) é "qualquer padrão de estimulação que não é este \dot{S} , mas que evoca reações pertinentes ao \dot{S} ".

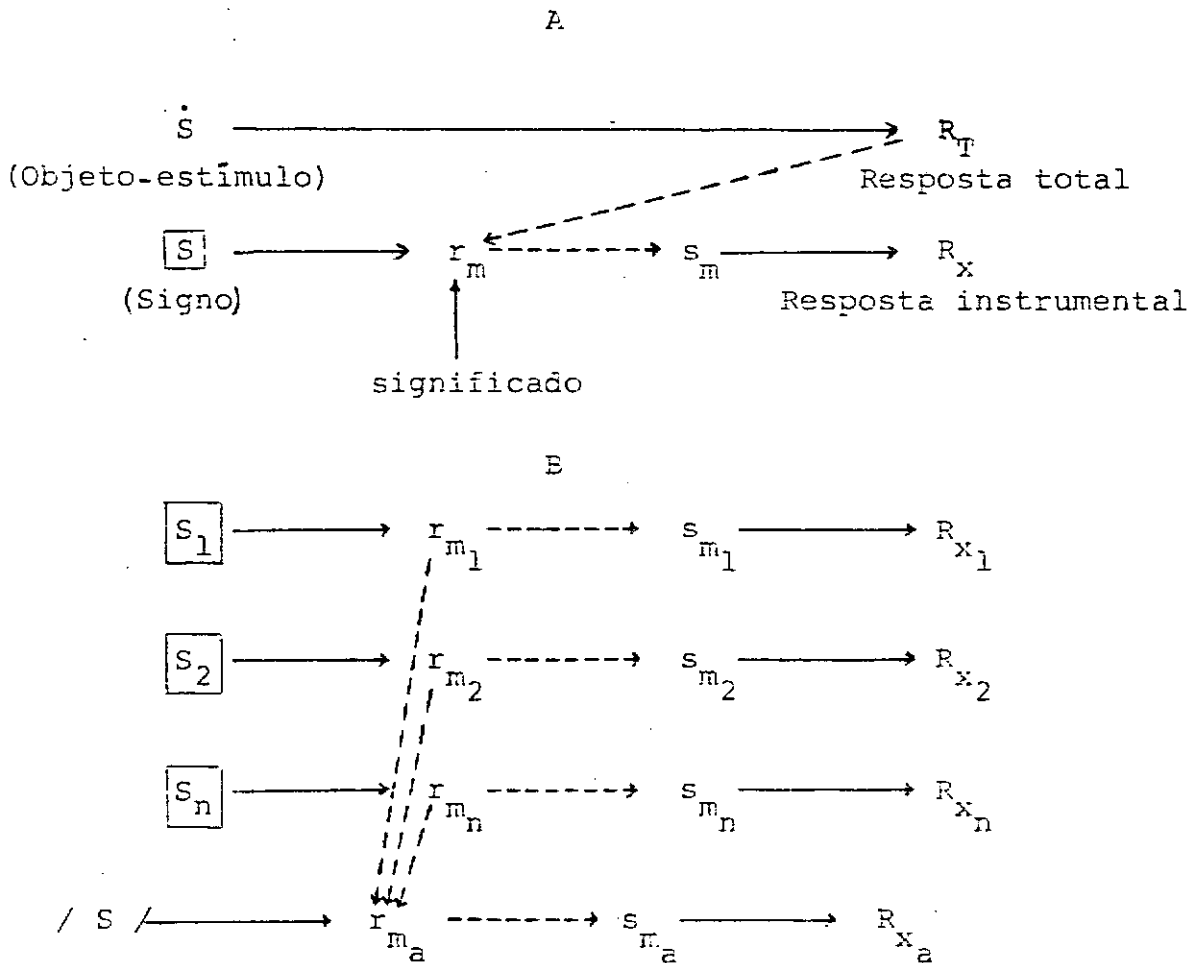
No entanto, aparece um problema a nível teórico, que se fundamenta na afirmação de que signos e objetos nunca são idênticos: entre as palavras e os objetos representados não há identidade, pois o padrão de estimulação do signo de modo algum é idêntico ao padrão de estimulação do objeto. A palavra "martelo" não é do mesmo modo estímulo como o é o objeto martelo. A questão aí seria: sob que condições alguma coisa que não é um objeto vem a ser um signo daquele objeto?

De acordo com a hipótese da mediação, um signo se desenvolve da seguinte maneira: um objeto-estímulo (por exemplo a percepção visual de qualquer objeto) elicia um padrão de comportamento de complexidade variável (R_T). Partes ou elementos deste comportamento total se condicionam à palavra (\boxed{S}) que representa o objeto. A repetição do signo sem a presença do objeto reduz a uma mínima intensidade o processo de mediação ($r_m \rightarrow s_m$), mas inclui ainda algumas das respostas originais. Esta reação mediatória (r_m) produz, por sua vez, um padrão distinto de auto-estimulação (s_m) que pode dar origem a várias condutas

abertas--respostas instrumentais externas (R_x). A figura 1(A) dá uma explicação simbólica do desenvolvimento de um signo, de acordo com a hipótese mediacional.

No entanto, uma grande quantidade de signos utilizados na comunicação cotidiana não se originaram por associação direta com o objeto, e Osgood os chama de asignos, pois são signos que se associam com outros signos, mais do que por uma maneira direta de associação com os objetos representados. A figura 1 (B) diagrama o desenvolvimento de um asigno.

Figura 1. Representação simbólica do desenvolvimento do processo-signo: A. Desenvolvimento do signo; B. Desenvolvimento do "asigno".



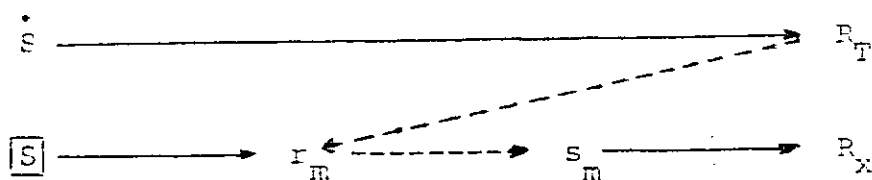
Modificado de Osgood, C. E. "The nature and measurement of meaning", Psychological Bulletin, 1952, 49, 197-237.

O Modelo Inicial de Duas Etapas

Partindo de duas proposições de Hull (1930; 1931; 1943) de que "certos estímulos que evocam respostas internas não manifestas-- r_m --", é dizer que são respostas fracionárias de antecipação à meta, dão origem a um estímulo não-manifesto-- s_m --, cuja única função é a de servir de agente para guiar uma resposta manifesta ou externa", e "no momento em que a auto-estimulação não evoca uma resposta externa imediata, então o que antes era chamado de resposta fracionária de antecipação à meta, passará a se chamar de ato de estímulo puro, cuja única função é a de continuar servindo de estímulo (daí se chamar ato de estimulação pura) e não evocar uma resposta externa ou manifesta", o modelo inicialmente concebido por Osgood (1952; 1956; 1963b) pode ser chamado de "modelo de dois estágios".

O primeiro estágio, ou etapa, é a chamada de decodificação ("decoding"), que é a relação entre o signo e a resposta mediadora, i.e., "interpretação". A segunda etapa, a de codificação ("encoding") representa a relação entre a auto-estimulação e a resposta instrumental externa, i.e., "expressão de idéias". A figura 2 apresenta o modelo de duas etapas.

Figura 2. Modelo de mediação de duas etapas. (Osgood, 1952)



O Modelo de Três Estágios

Mais recentemente, Osgood (1963a; 1971) tem proposto um

outro modelo condutista denominado "modelo de três estágios", o qual inclui as relações entre os processos perceptivos (tipo S-S), ou seja, entre signos, e as relações entre distintas respostas instrumentais (R-R), para complementar o modelo anteriormente por ele utilizado (1952).

Para Osgood (1963a) o processo trifásico "decodificação - associação - codificação" pode se dar em três níveis. Desta forma, considerando a fase input, o primeiro estágio começa com os receptores a nível não-neural e finaliza com os sinais sensitivos nos terminais dos sistemas do nível de projeção. Osgood denomina este primeiro estágio de sensorial. O segundo estágio, o perceptual, se origina com os sinais sensoriais do nível de projeção e termina ao nível integrativo, com a mais provável integração, determinada pelas redundâncias das experiências passadas do indivíduo. O terceiro estágio, o intencional, começa com aquelas integrações sensoriais não-intencionais no nível de integração e termina com os mais prováveis processos de mediação representacional com os quais tem se associado. Na fase output, o produto comportamental pode se dar também em três níveis, ao de execução (projeção), ao de habilidade (integração) ou ao de intenção (expressão).

Neste sentido, o processo trifásico "decodificação - associação - codificação" poderia se dar a um nível de projeção, ou ainda poderia ocorrer a um nível integracional, ou ainda a um nível representacional.

Uma explicação mais detalhada acerca do modelo de três estágios é fornecida por Osgood (1963a; 1971), Gibson (1963) e Hebb (1963).

Dentro deste modelo, Osgood afirmou que o significado, considerado como ato e conduta, é explicado como um processo de mediação representacional de três etapas.

Por que significados diferentes para um mesmo signo?

Torna-se evidente, portanto, que os significados que diferentes pessoas têm para os mesmos signos ou palavras são distintos, na medida em que variam:

a) suas condutas para os objetos que representam, devido à composição do processo mediacional, que é o significado de um signo, ser inteiramente dependente da composição do comportamento total em relação aos objetos, b) a frequência com que o objeto e o signo se associam, e c) a frequência de associação de um signo com outros signos.

Desta forma, a medida do significado afetivo-subjetivo de determinadas palavras-conceito sobre as escalas do DS nada mais é que uma medida de atitudes.¹

O Modelo Espacial na Técnica do DS

Conforme mencionado anteriormente, nas páginas iniciais, o significado afetivo de palavras está constituído por um espaço semântico de n dimensões, das quais três são fundamentais para ubiqüar um conceito dentro do espaço total. As três dimensões principais do significado, Avaliação, Potência e Atividade, têm sido evidenciadas e suportadas empiricamente por diversas investigações em diferentes grupos culturais e lingüísticos, que serão abordados em maiores detalhes mais adiante.

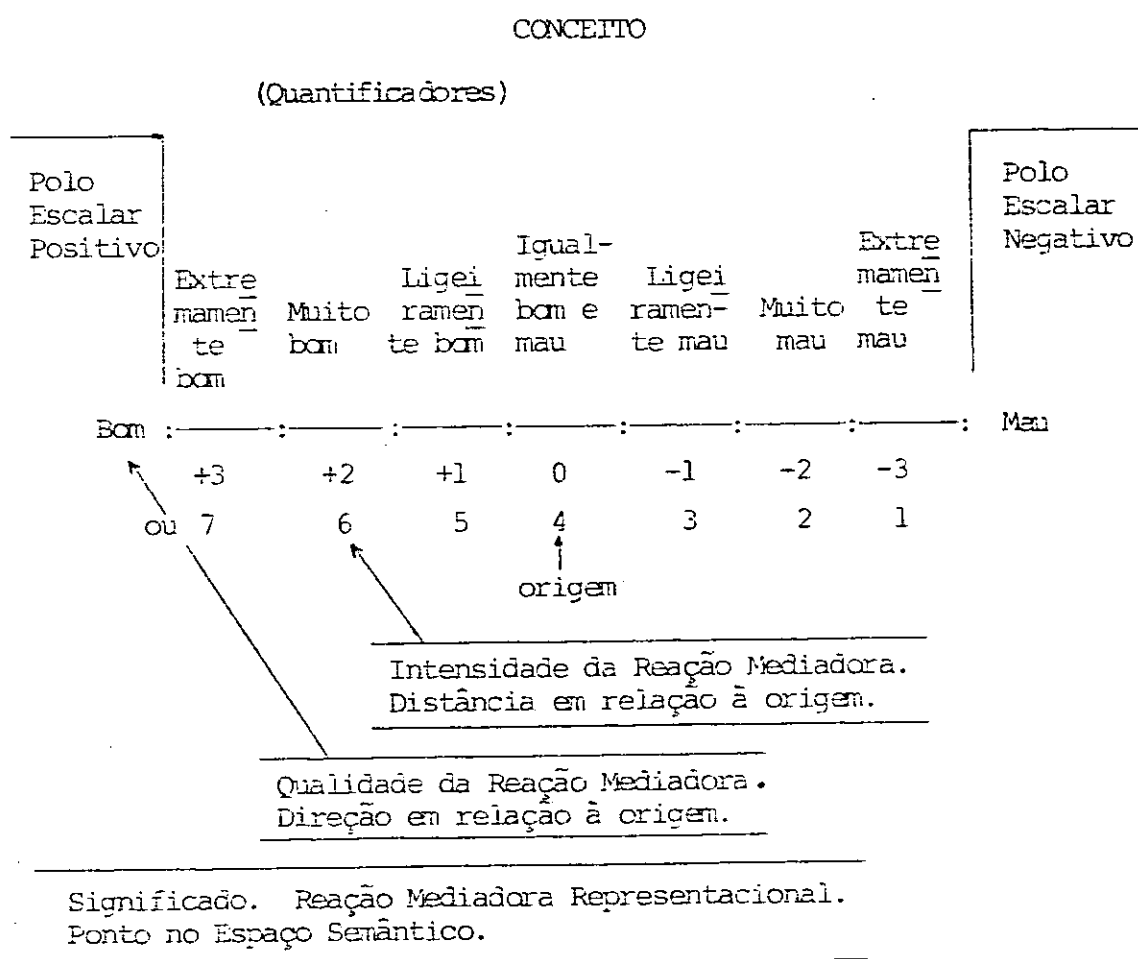
O Espaço Semântico

Segundo Osgood e cols. (1957), o espaço semântico é "uma

O significado de um conceito apresenta, pois, duas propriedades fundamentais: direção, que corresponde sempre à alternativa do polo escolhido na escala, e distância da origem, que é determinada pela posição julgada e marcada no continuum escalar. Direção e distância corresponderiam, respectivamente, à qualidade do significado e à intensidade do significado do conceito a ser julgado na escala bipolar, o significado correspondendo à reação de mediação representacional.

Com o objetivo de dar uma visão mais detalhada sobre um item⁵ escalar e seus elementos, a representação esquemática é a seguinte:

Figura 3. Representação esquemática de um item escalar. (adaptado de Santoro, 1975)



FORMAS DE APRESENTAÇÃO DO DS

Existem dois procedimentos gerais de apresentação do instrumento DS: a) o de latência e b) o gráfico.

O primeiro procedimento, o de latência, é aplicado individualmente, requerendo o aparato de um cronômetro e um registro associados a uma alavanca que se mova nas duas direções opostas. Em determinadas situações experimentais este procedimento é de expressiva utilidade; contudo, considerando como procedimento geral, é relativamente custoso, além de ser muito demorada a sua execução.

Aqui nos deteremos mais em relação aos procedimentos gráficos pois além de poder ser aplicado num mesmo momento a um grupo de pessoas, o que o torna mais econômico, é também o mais utilizado nas investigações do diferencial semântico. Em relação a este segundo procedimento, o gráfico, existem várias formas de se apresentar tanto os conceitos e adjetivos, como os desenhos dos continua, comumente encontradas na literatura sobre o DS.

Primeiramente vejamos as formas de apresentação dos conceitos e adjetivos. Para efeito de manutenção, já que irão ser ressaltadas somente as formas de apresentação dos conceitos e adjetivos na presente parte, os continua serão mantidos sempre com o mesmo aspecto.

Formato 1

Apresenta-se de forma aleatória cada um dos conceitos com uma escala de cada vez, as quais se apresentam também aleatoriamente, o mesmo podendo ser dito em relação aos polos das escalas, de maneira que o sujeito respondente não possa prever qual o

rêm aumenta o efeito de contexto e de contaminação.

Aqui a ordem dos conceitos para diferentes sujeitos pode ser variada, mas a forma do diferencial em si é constante (i.e., a mesma ordenação das escalas para todos os sujeitos e uma direção de polaridade constante para cada escala que aparece para os diferentes conceitos).

Este formato apresenta uma vantagem adicional, a de ser muito fácil de mimeografar--uma folha padrão contendo todas as escalas, variando somente os conceitos que podem ser carimbados ou estampados com selos gomados ou ainda escritos à mão em letra de forma ao alto da folha--, e fácil de codificar e tratar os dados, já que todas as escalas aparecem na mesma ordem para todos os conceitos, o que pode ser feito pelo uso do computador.

Uma outra vantagem é a de se possuir uma maior constância de significado daquilo que está sendo avaliado, além de satisfazer mais aos sujeitos da pesquisa.

Em ambos os formatos de apresentação do material do DS já construído, as escalas representativas do mesmo fator são alternadas na direção de polaridade para evitar a formação de preferências por posições, e se aleatoriza também a ordem dos fatores representados pelas escalas.

Existem outros formatos de apresentação de conceitos e de escalas, e o investigador interessado poderá aludir aos textos sobre a técnica do DS, e que foram incluídos nas referências bibliográficas, ao final deste trabalho. Por outro lado, Santoro (1975) tem apresentado em seu livro quatro formatos de procedimento gráfico de apresentação de escalas e conceitos no DS.

Após uma revisão extensiva, o autor do presente trabalho verificou que em relação aos dois tipos de formatos gráficos, e existem diversas variedades de formas espaciais de apresentação a) do desenho de conceitos, b) do desenho de adjetivos nas escalas, c) do desenho de continua entre pares de adjetivos escalares o postos, e d) do tamanho dos intervalos que compõem o continuum e conseqüente tamanho do continuum, nos trabalhos que utilizam a técnica do DS. Assim sendo, julgou-se interessante incluir no Apêndice I as diversas variações descritas acima que tem ocorrido a apresentação do instrumento DS.

IMPORTÂNCIA DOS CONCEITOS NA DEMONSTRAÇÃO DA UNIVERSALIDADE EPA

Os problemas que norteiam este trabalho são aqueles relacionados com o conteúdo das questões na área do significado conotativo-afetivo de palavras-conceito de uso corrente, as quais estão nas "bocas" de todas as pessoas. Estes conceitos são aqueles que aparecem também em veículos de comunicação, como jornais, televisão, revistas, cinemas, etcêtera, e que estão intimamente relacionados às diversas camadas sociais. Trata-se, pois, descobrir quais as dimensões mais comuns do significado de um grupo de palavras enquanto signos de objetos.

Na década de 50, os estudos conduzidos a partir de várias amostras diferentes de conceitos mesmo assim levou à sustentação da natureza da estrutura universalmente plausível EPA dos significados afetivos.

TRABALHOS INICIAIS SOBRE O DS

A maior parte dos trabalhos iniciais que utilizaram o DS como uma medida do significado são comumente provenientes dos Es

tados Unidos, embora nos últimos 10 anos o número de publicações sobre o DS tem aumentado vertiginosamente.

O idealizador do DS foi Charles E. Osgood, que publicou um primeiro artigo em 1952, "The nature and measurement of meaning", e que possibilitou o surgimento, no ano de 1957, do livro "The measurement of meaning", com seus associados G. Suci e P. Tannenbaum, resultando em uma apresentação de um instrumento de medida do significado, a partir da hipótese da multidimensionalidade possível a que está sujeito o significado, o que resultou no instrumento DS.

A investigação transcultural com a utilização do instrumento DS para testar a hipótese da universalidade da estrutura dimensional do significado, foi marcante durante a década de 60. O que se pretendeu, e ainda continua sendo objeto de investigação, foi reafirmar, através de estudos transculturais padronizados nos mais diversos aspectos, a emergência, magnitude e predominância da forma pela qual as pessoas utilizam seus repertórios de julgamento das coisas do mundo que as cercam, ou seja, corroborar a hipótese da universalidade das dimensões fundamentais do significado afetivo, representadas pelos fatores de Avaliação, Potência e Atividade.

Anterior à década de 60, diversas investigações básicas tiveram como objetivos fundamentais analisar a objetividade, validade, precisão e a estabilidade do instrumento DS, destinado a medir o significado afetivo de conceitos. Osgood et alli (1957), Osgood (1964; 1971), Osgood et alli (1963), Osgood et alli (1975), têm reportado os estudos iniciais e posteriores sobre a técnica do DS e a estrutura fatorial do significado afetivo, intra e entre culturas de diversas partes do mundo. Na América Latina merece destaque as publicações de Santoro (1975), e Díaz-Guerrero e

Salas (1975) sobre o DS na Venezuela e no México, respectivamente. No Brasil destaca-se o trabalho de Engelmann (1978) acerca dos estados subjetivos, e que se constitui em excelente fonte de consulta, pois ainda apresenta exaustiva bibliografia pertinente ao DS.

O DS TRANSCULTURAL: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

Os problemas com os quais se deparam constantemente os investigadores acerca da estrutura EPA do significado medido pelo DS a nível transcultural, são aqueles apontados por Osgood, Archer e Miron (1963) e por Osgood (1964; 1967; 1971; 1974), surgidos de uma série de questões metodológicas específicas que é necessário se ter em conta, tanto no planejamento de investigações como na interpretação dos dados e na utilização do instrumento DS. Estes problemas representam as dificuldades e limitações a) de tradução da lista padrão de conceitos (n = 100) para cada grupo cultural e lingüístico, b) da seleção de amostras culturais, c) das instruções, d) do formato de apresentação do DS, e e) da interpretação dos resultados obtidos em cada comunidade.

Entre 1959 e 1963, Osgood (Osgood, Archer e Miron, 1963; Osgood, May e Miron, 1975; Osgood, 1964; 1967; 1971; 1974; 1976) apresentou a necessidade de se utilizar critérios metodológicos homogêneos, relativamente livres de influências culturais, de modo a se realizar adequadamente as comparações nos estudos interculturais.

O primeiro problema foi contornado, utilizando-se a técnica da "tradução equivalente"⁶ de uma lista padrão de 200 substantivos em Inglês, levantada pela análise de estudos clínicos

gicos (Lees, 1953), de uma lista de associação de palavras de Kent e Rosanoff (1910), e do Human Relations Area Files Index.

A lista básica dos 200 substantivos foi reduzida a uma outra, composta por 100 substantivos, mediante a utilização dos critérios de a) fideliidade de tradução e b) produtividade dos substantivos. A fideliidade de tradução foi possível, traduzindo-se os 200 substantivos-padrão do Inglês para os seis idiomas do grupo inicial, sendo a translação executada por tradutores bilingües, estreitamente familiarizados aos dois idiomas.

As palavras com dificuldade relativa de tradução foram eliminadas da lista. Quanto ao critério de produtividade, foram eliminados os substantivos que apresentaram como respostas associativas evocadas relativamente poucos diferentes tipos de qualificativos. A partir daí, os 100 substantivos finais, que segundo Osgood et alli (1975) 60 são concretos e 40 são abstratos, foram aplicados, mediante procedimentos padronizados, aos seis grupos lingüísticos iniciais: Finlândia (Helsinki), Hong Kong (Hong Kong), Índia (Misore--Kannada), Irã (Teerã--Persa), Japão (Tóquio) e Líbano (Beirute).

Aquele grupo se associaram, posteriormente, o Afeganistão (Cabul--Persa), Afeganistão (Cabul--Pashto), Alemanha Ocidental (Munster), Bélgica (Bruxelas), Costa Rica (São José), Estados Unidos (Chicago), França (Paris), Grécia (Atenas), Holanda (Amsterdã); Hungria (Budapeste), Índia (Calcutã--Bengali), Índia (Delhi--Hindi), Itália (Pádua), Iugoslávia (Belgrado), Malásia (Cuala Lumpur), México (Chiapas), México (México), México (Yucatan), Polónia (Varsóvia), Suécia (Upsala), Tailândia (Bancoc) e Turquia (Istanbul). Contando com o lugar de origem, Estados Unidos (Illinois),

ao todo são 29 grupos culturais e lingüísticos que têm desenvolvido o DS para investigações presentes e futuras. Venezuela (Caracas), com uma versão um pouco modificada, e Brasil (São Paulo) também desenvolveram o DS; temos tido notícias também sobre a Romênia; na Nigéria (Ibaḍā) houve interrupção.

O problema de seleção dos países que participariam do projeto para demonstrar a universalidade do sistema de significado afetivo de conceitos foi contornado, pois cada uma das 29 comunidades apresentava uma cultura relativamente evoluída, possuía uma linguagem e uma literatura padronizada, uma história característica, reconhecida e divulgada e um sistema educativo que utilizava o próprio idioma.

Tendo sido resolvido o problema de se fazer comparáveis as amostras de cada cultura, foi necessário delimitar as amostras intraculturais a grupos homogêneos. Para tal, foram escolhidos sempre grupos de estudantes adolescentes de escolas secundárias, com idade entre aproximadamente 13 e 18 anos, e do sexo masculino. Estas características intraculturais foram escolhidas pois representavam a maior possibilidade de variação dentro de cada cultura, que manejavam adequadamente o próprio idioma e que estavam menos expostos às influências de outras culturas. O fato de terem sido escolhidas exclusivamente pessoas do sexo masculino para a investigação da hipótese da universalidade significativamente tridimensional do significado afetivo de conceitos, deve-se ao fato de que se considerou, em geral, que a educação das mulheres é mais variável e, portanto, mais seletiva do que a dos estudantes do sexo masculino.

As amostras foram, portanto, comparáveis em termos de ho-

mogeneidade e equivalência, inter e intraculturalmente.

Em relação ao critério de representatividade de cada grupo lingüístico e cultural, é necessário assinalar que, sendo o propósito da investigação intercultural comparar grupos culturais em suas respostas ao DS, e a partir destas comparar as estruturas fatoriais dos sistemas de significado, se buscou a máxima comparabilidade possível dos grupos, sacrificando a representatividade em termos de populações nacionais.

Em relação às "instruções" dadas ao sujeito nas diversas etapas da investigação, aquelas foram adaptadas a cada comunidade.

Em relação ao formato de apresentação do DS foi escolhido o formato gráfico, com o nome do substantivo centrado ao alto da folha em letras maiúsculas e logo abaixo as escalas de sete intervalos.

A interpretação dos resultados obtidos foi um outro tipo de problema diante do qual se depararam os investigadores da hipótese da universalidade EPA do sistema de significados afetivos de conceitos. Neste sentido, houve diversos encontros entre os participantes das distintas comunidades. Na interpretação dos resultados do DS em grupos de diferentes locais, deve-se levar em conta os elementos próprios de cada cultura e de cada grupo lingüístico.

Por outro lado, são várias as críticas apontadas, tanto na área psicométrica, quanto na psicolingüística e na lingüística. As críticas de Brown (1958), Gulliksen (1958), Weinreich (1958 ; 1959), Carroll (1959) foram as primeiras reações ao trabalho ini

cial de Osgood e de seus associados.

Apesar de algumas críticas desfavoráveis, há evidências de monstradas pelas inúmeras investigações de que é universal a estrutura EPA do significado afetivo, e que o instrumento mais objetivo, de maior validade, mais confiável, de maior precisão, de maior fidedignidade para medir, testar e comprovar a universalidade do sistema EPA é o DS, embora insuficiente como medida de significado, mas eficiente para demonstrar a sua universalidade.

A este respeito são notórias as discussões detalhadas apresentadas por Osgood e cols., em "Cross-cultural universals of affective meaning" (Osgood, May e Miron, 1975).

APLICAÇÕES DO DS

Até o presente momento pode-se calcular em, aproximadamente, 3000 o número de publicações que incluem um assunto referente ao DS, relativas à objetividade, confiabilidade, comparabilidade inter e intracultural entre diversas variáveis relacionadas com o DS, com os problemas de aplicação, e a outros problemas intimamente associados ao campo do DS.

Através desses 30 anos transcorridos desde o trabalho pioneiro de Osgood (1952), a natureza do diferencial semântico permitiu que o seu campo de aplicação tenha evoluído, e continua permitindo outros trabalhos num campo de aplicação mais vasto ainda.

Por se tratar mais de uma técnica geral de medição do que de um teste específico e por sua facilidade de adaptação a diversos problemas, o instrumento DS se converteu num instrumento psicológico e social de utilização freqüente na exploração, explicação e interpretação de diversos problemas de investigação.

Em um trabalho de relativa relevância, Santoro (1975) reuniu um considerável número de publicações científicas referentes às principais áreas a que o DS tem se dirigido, as quais podemos resumir da seguinte forma: a) psicologia social: interação, comunicação grupal, percepção social, formação de impressão, estereótipos, imagens, status e papéis sociais, atração interpessoal, medida de valores, de atitudes, das opiniões e da mudança de atitudes; b) psicologia clínica: andamento e desenvolvimento da psicoterapia, estruturas semânticas em esquizofrênicos, com neuróticos, pacientes lobotomizados, deficientes mentais, tendências ao suicídio, relação do DS com o Rorschach, TAT, figura humana e outros testes; c) psicologia evolutiva: mudanças no significado com a idade, desenvolvimento conceitual, memória e significado de conceitos nas fases de desenvolvimento; d) psicologia da personalidade: perfis e tipologias de personalidade, imagem corporal, mecanismos de identificação, dinamismos e traços de personalidade; e) psicologia geral e experimental: aprendizagem verbal e memória, linguagem, cognição, motivação, emoção, percepção e ansiedade; f) investigação transcultural: por à prova a generalidade dos sistemas afetivos apesar das diferenças lingüísticas e culturais, semelhanças e diferenças da estrutura EPA e comparações transculturais de avaliações de conceitos; g) educação e orientação: avaliação de professores, psicólogos, materiais institucionais, planos escolares e dos sistemas educacionais, auto-avaliação e auto-imagem, avaliação de orientandos, do próprio orientador, da família e dos elementos institucionais e sociais, determinação de interesses e imagem das ocupações, dos papéis e carreiras e como indicador sociométrico; h) outras áreas: publicidade, mercado e consumo, estética da arte, teatro, música, pro

sa, poesia e da pintura, e arquitetura.

Existe uma revisão extensiva sobre as diversas aplicações do DS em J. G. Snider e C. E. Osgood (dirs.) intitulada "Semantic differential technique" (1969), na qual se constitui numa apresentação de 52 investigações de diversos autores em diversas áreas, além de incluir uma bibliografia da literatura correspondente a 1066 referências. Além disso, o Psychological Abstracts (PA) resume inúmeros trabalhos sobre o DS.

Díaz-Guerrero e Salas (1975) e Santoro (1975) dedicaram um capítulo de suas obras sobre uma revisão de pesquisas realizadas com o DS e sobre o DS e aquelas que estão sendo conduzidas sobre o diferencial semântico na América Latina, principalmente, México e Venezuela.

2. A TÉCNICA DO DIFERENCIAL SEMÂNTICO NO BRASIL

No Brasil, os trabalhos que utilizam a técnica do DS são relativamente poucos, e não teve a difusão e o desenvolvimento que era de se esperar. A suposição para tal situação pode ser atribuída a várias razões:

a) não é dada uma importância relativa à técnica do DS nos cursos de Psicologia no Brasil, sendo inexistente ou quase inexpressiva a sua menção num programa curricular de psicologia, o que leva a um quase desconhecimento, tanto por parte dos alunos quanto dos professores, da valiosa contribuição que esta técnica pode oferecer. Muitos não sabem até mesmo o que vem a ser o diferencial semântico,

b) até o presente momento não existe um trabalho ou livro sobre a técnica do DS traduzido para o idioma Português;

c) são poucos os trabalhos da literatura estrangeira sobre a técnica do DS, e que dela se tenha utilizado, existentes no Brasil, além de difícil a sua localização, o que leva a um gasto de tempo, dinheiro e paciência por parte do investigador para requerer subsídios básicos de bibliografia para a sua investigação;

d) em geral, as bibliotecas não têm índice por título nem por assunto sobre o DS, o que leva ao investigador ter de ser persistente e paciente em relação a sua localização;

e) o tempo requerido tanto para a construção quanto para a aplicação e análise dos dados é um fator fundamental e crucial. Todos sabemos que nossos professores e investigadores estão, na maioria das vezes, com seus horários esgotados pela multitarefa de dar aulas em três, quatro e em até seis universidades diferentes

que ministram o curso de psicologia;

f) por se tratar de um instrumento de caráter lingüístico, exige a superação de problemas culturais e de linguagem, quer seja na investigação inter quanto intracultural. Deve, pois, a elaboração do DS como um instrumento de estudo da conduta verbal, se ajustar às particularidades de cada idioma;

g) o tratamento dos dados requer o uso de um centro de processamento de dados. Por se tratar de várias etapas de aplicação ao se proceder a construção de um DS, utilizando um número grande de pessoas, de conceitos e de escalas, é necessário que a análise fatorial a ser procedida deva ser feita através do uso de um computador, bem como a outros índices estatísticos;

h) a construção de um DS requer um trabalho minucioso, laborioso e detalhado, necessitando o investigador de perseverança, esforço e capacidade, além de ter tempo e local disponível para tal empreendimento, e uma instituição que financie a pesquisa;

i) em relação à padronização de um diferencial semântico, o mesmo pode ser dito;

j) são poucas as ocasiões em que há uma comunicação pessoal entre investigadores brasileiros, desses com os da América Latina, e desses com outros de outras nacionalidades, salvo nas escassas oportunidades em que têm contatos diretos como em congressos e reuniões profissionais. Por outro lado, o número de revistas científicas brasileiras de psicologia é pouco, em em determinadas áreas da psicologia são praticamente inexistentes.

Além destes problemas, demora-se muito tempo para a divulgação de um trabalho.

No Brasil, apesar das dificuldades possíveis apontadas e ainda de outros fatores secundários, existem alguns trabalhos sobre a técnica do DS e trabalhos com a utilização da técnica do DS.

Depois de serem consultadas 15 revistas de psicologia e outras 30 de áreas correlatas em circulação no Brasil, verificou-se que existem entre 15 e 20 trabalhos que se utilizam da técnica do DS, o que é, portanto, um número bastante reduzido, levando-se em conta seus 30 anos de existência.

Um dos primeiros trabalhos que temos notícia, no Brasil, é o de Kolck e Kolck (1967) que desenvolveram um DS para os conceitos de Masculinidade e Feminilidade, aplicando 45 escalas em 55 Ss de idade entre 19 e 33 anos, todos alunos do primeiro e segundo anos de geologia e pedagogia.

Dando continuação ao trabalho anterior, Kolck (1969), aplicando 52 pares de adjetivos bipolares em 55 universitários com idade média de 23 anos, apresentou quatro fatores hipotéticos: Avaliação, Potência, Comportamento Social e Dinâmica da Personalidade, concluindo pela ineficiência do fator Avaliação para os conceitos de Masculinidade e Feminilidade.

Num artigo sobre estudos interculturais de linguagem, Ginsberg (1967), mostrou as vantagens de aplicação do DS à pesquisa intercultural, apresentando críticas e sugerindo estudos análogos ao de Osgood no nosso meio, tomando grupos bilíngües, grupos indígenas e a população que fale o Português.

Lane (1969), num estudo sobre o significado de adjetivos utilizados nas escalas do DS, procurou verificar se os fatores

descritos por Osgood (os EPA) se definiam nitidamente de acordo com as escalas dos adjetivos escolhidos. Esta pesquisadora concluiu que o fator nitidamente emergente foi o de Avaliação. As escalas de maior peso neste fator foram bom-mau, triste-alegre, sujo-limpo, bonito-feio, pobre-rico, honesto-desonesto, falso-verdadeiro, comprido-curto, pesado-leve, e fácil-difícil. Em relação aos fatores Potência e Atividade, estes se apresentaram como um só fator, o de Dinamismo.

Em outra ocasião Lane (1972), partindo de uma análise intracultural publicada no International Journal of Psychology, de Frijda e Jahoda, dissertou sobre o significado psicológico de palavras em diferentes grupos socioculturais. Esta tese procurou acoplar a teoria da informação à técnica do DS. O objetivo foi o de constatar comportamentos verbais comuns a todos os sujeitos, os específicos de cada grupo e os verbais independentes das condições estudadas. O total de sujeitos foi de 1200, de idade entre 10 e 12 anos, da quarta série do primeiro grau. Os sujeitos foram agrupados sob o prisma sócio-econômico, tomando-se por base os critérios de prestígio ocupacional dos pais e agrupados também quanto aos grupos étnicos, em brasileiros, japoneses, italianos e portugueses, conforme a nacionalidade dos pais e dos avós. De um total inicial de 30 conceitos referentes aos temas Sociedade, Família e Natureza, 15 foram selecionados, tomando-se por base os julgamentos dos professores, segundo o critério de uso no código oral e escrito pelos alunos da quarta série. Os fatores foram o Valorativo, Potência, Estabilidade, Agilidade, Simplicidade, Dimensão e Utilidade. O grupo que mais se diferenciou foi o de japoneses, com respostas bastante estereotipadas, e o que me-

nos se diferenciou foi o de brasileiros. Concluiu Lane (1972) que o comportamento verbal de qualificar estímulos é aprendido em decorrência de reforços sociais, quando ocorre sob certas condições.

Engelmann (1972), num estudo sobre "Predisposições para respostas no DS", aplicou escalas bipolares a dois grupos, um constituído de 2219 normalistas que realizaram 160 avaliações, e outro de 30 universitários que realizaram 592 julgamentos.

Num artigo da E. Maia (1972) intitulado "O que é o diferencial semântico?", a autora apresentou um breve histórico sobre a técnica do DS, sua inserção no quadro teórico da psicologia, sua lógica, além de fornecer um levantamento sumário das áreas de aplicação mais evidentes do diferencial semântico.

Lane (1973), seguindo as etapas adotadas por Osgood acerca da estrutura EPA do significado afetivo, identificou 12 fatores, em São Paulo, dos quais Avaliação, Atividade e Potência foram os mais significativos.

Em outra ocasião, Engelmann (1974) apresentou um trabalho sobre a "Análise fatorial dos estados subjetivos por universitários e normalistas", no qual aplicou escalas do DS.

Santos (1974), num trabalho sobre as "Possibilidades do DS como técnica de identificação de reforço", aplicou uma escala do DS de cinco pontos a pessoas de ambos os sexos, constituída de quatro categorias: a) reforço positivo, b) reforço negativo, c) atividade reforçadora e d) dentro da dimensão Avaliação. Santos (1974) concluiu que a técnica se mostrou de grande utilidade para profissionais que necessitam identificar e hierarquizar reforçadores com o intuito de modificar comportamentos.

Lane e Horta (1975) com o objetivo de verificar como as contingências da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como um todo e as contingências dos grupos dentro dela influíam no significado psicológico de palavras relacionadas com Saúde, aplicou a alunos do primeiro ano e a alunos do quarto, onze palavras (Ser Humano, Doença Física, Doença Mental, Terapêutica, Dor, Saúde Mental, Profilaxia, Morte, Vida, Ansiedade e Saúde Física) que foram avaliadas através de 20 escalas do DS. Lane e Horta concluíram por sete dimensões do significado psicológico das onze palavras, e que foram: Valora-tiva, Potência, Estabilidade, Atividade, Complexidade, Dimensio-nalidade e Utilidade.

Uma outra investigação nacional que utilizou o DS foi a de Martins (1976). Martins (1976) organizou informações relativas a aspectos vocacionais, estudados não só pela psicologia como também por outras áreas do conhecimento humano, com o objetivo de definir uma linha de procedimentos quanto a aspectos teóricos e de aplicação. A partir de trabalhos teóricos produzidos nas décadas de 50 e 60, foi escolhido um "modelo" que sintetizasse as várias contribuições teóricas na área considerada: o modelo de Holland. Baseado na descrição de tipos de personalidade que o modelo de Holland oferece, efetuou-se um estudo descritivo de quatro grupos universitários, com 40 alunos cada: agronomia, educação, odontologia e administração, utilizando-se o diferencial semântico. Todos os sujeitos eram do sexo masculino e do último ano da faculdade. A hipótese principal da pesquisa foi a de que os grupos compostos por estudantes das quatro áreas mencionadas diferiam entre si, quando examinados segundo a proposição de

Holland e através do julgamento de 75 variáveis apresentadas com as escalas do DS.

Xavier (1977) realizou uma análise experimental do significado das pranchas IV e VII do teste de Rorschach, partindo da proposição de que "dada a grande utilização do teste de Rorschach para o exame profundo da personalidade, é certo que uma indicação mais segura dessa significação poderia realmente ampliar e fortalecer seu valor clínico" (p. 841). Trabalhando com 124 crianças "normais" de ambos os sexos, faixa etária entre sete e dez anos, caracterizadas com rendimento intelectual médio e nível sócio-econômico médio-inferior, pediu-se que os sujeitos avaliassem as pranchas IV e VII e os conceitos Pai e Mãe, com o objetivo de se estabelecer o grau de concordância de significação entre os elementos considerados. As escalas bipolares foram retiradas da lista geral de escalas propostas por Osgood e cols. (1957), o que possibilitou, segundo Xavier, "a determinação das 21 escalas do diferenciador, com seus pares de termos polares distribuídos pelos fatores Avaliação, Potência e Atividade". Concluiu o autor por não diferenças significativas entre os sexos, e que para a prancha VII há uma base consistente para a hipótese de significação materna; porém, em relação à prancha IV os resultados não foram claramente definidos, "porém as indicações de Força e Masculinidade que a caracterizam, poderia, de alguma forma, aproximá-la da representação paterna" (p. 841).

Num trabalho sobre os estados subjetivos, Engelmann (1978), continuando seus dois trabalhos iniciais (Engelmann, 1972; 1974), apresentou uma comunicação exaustiva e minuciosa, em seu livro, sobre todas as etapas que utilizou para chegar a uma classifica-

ção dos relatos verbais dos estados subjetivos, além de citar várias críticas que comumente têm sido feitas em relação à bipolaridade das escalas, à divisão do continuum em sete intervalos, o uso de adjetivos como termos polares e a obrigação que os respondentes do DS têm em assinalar todas as escalas. Na sua investigação, Engelmann (1978) utilizou 370 locuções, 18 escalas, sendo 16 bipolares e duas do tipo categorias sucessivas, e dois grupos de sujeitos, normalistas da terceira série de escolas estaduais e universitários do sexo masculino. Os fatores encontrados foram: o primeiro, Hedonístico (os termos polares das escalas que mais contribuíram para este fator sugere que se trata de uma dimensão semelhante à de Avaliação, comumente encontrada nas investigações estrangeiras com as escalas do DS), e o segundo, o de Dinamismo (uma combinação dos fatores de Potência e de Atividade).

São estas as contribuições nacionais sobre o DS. Nesta apresentação sobre as investigações existentes no Brasil acerca do diferencial semântico, o autor do presente trabalho procurou, de maneira mais fiel possível, relatar os resultados encontrados no nosso meio, apesar das dificuldades encontradas desde o início em relação ao conteúdo dos trabalhos, pois a maior parte dos investigadores brasileiros se referem ao DS com suas escalas como se fosse um instrumento já pronto para toda e qualquer situação a ser medida.

O autor é de opinião que, com pouquíssimas exceções, a maior parte dos trabalhos e pesquisas nacionais que se utilizaram do instrumento DS apresentaram algumas falhas metodológicas, de conteúdo e de conclusão.

Assim sendo, pode-se assinalar que a maioria dos trabalhos brasileiros com o DS tiveram suas escalas com seus adjetivos ou outros qualificadores e também os conceitos, de uma forma ou outra, ora traduzidos diretamente de outras investigações da literatura norte-americana ou européia, ora levantados a partir da investigação de línguas que são da mesma família lingüística do idioma Português, um não controle em relação às variáveis relacionadas aos sujeitos como nacionalidade dos pais, ambiente de criação bilíngüe, etcêtera.

O que pode ser dito, também, é que a maior parte das investigações já partiram de uma etapa ulterior, quando comparadas com outros trabalhos estrangeiros que utilizaram a técnica do DS transculturalmente, os quais seguiram passo a passo a realização desde a primeira etapa até a obtenção de uma forma abreviada constituída de 12 escalas representativas--cada quatro escalas correspondendo a uma dimensão dos três fatores EPA--ou um total de 50-60 escalas do DS.

Chegando a este ponto, passemos agora à apresentação das causas iniciais que dirigiram a necessidade do autor diante da escolha do tema, orientado para a cultura do Rio de Janeiro.

3. CARACTERIZAÇÃO DA INSERÇÃO DA PESQUISA NO RIO DE JANEIRO

3.1 - Considerações

3.1.1 - Origem do projeto

A origem desta investigação deve-se à tentativa de explorar as dimensões do espaço semântico do idioma Português⁷ falado na Cidade do Rio de Janeiro, seguindo-se as etapas adotadas por Osgood na demonstração da generalidade universal do sistema predominantemente tridimensional do significado afetivo diante do julgamento de conceitos, a despeito com o que tem ocorrido em 30 comunidades de diversas partes do mundo.

3.1.2 - Problema

O problema sob investigação é: Sendo universal a estrutura dimensional do significado afetivo, e os três fatores predominantes por meio dos quais se pode determinar a ubiquidade do significado afetivo de conceitos no espaço semântico de uma dada língua, isto é, estando presentes ao mesmo tempo em todo e qualquer grupo cultural e lingüístico, correspondentes à estrutura de Avaliação, Potência e Atividade, será que ao se proceder a metodologia estabelecida pelos investigadores do diferencial semântico transcultural, aparecerá em relação ao idioma Português falado no Rio de Janeiro a mesma estrutura EPA?

3.2 - Finalidades e objetivos

3.2.1 - Finalidades

A finalidade da investigação, a qual será descrita mais adiante, foi a de construção de uma forma abreviada de 12 escalas, pela técnica do diferencial semântico--quatro escalas para cada um dos três fatores EPA-- , que representasse o espaço se-

mântico do idioma Português falado por pessoas monolíngües nasci-
das e residentes exclusivamente no Rio de Janeiro.

3.2.2 - Objetivos

3.2.2.1 - Objetivos imediatos

1. Por ã prova a hipótese da universalidade do sistema predominantemente tridimensional do significado afetivo de conceitos, comumente encontrado em grupos culturais e lingüísticos diferentes.

2. Verificar se a estrutura do significado afetivo de conceitos do idioma Português falado no Rio de Janeiro é composta pelos fatores Avaliação, Potência e Atividade, em ordem de importância de carga fatorial significativa.

A comprovação da hipótese de que em relação ao idioma Português emergirão os fatores de Avaliação, Potência e Atividade em ordem de importância de carga fatorial significativa não implica, por sua vez, numa afirmação definitiva e total de que a estrutura dimensional do significado afetivo de conceitos é universal, pois ainda é, e continuará sendo objeto de investigação a ser estudado mediante a técnica do DS em diferentes culturas e línguas, muito embora a maioria das pesquisas sobre o significado afetivo tem reportado uma favorabilidade em relação à generalidade desse sistema, conforme já ressaltamos em tópico anterior.

3. Verificar se emergirão outros fatores expressivos, que não somente os de Avaliação, Potência e Atividade, e se suas cargas fatoriais são significativas.

4. Explorar o espaço semântico do idioma Português

-Rio de Janeiro diante de um grupo de 100 palavras da categoria substantivos.

5. Construção de 50 escalas do tipo diferencial semântico, que representem o espaço semântico do idioma Português comumente falado por pessoas monolíngües nascidas e residentes exclusivamente no Rio de Janeiro.

6. Determinar qual o significado que 100 palavras têm para um grupo de pessoas do Rio de Janeiro, os estudantes adolescentes do sexo masculino.

7. Chegar a uma forma abreviada de 12 escalas, recomendadas à utilização posterior.

3.2.2.2 - Objetivos mediatos

1. Servir de base na elaboração futura de um Atlas Brasileiro de Significados Afetivos (ou Atlas de Significados Afetivos do Idioma Português-Rio de Janeiro), cuja vantagem será a de agrupar uma série de dados e índices relativos às palavras e conceitos do idioma Português, índices estes definidos em número de quinze, os quais servirão de base para futuras investigações intraculturais brasileiras a serem realizadas por psicólogos, sociólogos, lingüistas, antropólogos, comunicadores sociais, cientistas políticos, publicitários, economistas, das mais diversas áreas e por outros investigadores de outras áreas do conhecimento.

2. Ter uma amostragem de escalas do DS do idioma Português falado no Rio de Janeiro que poderão ser utilizadas em futuras investigações por pesquisadores das mais diferentes áreas, entre culturas brasileiras e transculturalmente.

3.3 - Estrutura de referência teórica

3.3.1 - Supostos

3.3.1.1 - Suposto genérico

É caracterizado pela "hipótese do processo de abreviação", que é "a fração ou parte da conduta total que explica o processo de redução característico das reações mediatórias, e que se realiza segundo três princípios:

a) Princípio da interferência: "as reações mediatórias que interferem com as originais tendem a extinguir-se";

b) Princípio de gasto de energia: "quanto maior o gasto de energia, menos provável é que se mantenha uma reação mediatória determinada";

c) Princípio da capacidade discriminativa: "certas reações se condicionam mais facilmente que outras e quanto maior capacidade discriminativa possuir o organismo, maior poderá ser o processo de abreviação".

3.3.1.2 - Supostos específicos

São três os modelos teóricos que se integram para explicar a linguagem e o significado, e que fundamentam o diferencial semântico:

a) Modelo conductual (constituído pela hipótese mediacional e pelo processo representacional): "um padrão de estimulação que não é o objeto é um signo do objeto se ele evoca num organismo uma reação mediatória que (a) é uma parte fracional do comportamento total eliciado pelo objeto e (b) produz auto-estimulação distinta que media respostas que não ocorrem

riam sem a associação prévia entre os padrões de estimulação do não-objeto e do objeto";

b) Modelo espacial: "o significado está constituído por um espaço de n dimensões, das quais três são fundamentais para ubiqüar um conceito dentro do espaço total. As três dimensões principais do significado psicológico são: Avaliação, Potência e Atividade";

c) Modelo métrico: "este modelo serve para implantar o modelo espacial, e é constituído de escalas bipolares, ancoradas por adjetivos opostos e que se expressam por meio de sete intervalos, sendo um deles origem e ponto neutro".

Então, baseado no modelo de Osgood (1952; 1956; 1963a ; 1963b; 1971; 1974; 1976) pode-se afirmar que o sujeito, ao ler as "instruções" escritas que se encontram no formulário, é nele ativado um mecanismo que o predispõe a reagir de determinada maneira quando se apercebe do contexto. O sujeito percebe o conceito. O sujeito percebe a escala com as duas âncoras nas extremidades. O mecanismo atua no sentido de manifestar uma resposta dentre as sete possíveis, entre as duas extremidades de uma dada escala bipolar.

3.3.2 - Hipótese

3.3.2.1 - Hipótese geral

A estrutura fatorial do significado afetivo de conceitos do idioma Português falado no Rio de Janeiro é composta pelas dimensões de Avaliação, Potência e Atividade, em ordem de importância de carga fatorial significativa.

3.3.2.2 - Hipótese operacional

Os 100 conceitos, diante das escalas do DS (que são construídas por um certo número de etapas) são avaliados pelos sujeitos. Após a análise fatorial e posterior rotação Varimax, é verificado quais as escalas que são mais representativas às dimensões emergentes. Se os sujeitos diante dos 100 conceitos avaliam, em ordem de predominância comum estes conceitos, com escalas do tipo bom-mau, agradável-desagradável, bonito-feio; forte-fraco, difícil-fácil, grande-pequeno; e ativo-passivo, rápido-lento, pacífico-violento, então as três primeiras escalas definirão o fator Avaliação, as três seguintes o fator Potência, e as três últimas o fator Atividade.

4. A ESTRUTURA FATORIAL DO SIGNIFICADO AFETIVO NO RIO DE JANEIRO

Na seção anterior foram apresentados os principais delineamentos que se fizeram necessários para justificar a inserção da questão do espaço semântico, das escalas do DS, da estrutura do sistema do significado afetivo, no meio cultural e lingüístico do Rio de Janeiro.

A presente seção 4 trata da exposição das fases e etapas de cada fase requeridas para o desenvolvimento de um DS no Rio de Janeiro, seguindo-se passo a passo a metodologia e estratégias apresentadas por Osgood e seus associados (Osgood, 1962, 1964, 1967, 1971, 1974, 1976; Osgood, Archer e Miron, 1963; Osgood, May e Miron, 1975).

Fase I - Construção das escalas bipolares

Esta fase se compõe de seis etapas.

A primeira etapa constou da tradução da lista padrão de 100 palavras (substantivos) efetuada por 14⁶ tradutores bilíngües, experientes em tradução Inglês-Português, cuja língua-mãe era o Português. Foram também dadas instruções específicas no sentido de que se alguma palavra da lista em Inglês mostrasse dificuldades de correspondência em Português, que aquela depois de traduzida fosse imediatamente assinalada, sublinhada. Foi tomado este tipo de cuidado pois representava um índice adicional para a análise posterior, que permitisse uma tradução a mais fiel possível.

A tabela 1 mostra a relação dos 100 substantivos em Inglês e seus correspondentes definitivos em Português, dos quais 83 mostraram-se unanimemente traduzidos para o Português, e os ou-

tros 17⁹ assinalados com um asterisco que produziram mais de um correspondente para o Português os quais foram reapresentados aos tradutores sob a forma de "múltipla escolha", e que analisados mostraram-se quase que totalmente unânimes.

Tabela 1 - Vide página seguinte.

Tabela 1. Lista dos 100 substantivos em Inglês e seus correspondentes em Português

1. House	Casa	51. Horse	Cavalo
2.*Girl	Menina	52. Marriage	Casamento
3.*Picture	Quadro	53. Game	Jogo
4. Meat	Carne	54. Color	Cor
5. Trust	Confiança	55. Heart	Coração
6. Pain	Dor	56. Friend	Amigo
7.*Defeat	Derrota	57. Death	Morte
8. Book	Livro	58. Knowledge	Conhecimento
9. Lake	Lago	59. Freedom	Liberdade
10. Star	Estrela	60. Belief	Crença
11. Battle	Batalha	61. Success	Sucesso
12. Danger	Perigo	62. Rope	Corda
13.*Simpathy	Simpatia	63. Hand	Mão
14. Progress	Progresso	64. Mother	Mãe
15. Cup	Xícara	65. Knot	Nó
16. Courage	Coragem	66. Life	Vida
17. Thief	Ladrão	67.* Head	Cabeça
18. Bread	Pão	68. Thunder	Trovão
19. Love	Amor	69. Truth	Verdade
20. Fruit	Fruta	70. Author	Autor
21.*Bird	Pássaro	71. Music	Música
22.*Snake	Cobra	72. Sleep	Sono
23. Heat	Calor	73. Future	Futuro
24. Map	Mapa	74. Egg	Ovo
25. Husband	Marido	75. Root	Raiz
26. Rain	Chuva	76. Sun	Sol
27. Tree	Árvore	77. *Dog	Cachorro
28. Stone	Pedra	78. Money	Dinheiro
29. Tooth	Dente	79. *Smoke	Fumaça
30.*Ear	Orelha	80. Fish	Peixe
31. Respect	Respeito	81. Man	Homem
32.*Laughter	Riso	82. Wednesday	Quarta-feira
33. Moon	Lua	83. Chair	Cadeira
34. Wind	Vento	84. Guilt	Culpa
35. Work	Trabalho	85. Luck	Sorte
36.*Story	Estória	86. Peace	Paz
37.*Punishment	Castigo	87. Hair	Cabelo
38. Wealth	Riqueza	88. *Food	Comida
39. Woman	Mulher	89. Seed	Semente
40. Cloud	Nuvem	90. *Policeman	Policial
41. Cat	Gato	91. Father	Pai
42. Poison	Veneno	92. Fear	Medo
43. Crime	Crime	93. Pleasure	Prazer
44. Hunger	Fome	94. *Purpose	Propósito
45. Choice	Escolha	95. Fire	Fogo
46. Noise	Barulho	96. *Doctor	Doutor
47. Need	Necessidade	97. Power	Poder
48. Hope	Esperança	98. Window	Janela
49.*Anger	Raiva	99. River	Rio
50. Tongue	Língua	100. Water	Água

*Substantivos em Inglês que inicialmente apresentaram mais de um (1) correspondente em Português

A segunda etapa constou da eliciação de qualificativos (adjetivos) para os 100 substantivos em Português. O caderno de aplicação desta etapa continha uma folha de instruções, uma de dados pessoais dos sujeitos e cinco outras com os substantivos, cada uma com 20 substantivos, aleatorizadas segundo o modelo greco-latino. Desta forma, pediu-se a uma amostra de 100 estudantes do sexo masculino, da sexta série do primeiro grau à segunda série do segundo grau, idade entre 13 e 18 anos, de nacionalidade brasileira, nascidos na cidade do Rio de Janeiro, que completassem com um qualificativo a lista das 100 palavras da seguinte forma: "A casa é _____." Este procedimento foi seguido até o 100º substantivo, ÁGUA.

Ainda em relação aos dados pessoais dos estudantes, todos tinham como língua falada em casa desde o nascimento exclusivamente o Português. Um outro dado também julgado importante foi a naturalidade dos pais dos estudantes, pois os hábitos lingüísticos dos pais interferem na aquisição do vocabulário e nos aspectos sintáticos de uma língua. A tabela 2 mostra a distribuição da naturalidade dos pais dos estudantes.

Tabela 2. Naturalidade dos pais dos 100 estudantes na etapa de eliciação de qualificativos

Naturalidade dos pais	Freqüência
Ambos da cidade do Rio de Janeiro	53
Ambos de outro município do Rio de Janeiro	3
Um da Cidade do Rio de Janeiro e o outro de outro Estado	27
Ambos de outro Estado	11
Um da Cidade do Rio de Janeiro e o outro estrangeiro ^a	6
Total	100

^aCada um dos seis cônjuges tinham como língua-mãe o Português-Portugal

Conforme revela a tabela 2, 94 estudantes do total da amostra de 100 estudantes têm seus pais--pai e mãe--de nacionalidade brasileira, e os restantes seis pelo menos um dos pais da cidade do Rio de Janeiro e o outro estrangeiro, mas nascido em Portugal.

A tabela 3 revela um dado que foi também importante, se os estudantes residiram somente na cidade do Rio de Janeiro ou em outra cidade e por quanto tempo.

Tabela 3. Tempo de residência dos estudantes de acordo com o local

Local de residência	Tempo de residência	Freqüência
Na cidade do Rio de Janeiro	sempre	92
Em outra cidade do País	6 meses	1
	1 ano	2
	2 anos	1
	3 anos	1
	6 anos	2
	Total	99*

* Um dos estudantes não pode informar por quanto tempo morou em outra cidade

Conforme revela a tabela 3, somente oito estudantes moraram em outras cidades do Brasil que não a do Rio de Janeiro.

A tabela 4 mostra a distribuição das idades dos 100 estudantes na etapa de elicitação de adjetivos para os 100 substantivos.

Tabela 4. Idade dos estudantes que eliciaram adjetivos para os substantivos em Português

Classes de idades ^a	Freqüência
13	4
14	27
15	37
16	21
17	8
18	3
Total	100

^aem anos

Diante desta segunda etapa, é de se esperar que se cada sujeito respondeu a um dado substantivo associando um qualificativo, a produção final de respostas seria então de 10000 (100 sujeitos X 100 substantivos). Os diferentes tipos de respostas associativas dadas pelo grupo de 100 estudantes aos 100 substantivos-estímulos aparecem na tabela 5.

Tabela 5. Tipos de respostas associativas eliciadas por 100 estudantes diante dos 100 substantivos

Tipos de respostas associativas	Freqüência	Categoria não-adjetivos	Freqüência	Porcentos tipos de respostas associativas
Respostas adjetivas	9474 ^a			94,74%
Respostas não-adjetivas	521	Substantivos	317	3,17%
		Verbos	152	1,52%
		Pronomes	21	0,21%
		Gírias	20	0,20%
		Neologismos	11	0,11%
Omissões ^b	5			0,05%
		Total	521	
Total	10000			100%

^a Correspondentes a 1021 tipos de diferentes adjetivos

^b Foi considerado como "omissões" respostas do tipo "em branco"

Pode-se verificar, portanto, que a maneira de qualificar as palavras "substantivos" é basicamente na forma "adjetiva" (94,74%), e que do total de 10000 respostas associativas somente uma pequena parte foram respostas associativas não-adjetivas (5,21%), o mesmo tendo ocorrido com a maior parte das outras 30 comunidades (cf. Osgood e cols., 1975). Observe ainda que foi inexpressiva a quantidade de omissões (0,05%).

Um outro resultado também importante que pode ser ressaltado diante da tabulação manual das respostas dos estudantes que se fez necessária, foi o total de tipos de adjetivos únicos produzidos: 1021 tipos de adjetivos¹⁰ diferentes. Em relação a este dado, Osgood e cols. (1963) afirmam que quanto mais elevado o número de adjetivos únicos produzidos como respostas associativas-qualificativas a substantivos em uma determinada cultura, menos estereotipada é a maneira pela qual as pessoas pertencentes a esta comunidade julgam e avaliam as coisas do seu meio.

Um dado importante fornecido pela análise subsequente ao trabalho de levantamento das 1021 variáveis produzidas, é mostrado na tabela 6. Observe que houve 453 adjetivos que apareceram cada um somente uma vez dentre o total dos 1021 tipos de adjetivos; 147 adjetivos apareceram como resposta associativa com frequência igual a dois; e assim por diante--por economia de espaço, na tabela 6 somente aparece o número de adjetivos cuja frequência de aparição variou de 1 à 10, que por si representa 869 adjetivos diferentes de um total de 1021, referentes a 2099 respostas associativas-adjetivas de um total de 9474.

Tabela 6. Número de tipos únicos de adjetivos diferentes em relação à frequência com que aparecem como respostas as sociativas aos 100 substantivos

Classes de frequência ^a	Número de <u>tipos</u> únicos
1	453
2	147
3	96
4	50
5	33
6	21
7	20
8	22
9	13
10	14
Total	869

^aaqui estão representados so mente os adjetivos de f=1 , f=2, até f=10

A terceira etapa diz respeito ao procedimento necessário na seleção dos adjetivos mais expressivos dentre aqueles 1021 ti pos de adjetivos diferentes. A seleção dos adjetivos foi exe - cutada mediante três critérios: 1) somente adjetivos de mais alta freqüência de uso, 2) somente adjetivos de maior diversidade de uso, e 3) somente adjetivos de maior relativa independência de uso.

O primeiro critério diz respeito ao número de vezes que um determinado adjetivo apareceu como resposta associativa aos 100 substantivos. O segundo critério diz respeito ao número de substantivos diferentes com os quais um determinado adjetivo tem sido associado--teoricamente a diversidade máxima possível de um

adjetivo é igual a 100, pois foram 100 os substantivos. O terceiro critério diz respeito a que estávamos interessados em formas denotativamente independentes, linguisticamente falando, de julgamentos dos 100 substantivos conforme foi realizado na etapa inicial, no sentido de tornar possível na presente etapa eliminar com certa relatividade formas redundantes ou similares de julgamento dos substantivos mediante os adjetivos.

Os dois primeiros critérios dizem respeito a que queremos as formas mais produtivas de julgamento. Estes dois critérios foram traduzidos pelo índice H de Shannon (Shannon e Weaver, 1949) da teoria matemática da comunicação, que é uma medida do grau de importância da informação, analisando conjuntamente frequência e diversidade de uso, no nosso caso, dos adjetivos. Basicamente, quanto maior o valor H, maior a entropia ou informação de uma dada variável, sugerindo um menor grau de estereotipia pelo grupo de sujeitos quando qualificaram o grupo de substantivos mediante adjetivos. Por exemplo, se todos os 100 sujeitos respondem com o adjetivo bom aos 100 substantivos, então o valor de H será o máximo possível, teoricamente falando; se, ao contrário, um dado adjetivo aparece somente uma vez ante um só estímulo, conforme ocorreu com os 453 adjetivos de frequência igual a 1 (cf. tabela 6, p. 49), ou se ele aparece mais de uma vez mas diante de somente um estímulo, seu valor H será igual a zero. O índice H é pois utilizado para ordenar os adjetivos em termos de sua "significatividades".

O terceiro critério foi traduzido pelo índice de correlação Phi entre cada par de adjetivos. No Apêndice II damos um exemplo de cálculo manual do índice H e da correlação Phi, neces

sários aos tratamentos específicos dos adjetivos desta etapa¹¹. Como o trabalho manual de cálculo seria por demais cansativo e dispendioso quanto ao tempo requerido para aquela finalidade, e como não se teve acesso aos programas computacionais, foi necessário desenvolver um programa específico para o cálculo de H e um outro para o cálculo do coeficiente Phi (Pereira e Magalhães, 1980; Magalhães e Pereira, 1980).

Num primeiro plano codificou-se a distribuição dos adjetivos ao longo dos substantivos, em folhas de codificação próprias para esta finalidade. A distribuição de freqüências das variáveis--os adjetivos--ao longo dos conceitos foi então perfurada em cartões IBM.

A tabela 7 é o output do programa conduzido para o cálculo do índice H dos 1021 adjetivos. Por economia de espaço são apresentadas apenas as 10 primeiras variáveis de mais alto valor H. No Apêndice III reproduzimos os 200 primeiros adjetivos classificados pela ordem de valor H, com a freqüência total de utilização, a diversidade de uso e o valor numérico do índice H com cinco dígitos decimais¹².

Tabela 7 - Vide página seguinte.

A tabela 7 apresenta na primeira coluna a classificação por ordem de valor \underline{H} (os adjetivos de mais alto valor \underline{H} sendo listados em primeiros lugares), na segunda coluna o nome do adjetivo correspondente, e no corpo da tabela, respectivamente, a frequência com que aparece o adjetivo em cada um dos 100 substantivos da lista padrão, o valor do índice \underline{H} com oito dígitos decimais, a diversidade do adjetivo e a frequência de uso total do adjetivo. Observe, como exemplo, que o adjetivo bom, primeiro classificado por ordem \underline{H} ($\underline{H}=0,33$), com frequência de uso total igual a 573 e diversidade de uso igual a 75, teve uma frequência de uso igual a zero para o primeiro conceito (CASA), frequência 5 para o conceito MENINA (segundo conceito), frequência 1 para QUADRO, etc.

Num segundo plano, os 149 primeiros adjetivos de mais alto índice \underline{H} da lista anterior foram correlacionados entre si, cada um com o outro subsequente da lista, com o objetivo de eliminar os adjetivos que apresentassem uma distribuição semelhante a outros adjetivos. Um total de 11026 correlações Phi foram conduzidas pelo IBM 370. Com o objetivo de se poder analisar mais minuciosamente esta quantidade de correlações, transcrevê-mo-las uma a uma numa folha de papel com dupla entrada ("adjetivo vs. adjetivo"). Sempre que um determinado adjetivo se correlacionava com um outro adjetivo da lista por um valor Phi igual ou maior do que 0,29 ($\alpha=0,005$), o de maior valor \underline{H} era retido como aceito, e o de menor valor \underline{H} descartado, sob o ponto de vista de que ambos os adjetivos revelavam uma distribuição de frequências relativamente idênticas, ou seja, uma coincidência de aparição diante dos mesmos substantivos, tendo portanto uma relativa de-

pendência de uso entre si.

A primeira coluna da tabela 8 mostra o posto H por ordem de classificação de acordo com o valor H ; a segunda coluna o nome dos adjetivos mais significativos para o Português-Rio de Janeiro eliciados pelo grupo de estudantes diante do grupo de substantivos; a terceira, a quarta e a quinta colunas, respectivamente, a frequência de uso, a diversidade e o valor do índice H ; a sexta coluna o assinalamento dos adjetivos que obtiveram uma correlação Φ menor do que o valor crítico 0,29 com um outro adjetivo anterior da lista (os adjetivos assinalados nesta coluna foram portanto aceitos); a sétima coluna o assinalamento dos adjetivos que obtiveram uma correlação Φ igual ou maior do que 0,29 com um outro adjetivo anterior da lista (os adjetivos assinalados nesta coluna foram portanto rejeitados); a oitava coluna o número de código do adjetivo de maior valor H responsável pelo descarte do adjetivo anteriormente listado de menor índice H ; a nona coluna a magnitude da correlação Φ entre o adjetivo descartado e o adjetivo responsável pelo descarte; a décima coluna a mais alta correlação Φ que um dado adjetivo obteve com um outro adjetivo qualquer da lista; a 11^a coluna o número da variável responsável pelo mais alto Φ com uma outra variável; a 12^a coluna o valor das mais altas correlações de uma variável anteriormente aceita com as variáveis anteriormente aceitas pelo critério Φ (nesta coluna da tabela 8 aparecem somente as correlações Φ igual ou acima de 0,10); e a coluna 13^a o número de código da variável anteriormente aceita que obteve correlações Φ igual ou acima de 0,10 (observe que logicamente sempre menores do que 0,29) com outras variáveis anteriormente aceitas. Por eco

nomia de espaço, na tabela 8 são apresentados somente os 25 primeiros adjetivos de mais elevado valor H submetidos ao critério Phi de seleção dos adjetivos. No Apêndice IV estão reproduzidos os 149 primeiros adjetivos de maior valor H submetidos ao critério Phi de seleção, apresentados em um formato diferente.

Tabela 8. Procedimento Phi de seleção dos adjetivos

Posto <u>H</u>	Adjetivos	Freqüência	Diversidade	Índice <u>H</u>	<u>PHI</u> abaixo .29	<u>PHI</u> acima .29	Número da Variável	Intensidade <u>PHI</u>	Mais alto <u>PHI</u>	Número da Variável	Mais altos <u>PHI</u> s	Número da Variável
1	Bom	573	75	.326	X							
2	Grande	437	73	.243	X							
3	Bonito	263	49	.128	X			.15	2	.15(2)		
4	Necessário	225	55	.116		X	1	.45	.45	1		
5	Forte	233	50	.115	X			.10	4			
6	Ruim	230	45	.112	X			.22	5	.22(5)		.10(1)
7	Pequeno	183	51	.094		X	2	.35	.35	2		
8	Gostoso	187	26	.070	X			.18	1	.18(1)		
9	Lindo	132	37	.062		X	3	.45	.45	3		
10	Duro	177	26	.061	X			.12	4	.11(6)		.10(2)
11	Importante	113	45	.058		X	1	.34	.37	4		
12	"Chato"	123	38	.057	X			.20	6	.20(6)		.17(1)
13	Belo	117	40	.056		X	3	.38	.64	9		
14	Branco	135	20	.047	X			.21	3	.21(3)		
15	Quente	160	19	.043	X			.24	8	.24(8)		.20(14)
16	Ótimo	83	39	.042		X	1	.46	.46	1		
17	Mau	86	28	.035		X	6	.33	.33	6		
18	Alegre	90	26	.035	X			.32	16	.24(1)		.17(8)
19	Perigoso	81	27	.034	X			.32	17	.13(6)		
20	Horrível	70	26	.029		X	6	.52	.52	6		
21	"Legal"	62	34	.029		X	1	.37	.55	16		
22	Feio	65	30	.029	X			.22	14	.22(14)	.19(3)	.13(15)
23	Amigo	81	15	.025	X			.23	21	.20(3)	.19(12)	.15(22)
24	Agradável	56	26	.024		X	18	.32	.51	16		.14(14)
25	Triste	60	23	.024		X	6	.37	.38	20		

Na tabela 8 observe, como exemplo, que o adjetivo necessário, o quarto classificado por índice H, obteve uma correlação Phi maior do que 0,29 (Phi= 0,45) com o primeiro adjetivo classificado por índice H de nome bom, sendo portanto descartado o necessário, e que a mais alta intensidade de correlação Phi deste adjetivo com um outro anterior na lista foi com o próprio adjetivo bom.

A tabela 8, e de forma mais completa o Apêndice IV, revelam a existência de determinados grupos de adjetivos que obtiveram altas correlações (igual ou maior do que 0,29) com um único adjetivo, como por exemplo necessário, importante, ótimo, "leal" e maravilhoso com o adjetivo bom; mau, horrível, triste, doloroso, cruel, etc, com o adjetivo ruim; velho, humano, seguro, leal, excelente, amoroso, mentiroso, honesto e bravo com o adjetivo amigo; e assim por diante.

Note também que existe um grupo de adjetivos nominalmente opostos (antônimos) que apresentaram uma alta correlação Phi. Assim, grande com pequeno (Phi=.35), forte com fraco (Phi=.29), curto com comprido (Phi=.40), curto com longo (Phi=.39), duro com mole (Phi=.33), inteligente com "burro" (Phi=.66), esperto com "burro" (Phi=.36), leve com pesado (Phi=.48), mútuo com indivídual (Phi=.32), novo com velho (Phi=.35), etc.

As altas correlações encontradas, tomadas como um "índice de dependência", parecem sugerir que determinados pares de adjetivos, quer sejam sinônimos por um lado ou sejam antônimos por outro, apresentam-se intercambiavelmente, ainda mais quando se leva em conta que tais adjetivos mostraram-se com uma magnitude de intensidade H relativamente elevada. A intercambialidade de-

demonstrada pelas respostas adjetivas, deve-se à razões lógicas; no caso de respostas adjetivas antônimas, à permutabilidade inerente à língua, e no caso de respostas adjetivas sinônimas, à coincidência com que são elicitadas como respostas associativas (ou não serem elicitadas) diante dos conceitos.

Merece ainda um estudo pormenorizado--tal como sugerido por Osgood et alli (1963)--o grau de permutabilidade semanticamente denotativa entre adjetivos que apresentam um elevado índice de informação H , como uma forma que as pessoas encontram e utilizam em qualificar as coisas, as pessoas, os acontecimentos, os comportamentos de outras pessoas, etc, levando-se também em consideração (a) o grau de familiaridade da pessoa que avalia diante do que está sendo avaliado, (b) a qualidade e a quantidade de alternativas possíveis de respostas do avaliador, (c) os fatores situacionais ou momentâneos diante da tarefa a ser executada, (d) o nível de compreensão do avaliador, (e) outros fatores.

Seguindo os procedimentos delineados por Osgood e seguidores, os resultados por nós encontrados, para o grupo de estudantes do Rio de Janeiro diante do julgamento da lista padronizada de 100 conceitos em Português, são revelados na tabela 9. Na tabela 9 são reproduzidos os 63 primeiros adjetivos que cumpriram com o critério de produtividade (portanto os mais saliêntes e de maior diversidade) e com o de independência relativa, os adjetivos de mais elevado valor H aparecendo em primeiro plano.

Tabela 9. Lista dos 63 primeiros adjetivos que cumpriram com os critérios F e Phi de seleção--Rio de Janeiro^a

Adjetivo	Posto <u>H</u> ^b	Adjetivo	Posto <u>H</u> ^b
Bom	1	Grosso	64
Grande	2	Terrível	66
Bonito	3	Calm	70
Forte	5	Falso	73
Ruim	6	Barulhento	74
Gostoso	8	Largo	75
Duro	10	Total	78
"Chato"	12	Muito	81
Branco	14	Colorido	82
Quente	15	Esperto	90
Alegre	18	"Bacana"	93
Perigoso	19	Incerto	94
Feio	22	Cinza/ento	97
Amigo	23	Doce	100
Difícil	26	Justo	102
Vital	27	Irritante	107
Preto	28	Perfeito	109
Tudo	29	Puro	117
Frio	30	Pacífico	118
Curto	33	Bondoso	120
Útil	34	Marrom	122
Vermelho	35	Vivo	126
Natural	44	Caro	129
Livre	45	Poluído	133
Brilhante	48	Magnífico	134
Alto	49	Mútuo	136
Rápido	50	Violento	138
Escuro	51	Destruidor	142
Interessante	55	Estranho	143
Limpo/ido	58	Suave	146
Profundo	59	Esperançoso	149
Inteligente	62		

^aOs 63 adjetivos foram selecionados do total de 1021 adjetivos

^bNesta coluna são mantidos os postos H originais

Índice H dos conceitos

Os conceitos-estímulos--os substantivos--o que realmente são? O que representam? Quais as suas semelhanças ou diferenças? Quais as suas particularidades?

Com o objetivo de tornar comparável a entropia ou a informação de cada estímulo inicial (os conceitos) foi conduzido o cálculo do índice H para cada um dos 100 conceitos-estímulos, utilizando a fórmula e o procedimento tais como descritos no Apêndice II, quando efetuado para os adjetivos.

Neste sentido, se um dado conceito apresenta um elevado valor H, ele condiz um menor grau de estereotipia por parte dos sujeitos quando o julgaram, ou seja, o padrão de respostas qualificativas diante daquele conceito foi bastante diversificado; por outro lado, um menor valor H condiz um maior grau de estereotipia e o padrão de respostas qualificativas é do tipo compactado.

Teoricamente falando, se 100 sujeitos dão 100 respostas associativas diferentes diante de um dado conceito, a diversidade de respostas diante daquele conceito é máxima ($Div = 100$), o índice H é máximo ($H = .06644$), o grau de estereotipia é "nulo" e o conceito é classificado como totalmente amorfo; ao contrário, se todos os 100 sujeitos dão uma mesma resposta associativa--apenas um único tipo de resposta associativa--diante de um dado conceito, a diversidade de respostas diante do conceito é mínima--a unidade--($Div = 1$), o índice H de informação é nulo ($H = 0$), o grau de estereotipia é 100% e o conceito é classificado como totalmente estereotipado.

A tabela 10 mostra a disposição dos 100 conceitos classi

ficados por ordem de valor H , para a amostra de estudantes do Rio de Janeiro, cuja língua materna é o Português, onde o posto igual a 1 corresponde ao mais alto índice H de informação, conlevando um padrão bastante diversificado de respostas associativas.

Tabela 10. Os 100 conceitos classificados por ordem de valor H^a

1 PERIGO	26 MÃO	51 AMOR	76 CORDA
2 PODER	27 SIMPATIA	52 DINHEIRO	77 PÁSSARO
3 CRIME	28 FUMAÇA	53 MAPA	78 LAGO
4 ESTÓRIA	29 RAIZ	54 MÚSICA	79 LÍNGUA
5 POLICIAL	30 PRAZER	55 COP	80 SEMENTE
6 RAIVA	31 BATALHA	56 FUTURO	81 JANELA
7 MORTE	32 JOGO	57 TRABALHO	82 NUVEM
8 PROGRESSO	33 VIDA	58 SORTE	83 NÓ
9 PAZ	34 BARULHO	59 ÁRVORE	84 COBRA
10 PEIXE	35 CONHECIMENTO	60 LADRÃO	85 CARNE
11 MARIDO	36 FOME	61 DOR	86 DENTE
12 CRENÇA	37 DOUTOR	62 CABECA	87 VENENO
13 LIBERDADE	38 ORELHA	63 CHUVA	88 VENTO
14 CORAGEM	39 XÍCARA	64 LUA	89 CASA
15 RIQUEZA	40 CADEIRA	65 QUARTA-FEIRA	90 PÃO
16 PROPÓSITO	41 RIO	66 CORAÇÃO	91 FRUTA
17 ESPERANÇA	42 CAVALO	67 MULHER	92 MENINA
18 CONFIANÇA	43 QUADRO	68 PAI	93 CALOR
19 NECESSIDADE	44 CASAMENTO	69 CABELO	94 OVO
20 MEDO	45 ÁGUA	70 AMIGO	95 ESTRELA
21 CULPA	46 HOMEM	71 RISO	96 SOL
22 VERDADE	47 ESCOLHA	72 MÃE	97 COMIDA
23 DERROTA	48 CACHORRO	73 LIVRO	98 TROVÃO
24 GATO	49 SUCESSO	74 RESPEITO	99 FOGO
25 AUTOR	50 CASTIGO	75 SONO	100 PEDRA

^a onde o posto=1 indica o mais elevado valor H

No Apêndice V são apresentadas as distribuições de frequências das respostas associativas diante dos 15 substantivos — estímulos menos estereotipados—Apêndice V-A—e dos 15 mais estereotipados—Apêndice V-B, quando 100 estudantes masculinos do Rio de Janeiro julgaram o total de 100 substantivos.

No Apêndice V-B pode-se verificar que o substantivo PEDRA (posto H igual a 100) foi o mais estereotipado dos substantivos

($H = .02677$), produzindo uma diversidade de apenas 27 respostas associativas distintas (para um máximo possível de 100), dentre as quais duro foi a mais freqüente ($f_{\text{freq}} = 62$), e um total de apenas 18 qualificativos (para um máximo possível de 100) de freqüência igual a 1 (somente 9 qualificativos apresentaram uma freqüência de resposta maior do que 2--duro, redondo, pesado, pequeno, grande, bonito, forte, pontudo e NA), revelando portanto que os estudantes mostraram uma maneira bastante compactada, altamente estereotipada, na forma pela qual julgaram o conceito PERIGOSA. O mesmo quadro geral ocorreu com os substantivos FOGO (posto $H=99$, $H=.03000$ e $Div=25$), TROVÃO, COMIDA, etc.

Por outro lado, no Apêndice V-A pode-se verificar que os conceitos PERIGO, PODER, CRIME, ESTÓRIA, POLICIAL, etc são os mais amorfos, apresentando um padrão altamente diversificado de respostas associativas.

Tomando-se como dados numéricos as diversidades dos 15 substantivos de mais elevado valor H e comparando-as com as diversidades dos 15 de menor valor H , os primeiros resultaram em uma diversidade média igual a 53,27, uma diversidade mediana igual a 52, amplitude entre 62 e 48 ($AT = 15$) e um desvio padrão igual a 4,06; já os 15 substantivos de menor valor H resultaram em uma diversidade média igual a 27,80--quase a metade da diversidade média dos primeiros 15 substantivos de maior valor H --uma diversidade mediana igual a 27--também quase a metade da diversidade mediana apresentada pelos primeiros 15 substantivos de mais elevado H --, amplitude entre 22 e 33 ($AT = 12$) e um desvio padrão igual a 3,23. Pode-se concluir que foram expressivas as diferenças encontradas diante do formato da distribuição de respos

tas associativas com as quais os estudantes avaliaram os distintos conceitos, apresentando os conceitos diferenças marcantes quanto ao seu grau de estereotipia, sendo que alguns são caracteristicamente amorfos e outros altamente estereotipados, atestado pelo índice H e pela diversidade de cada conceito.

Olhando ainda para a tabela 10 ou para o Apêndice V, dentre os 15 conceitos de menor valor H, com exceção de MENINA, VENENO e DENTE (conceitos ligados ao corpo humano, segundo a classificação oferecida por Osgood e cols., 1975, p.453 e seqs.) todos os demais conceitos se referem a objetos ou eventos físicos inanimados, predominando simbolismos concretos ligados à natureza--FOGO, TROVÃO, SOL, ESTRELA e VENTO, alimentos--COMIDA, OVO, FRUTA e PÃO, objetos e materiais--PEDRA, FOGO, SOL, CALOR e VENTO, e habitação--CASA; dentre os 15 conceitos de maior valor H, com exceção de PEIXE (objeto alimentar e animal) todos os demais conceitos se referem a estados ou predisposições caracteristicamente ligados ao homem, predominando relações interpessoais--PODER, CRIME, POLICIAL, PAZ e CRENÇA, filosofia--PROGRESSO, CRENÇA, LIBERDADE e CORAGEM, simbolismos abstratos--RAIVA e CORAGEM, comunicações--ESTÓRIA e PROGRESSO, atividades humanas--POLICIAL e PROGRESSO, tempo--MORTE e PROGRESSO, relações sociais--PERIGO e MARIDO, e simbolismos concretos ligados ao homem--PROGRESSO, PAZ e RIQUEZA.

A quarta etapa constou da obtenção de opostos para os 63 adjetivos que foram selecionados mediante a aplicação dos critérios descritos na etapa três.

Para a obtenção de adjetivos opostos, a lista dos 63 adjetivos originais foi submetida em campo, em situação natural de

sala de aula, a um grupo de 65 pessoas informantes independentes, todas do Rio de Janeiro, lingüisticamente sofisticadas no idioma Português falado no Rio de Janeiro, sendo 10 estudantes de cursos regulares de primeiro e segundo graus, 14 professores do curso superior em Letras e 41 estudantes em curso universitário, para que eliciassem um adjetivo oposto para cada adjetivo original da lista¹³.

Foram dadas instruções tanto escritas quanto oralmente no sentido de que evitassem dar como oposto palavras difíceis, ambíguas e de pouco uso comum; ao contrário, pediu-se-lhes que elicitassem como opostos palavras conhecidas, simples e de uso corrente, portanto de fácil entendimento para estudantes de idade entre 12 e 19 anos, a quem a Fase II se dirigiria.

A tabela 11 a seguir mostra a relação dos 63 adjetivos e seus opostos obtidos em campo, alguns adjetivos apresentando mais de um oposto, tal como produzidos pelos 65 informantes. Deste total, 31 adjetivos tiveram uma freqüência de seu oposto acima de 75% dos casos; outros 7 adjetivos entre 75% e 60%; 9 outros adjetivos entre 60% e 50%; 11 adjetivos inferiores à 50% mas de freqüência de oposto ainda consideravelmente alta; e somente 5 adjetivos com freqüência de "respostas em branco" superior à de opostos.

Tabela 11 - Vide página seguinte.

Tabela 11. Opostos mais expressivos para os 63 adjetivos

A. Adjetivos e opostos acima de 75% dos casos^a

Adjetivo ^b	Oposto	Freq.
Grande	Pequeno	65
Bonito	Feio	61
Forte	Fraco	65
Ruim	Bom	57
Duro	Mole	61
Branco	Preto	57
Quente	Frio	65
Alegre	Triste	64
Feio	Bonito	58
Amigo	Inimigo	65
Difícil	Fácil	65
Preto	Branco	62
Tudo	Nada	62
Frio	Quente	65
Útil	Inútil	61
Natural	Artificial	54
Livre	Preso	57
Alto	Baixo	65
Escuro	Claro	65
Limpo/ido	Sujo	56
Inteligente	"Burro"	50
Grosso	Fino	64
Falso	Verdadeiro	53
Largo	Estreito	55
Muito	Pouco	63
Incerto	Certo	58
Justo	Injusto	58
Perfeito	Imperfeito	61
Puro	Impuro	49
Vivo	Morto	63
Caro	Barato	65

B. Adjetivos e opostos entre 75% e 60% dos casos^a

Adjetivo ^b	Oposto	Freq.
Bom	Mau	40
Gostoso	Ruim	42
Vital	Mortal	39
Interessante	Desinteressante	43
Profundo	Superficial	42
Total	Parcial	43
Colorido	Incolor	39

C. Adjetivos e opostos entre 60% e 50% dos casos^a

Adjetivo ^b	Oposto	Freq.
Curto	Comprido	36
Brilhante	Opaco	33
Rápido	Lento	33
Barulhento	Silencioso	33
Doce	Amargo	34
Bondoso	Maldoso	38
Poluído	Limpo/ião	35
Destruidor	Construtor	33
Estranho	Conhecido	34

^aN=65, sendo dez estudantes do primeiro e segundo graus, 14 professores do Curso de Letras e 41 estudantes do quarto período do Curso de Graduação em Psicologia.

^bOs adjetivos desta coluna aparecem em ordem de mais elevado índice H.

Tabela 11(continuação)

D. Adjetivos e opostos inferiores à 50% dos casos^a

Adjetivo ^b	Oposto(s)/Frequência
*Bom	Ruim(25)
*Ruim	Gostoso(5)
*Gostoso	Horrível(10)
*Duro	Macio(4)
"Chato"	Agradável(17) "Legal"(14) "Bacana"(10) Interessante(8) XX(7) Bom(4)
*Branco	Escuro(6)
*Feio	Lindo(4) Belo(3)
*Vital	XX(9) Sem-importância(4) Fatal(4)
*Curto	Longo(27)
*Brilhante	Fosco(24) Escuro(3)
*Rápido	Devagar(12) Vagaroso(9) Lerdo(4)
*Interessante	"Chato"(12)
*Profundo	Raso(22)
*Inteligente	Ignorante(4) XX(4)
Terrível	Bom(13) Ótimo(12) XX(11) Maravilhoso(5) Agradável(4)
Calmo	Nervoso(29) Agitado(16) Inquieto(4) Irritado(4)
*Barulhento	Quieto(11) Calmo(10) Sossegado(7)
*Total	XX(8) Nada(5)
*Colorido	Preto-e-Branco(6) Branco(5)
Esperto	Bobo(28) "Burro"(8) Apático(4) XX(4) Ingênuo(3) Passivo(3)
"Bacana"	"Chato"(26) Horrível(9) XX(7)
Cinza/ento	Claro(19) XX(17) Branco(11) Limpo/ido(5)
*Doce	Salgado(23) Azedo(7)
Irritante	Agradável(22) Calmo(9) XX(7) Amável(5)
*Puro	Misturado(9) Sujo(4)
Pacífico	Violento(12) Agitado(11) Guerreiro(10) XX(10)
*Bondoso	Mau(7) Malvado(5) Ruim(4) Perverso(3) Malévolo(3)
*Poluído	Puro(14) Despoluído(7)
Violento	Calmo(31) Pacífico(13) Carinhoso(3) Manso(3)
*Destruidor	Construidor(11) Construtivo(8) Conservador(8)
*Estranho	Familiar(10) Comum(5) Natural(3)
Suave	Pesado(15) Forte(13) Áspero(8) Bruto(5) Brusco(3) Agressivo(3) Rude(2)
Esperançoso	Desesperançoso(29) XX(9) Pessimista(7) Desiludido(5) Desesperado(5)

^aN=65 sujeitos; ^bOs adjetivos desta coluna aparecem em ordem de mais elevado índice H; *Apareceram anteriormente na tabela 11-A, ou 11-B ou 11-C, com frequência de um oposto superior à frequência do oposto desta tabela 11-D; XX é um símbolo que indica omissão, ou seja, resposta "em branco".

E. Adjetivos que apresentaram frequência de "resposta em branco" superior à dos opostos^a

Adjetivo ^b	Opostos mais frequentes
Perigoso	XX(17) Seguro(11) Tranquilo(8) Inofensivo(6) Calmo(6)
Vermelho	XX(13) Verde(12) Branco(9) Preto(8) Azul(7) Rosa(6) Amarelo(4)
Marrom	XX(19) Amarelo(12) Bege(11) Claro(6)
Magnífico	XX(17) Horrível(13) Insignificante(6) Péssimo(5) Horroroso(3) Terrível(3) "Chato"(3)
Mútuo	XX(16) Individual(15) Separado(9) Unilateral(5) Único(4) Isolado(3)

^aN=65 sujeitos; ^bOs adjetivos aparecem em ordem de mais elevada valor H; XX indica omissão, ou seja, resposta "em branco".

A quinta etapa, a de seleção das escalas, constou de uma análise minuciosa de cada um dos 63 pares de adjetivos opostos que cumpriram com os requisitos pré-estabelecidos. Por outro lado, queríamos garantir que escalas julgadas importantes e interessantes para a cultura do Rio de Janeiro fossem incluídas e outras readmitidas, pois por algum critério estatístico "fechado" tinham sido eliminadas. Outras, ao contrário, deveriam ser eliminadas por serem julgadas inapropriadas, duvidosas, inexpressivas, similares ou redundantes devido a características próprias da nossa cultura e também aos critérios da etapa quatro, anteriormente levantados.

A análise tanto quantitativa quanto qualitativa dos 63 pares de adjetivos escalares nos permitiu chegar às seguintes conclusões: (1) Escalas eliminadas (total igual a 10): (1.1.) segundo o critério de frequência do oposto relativamente inferior à 50% dos casos e/ou dois ou mais opostos de elevada frequência: "chato"-agradável, terrível-bom, "bacana"-"chato" e cinza/ento-claro; (1.2.) por serem intercambiáveis: feio-bonito, preto-branco e frio-quente--são intercambiáveis, respectivamente com as escalas bonito-feio, branco-preto e quente-frio; (1.3.) pela frequência de "respostas em branco"--não-respostas--superior à dos opostos: marrom-amarelo; e (1.4.) por serem similares ou redundantes: poluído-limpo/ido (similar à limpo/ido-sujo) e vio-lento-calmo (similar à calmo-nervoso e pacífico-violento). (2) Escalas mantidas, apesar da frequência de "respostas em branco" ser superior à dos opostos (total igual a 4): perigoso-seguro, vermelho-verde, magnífico-horrível e mútuo-individual. (3) Escalas reincluídas (total igual a 7): (3.1.) apesar de seus adjeti

vos terem sido excluídos no início pelo critério Phi (entre parênteses aparece a percentagem do oposto obtido na etapa quatro anterior): necessário-desnecessário (86%), agradável-desagradável (94%), certo-errado (77%), velho-novo (86%) e péssimo-ótimo (77%); (3.2.) por se julgar serem relevantes em campo: simpático-antipático¹⁴ e passivo-ativo-apesar de simpático ter tido um posto H igual a 243, antipático índice H igual a zero (frequência igual a 1), passivo (a mesma situação de antipático) e ativo não foi elicitado como resposta a nenhum dos 100 substantivos (não apareceu na lista dos 1021 adjetivos).

Portanto, dos 63 pares de adjetivos opostos, 10 escalas foram eliminadas e 7 adicionadas, perfazendo um total de 60 escalas diante das quais 200 sujeitos julgarão os 100 substantivos na Fase II.

Perante as 60 escalas, dois tipos de análises são comumente executadas pelos investigadores que lidam com a questão da estrutura do significado afetivo: a análise da reciprocidade de cada par de opostos de cada escala, para todas as escalas--a que mede a opositividade funcional-- e a análise do julgamento de cada adjetivo escalar diante de todas as escalas, para todos os adjetivos escalares, utilizando-se a análise fatorial--o que ajudaria a identificação dos fatores predominantes que compõem o significado afetivo, previamente à Fase II.

A análise das características métricas das 60 escalas levantadas para a cultura do Rio de Janeiro será objeto de estudo posterior à consecução da presente dissertação; os resultados encontrados na Fase II, que serão relatados a seguir, auxi

liarão os "refinamentos escalares" a serem conduzidos em futuras investigações.¹⁵

Um resultado interessante diz respeito aos valores H de cada par de adjetivos opostos. Ross e Levy (1960) apontaram que adjetivos opostos nas escalas do tipo DS têm valores H diferentes. Osgood et alli (1963, p.20-21, V.I) sugeriram que não existem diferenças marcadamente acentuadas entre os postos H de adjetivos opostos nas escalas do tipo DS, ao considerarem oito diferentes grupos culturais e lingüísticos na investigação transcultural por eles conduzida. No nosso caso, os adjetivos opostos de cada par de adjetivos escalares mostraram valores H e por conseguinte postos H relativamente diferentes; por exemplo, o adjetivo bom H = .32618 (posto H = 1) e seu oposto mau H = .03472 (posto H = 17), grande H = .24255 (posto H = 2) e pequeno H = .09376 (posto H = 7), e assim por diante, conforme mostra a tabela 12 que inclui os 15 primeiros pares de adjetivos opostos escalares.

Tabela 12. Postos \bar{H} e valores \bar{H} dos 15 primeiros pares de adjetivos opostos do DS-Rio de Janeiro

ADJETIVO ORIGINAL	ADJETIVO OPOSTO	POSTO \bar{H} ADJETIVO ORIGINAL	POSTO \bar{H} ADJETIVO OPOSTO	VALOR \bar{H} ADJETIVO ORIGINAL	VALOR \bar{H} ADJETIVO OPOSTO
1. Bom	Mau	1	17	.32618	.03472
2. Grande	Pequeno	2	7	.24255	.09376
3. Bonito	Feio	3	22	.12800	.02886
4. Necessário	Desnecessário	4	83	.11561	.00611
5. Forte	Fraco	5	36	.11505	.01661
6. Ruim	Bom	6	1	.11161	.32618
7. Gostoso	Ruim	8	6	.07026	.11161
8. Duro	Mole	10	80	.06139	.00673
9. Branco	Preto	14	28	.04676	.01798
10. Quente	Frio	15	30	.04261	.01768
11. Alegre	Triste	18	25	.03450	.02380
12. Perigoso	Seguro	19	95	.03361	.00525
13. Amigo	Inimigo	23	189,5	.02458	.00157
14. Agradável	Desagradável	24	106	.02433	.00457
15. Difícil	Fácil	26	162	.02191	.00220

A sexta etapa constou da determinação do posicionamento das 60 escalas no caderno de aplicação para a Fase II.

Com o objetivo de evitar qualquer tipo de tendenciosidade de nossa parte, as 60 escalas desenvolvidas no Rio de Janeiro foram aleatorizadas de duas maneiras, a) quanto à ordem de apresentação da escala no contexto de todas as escalas, e b) quanto à polaridade, para evitar que os polos positivos ou negativos de cada escala estivessem sempre dirigidos a um mes-

mo lado no conjunto total das escalas.

Na tabela 13 apresentamos a relação das 60 escalas aleatorizadas mediante os dois critérios anteriormente descritos, tal como apresentadas aos sujeitos na Fase II, descrita a seguir.

Tabela 13. Lista das 60 escalas do diferencial semântico do Rio de Janeiro

1. Útil-Inútil	31. Péssimo-Ótimo
2. Impuro-Puro	32. Natural-Artificial
3. Baixo-Alto	33. Morto-Vivo
4. Suave-Pesado	34. Verdadeiro-Falso
5. Forte-Fraco	35. Amargo-Doce
6. Mole-Duro	36. Comprido-Curto
7. Magnífico-Horrível	37. Rápido-Lento
8. Fino-Grosso	38. Perigoso-Seguro
9. Total-Parcial	39. Necessário-Desnecessário
10. Ruim-Gostoso	40. Mortal-Vital
11. Violento-Pacífico	41. Interessante-Desinteressante
12. Inimigo-Amigo	42. Limpo/ido-Sujo
13. Bom-Mau	43. Estreito-Largo
14. Inteligente-"Burro"	44. Preso-Livre
15. Novo-Velho	45. Injusto-Justo
16. Barulhento-Silencioso	46. Alegre-Triste
17. Grande-Pequeno	47. Bom-Ruim
18. Certo-Incerto	48. Esperto-Bobo
19. Agradável-Irritante	49. Claro-Escuro
20. Vermelho-Verde	50. Brilhante-Opaco
21. Nervoso-Calmo	51. Desagradável-Agradável
22. Bonito-Feio	52. Colorido-Incolor
23. Difícil-Fácil	53. Imperfeito-Perfeito
24. Superficial-Profundo	54. Branco-Preto
25. Frio-Quente	55. Conhecido-Estranho
26. Muito-Pouco	56. Nada-Tudo
27. Barato-Caro	57. Simpático-Antipático
28. Maldoso-Bondoso	58. Mútuo-Individual
29. Errado-Certo	59. Destruidor-Construtor
30. Ativo-Passivo	60. Esperançoso-Desperançoso

A numeração que antecede cada escala bipolar é a que será utilizada daqui por diante

Fase II - Julgamento dos conceitos e análise fatorial das escalas

Esta fase se compõe de duas etapas.

A primeira etapa constou do julgamento dos 100 conceitos originais, os substantivos, através das 60 escalas construídas na Fase I, por um grupo de 200 estudantes diferentes, mas equivalente ao grupo de estudantes da fase inicial, da cidade de Petrópolis, do Rio de Janeiro. Os estudantes eram todos do sexo masculino, de idade entre 12 e 19 anos, da sexta série do primeiro grau à terceira série do segundo grau, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais brasileiros.

A tabela 14 abaixo mostra a distribuição das idades dos 200 estudantes desta etapa.

Tabela 14. Distribuição das idades dos estudantes que julgaram os 100 conceitos

CLASSES DE IDADES	FREQÜÊNCIA
12	16
13	21
14	23
15	34
16	37
17	25
18	27
19	17
TOTAL	200

A todos os estudantes foram dadas instruções por escrito, nos cadernos de aplicação e no quadro-negro, quanto oralmente. Os formulários foram respondidos em situação normal de sala de aula. O aplicador foi o mesmo para todas as turmas de alunos. Cuidado foi tomado no sentido de verificar e garantir a compreensão dos sujeitos quanto ao significado da intensidade condizente a cada um dos sete intervalos escalares. Os estudantes

consideraram a tarefa relativamente fácil, porém um pouco cansativa. No Apêndice VI reproduzimos as instruções dadas aos sujeitos por escrito no caderno de aplicação, adaptadas de Osgood para o Rio de Janeiro, e também um exemplo de um conceito--CASA--pareado com as 60 escalas, tais como apresentados aos estudantes.

Tanto o grupo total de conceitos quanto o de estudantes foram divididos em 10 subgrupos equivalentes. Desta forma, cada subgrupo de 20 estudantes avaliou um subgrupo de 10 conceitos. Com o objetivo de contrabalançar os possíveis efeitos de fadiga perante o julgamento dos 10 conceitos, introduziu-se duas ordens de apresentação dos conceitos, da mesma forma seguida em outras culturas estrangeiras. Por exemplo, para os 10 conceitos do primeiro subgrupo, 10 estudantes avaliaram-nos na ordem de CASA para ESTRELA através das escalas, e os outros 10 estudantes na ordem ESTRELA para CASA diante das mesmas escalas. A ordem das escalas foi constante para todos os conceitos e para todos os sujeitos. Na tabela 15 reproduzimos os 10 subgrupos de conceitos apresentados como estímulos aos estudantes no Rio de Janeiro.

Tabela 15 - Vide página seguinte.

Tabela 15. Relação dos 10 grupos de conceitos julgados através das 60 escalas

GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5
1. CASA	11. BATALHA	21. PÁSSARO	31. RESPEITO	41. GATO
2. MENINA	12. SEMENTE	22. ESPERANÇA	32. RISO	42. VENENO
3. QUADRO	13. SIMPATIA	23. CALOR	33. LUA	43. ÁRVORE
4. CARNE	14. PROGRESSO	24. MAPA	34. CORAGEM	44. FOME
5. CONFIANÇA	15. XÍCARA	25. MARIDO	35. TRABALHO	45. ESCOLHA
6. DENTE	16. VENIO	26. CHUVA	36. ESTÓRIA	46. BARULHO
7. DERROTA	17. LADRÃO	27. VERDADE	37. CASTIGO	47. NECESSIDADE
8. LIVRO	18. PÃO	28. PEDRA	38. RIQUEZA	48. DOUTOR
9. LAGO	19. AMOR	29. DOR	39. MULHER	49. RAIVA
10. ESTRELA	20. FRUITA	30. ORELHA	40. NUVEM	50. LÍNGUA
GRUPO 6	GRUPO 7	GRUPO 8	GRUPO 9	GRUPO 10
51. CAVALO	61. SUCESSO	71. MÚSICA	81. HOMEM	91. PAI
52. CASAMENTO	62. COBRA	72. SONO	82. QUARTA-FEI.	92. MEDO
53. JOGO	63. MÃO	73. FUTURO	83. CADEIRA	93. RAIZ
54. COR	64. MÃE	74. OVO	84. CULPA	94. PROPÓSITO
55. CORAÇÃO	65. NÓ	75. CRIME	85. RIO	95. FOGO
56. AMIGO	66. VIDA	76. SOL	86. PAZ	96. CORDA
57. MORTE	67. CABEÇA	77. CRENÇA	87. CABELO	97. PODER
58. FUMAÇA	68. TROVÃO	78. DINHEIRO	88. COMIDA	98. JANELA
59. LIBERDADE	69. SORTE	79. CONHECIM.	89. PERIGO	99. PRAZER
60. CACHORRO	70. AUTOR	80. PEIXE	90. POLICIAL	100. ÁGUA

Desta forma, cada sujeito requereu 600 julgamentos (10 conceitos x 60 escalas). Cada conceito em cada escala foi julgado 20 vezes. Cada conceito através de todas as escalas requereu 1200 julgamentos (20 sujeitos x 60 escalas). Todos os conceitos através de uma dada escala requereu 2000 julgamentos (20 sujeitos x 100 conceitos). O total de dados foi então igual a 120000 (20 sujeitos x 100 conceitos x 60 escalas).

O tempo requerido por cada sujeito no julgamento de 600 itens em média foi igual a 60 minutos, com uma amplitude de variação entre 45 e 80 minutos. O tempo total de aplicação,

incluindo pois a leitura das instruções, o preenchimento dos dados pessoais e as respostas aos 600 itens, em média foi igual a 75 minutos.

Valores de 1 à 7 foram atribuídos às respostas nos itens, arbitrariamente constante do intervalo extremo à esquerda ao intervalo extremo à direita, de cada par de adjetivos opostos escalares. Respostas "em branco" foram consideradas como "4", o ponto neutro.

Inicialmente os 120000 dados foram transferidos dos formulários para matrizes especialmente montadas para esta finalidade, segundo três entradas: a primeira "conceito"; a segunda "escalas" e a terceira "sujeitos", e finalmente perfurados todos os dados em 2000 cartões IBM, cada cartão contendo 60 respostas, pertinentes a um (1) sujeito diante de um dado conceito perante todas as escalas.

Uma análise permitida pelos dados nesta primeira etapa foi aquela oferecida pelo formato da distribuição de frequências das marcações "X" diante dos sete intervalos para cada uma das 60 escalas. Conforme revela a tabela 16 e de forma mais completa o Apêndice VII, o intervalo mais frequentemente assinalado pelos 200 estudantes quando julgaram os 100 conceitos através das 60 escalas de sete intervalos foi o central "4" (em 45 escalas; outras 15 escalas o intervalo "7"), seguido dos intervalos "7" (em 33 escalas; outras 16 escalas o intervalo "6", outras seis escalas o intervalo "5", e outras quatro escalas o intervalo "4"), "6" (em 25 escalas; outras 14 escalas o intervalo "5", outras oito escalas o intervalo "7", e outras

oito escalas o intervalo "4"), "5" (em 36 escalas; outras 15 escalas o intervalo "6", outras três escalas o intervalo "4", e outras duas escalas o intervalo "1"), "3" (em 25 escalas; outras 24 escalas o intervalo "1"), "1" e "2" (este último em 38 escalas); equivale dizer que pelo menos 55 escalas apresentaram, relativamente, as mais baixas freqüências de respostas nos intervalos "1", ou "2" ou "3"-- ou seja, nos de polaridade negativa.

Para tal tipo de análise a ordem das escalas não foi alterada, sendo a mesma adotada anteriormente, mas quanto à polaridade de cada escala no Apêndice VII esta foi arranjada, para efeito de tornar possível comparações dos intervalos inter-escalarmente, da esquerda para a direita, do adjetivo positivo para o negativo, condizendo o intervalo "7" para o "1".

A tabela 16 ainda revela a percentagem de assinalamento correspondente a cada um dos sete intervalos escalares, de forma conclusiva, conjuntamente a todas as 60 escalas.

Tabela 16. Freqüência de respostas "X" a cada intervalo escalar

INTERVALOS	FREQ.	FREQ. PERC.
7	23743	19,79
6	18012	15,01
5	15768	13,14
4	38790	32,32
3	8547	7,12
2	6907	5,76
1	8233	6,86
TOTAL	120000	100,00

Do exposto pode-se concluir que (a) houve uma tendência dos estudantes adolescentes em assinalar o intervalo central , (b) seguida de uma tendência secundária em assinalar o polo extremo positivo e (c) e em assinalar mais freqüentemente os intervalos do lado escalar positivo que os do lado escalar negativo.

A segunda etapa da Fase II constou da análise fatorial de conceitos por escalas, pelo IBM da PUC-RJ. Inicialmente, cada interseção "escala-conceito" proveu uma média dos 20 estudantes em cada item específico "escala-conceito", utilizando-se os procedimentos automáticos do programa análise fatorial do SPSS (Nie e colabs., 1975).

Sendo o total de 100 conceitos, cada escala proveu 100 médias. Utilizando o programa correlação momento-produto de Pearson, do SPSS, as médias de cada escala foram correlacionadas com as de cada outra, perfazendo um total de 60 x 60 correlações para a primeira análise fatorial, e 50 x 50 para a segunda análise fatorial; com a matriz resultante das intercorrelações, o método dos componentes principais de fatorização (Kim, 1975) foi aplicado com o objetivo de determinar dentre as escalas aquelas que seriam mais representativas para explicar as dimensões emergentes.

As duas análises fatoriais foram executadas pelo mesmo método de extração de fatores, para 10 fatores, utilizando-se, nas duas análises, posterior rotação pelo método Varimax (Kaiser, 1958), seguindo o programa do SPSS: a primeira análise fatorial envolveu todas as 60 escalas, portanto incluindo também

as escalas adicionadas na Fase I (a que Osgood denominou "Full-Complement"), e a segunda análise fatorial envolveu somente as 50 escalas construídas naturalmente pelos procedimentos automáticos anteriormente executados, descritos na Fase I, eliminando-se nesta análise portanto as escalas adicionadas (esta análise denominada por Osgood "Reduced-Complement").

Um primeiro resultado obtido diante das duas análises fatoriais conduzidas diz respeito à variância total extraída, à percentagem da variância total extraída explicada pelos dez fatores comuns, à percentagem da variância total extraída explicada por cada um dos dez fatores e à percentagem da variância comum explicada por somente cada um dos dez fatores extraídos. Sendo 60 o número de variáveis da primeira análise fatorial, e 50 o número de variáveis da segunda análise fatorial, então a variância total "teórica" extraída se fossem extraídos 60 fatores seria igual a 60 na primeira análise fatorial, e igual a 50 na segunda análise fatorial; no entanto, como foram extraídos dez fatores, a variância dos fatores comuns foi igual a 24,26 na primeira análise fatorial e 20,33 na segunda análise fatorial.

A tabela 17 mostra as variâncias e percentagens da variância, como um primeiro resultado obtido nas duas fatorizações conduzidas pelo IBM.

Tabela 17. Percentagem da variância total, variância dos fatores comuns e percentagem da variância comum, nas Formas Completa e Reduzida, para os dez fatores extraídos pelo método dos principais componentes

Fator	FORMA COMPLETA ^a			FORMA REDUZIDA ^b		
	Pct da var tot	Var dos fat com	Pct da var com	Pct da var tot	Var dos fat com	Pct da var com
1	28,54	17,12	70,6	27,97	13,99	68,8
2	2,90	1,74	7,2	3,21	1,60	7,9
3	1,96	1,18	4,9	2,13	1,07	5,2
4	1,57	0,94	3,9	1,68	0,84	4,1
5	1,34	0,80	3,3	1,25	0,63	3,1
6	1,02	0,61	2,5	1,11	0,55	2,7
7	0,86	0,52	2,1	0,95	0,47	2,3
8	0,80	0,48	2,0	0,90	0,45	2,2
9	0,77	0,46	1,9	0,79	0,39	1,9
10	0,68	0,41	1,7	0,69	0,34	1,7
Soma	40,44	24,26	100,0	40,67	20,33	100,0

^a assim denominada pois envolveu todas as 60 escalas

^b assim denominada pois envolveu somente as 50 escalas construídas naturalmente pelos procedimentos automáticos descritos na Fase I

A percentagem da variância total explicada pelos dez fatores extraídos, tanto na Forma Completa quanto na Forma Reduzida (40,44% e 40,67%, respectivamente), nos mostra que aproximadamente 60% da variância total seria explicada pelos 50 fatores restantes para a Forma Completa, e para a Forma Reduzida seria explicada pelos outros 40 fatores, teoricamente falando, se fossem extraídos tantos fatores quanto fossem o número de variáveis envolvidas, tanto na primeira quanto na segunda análise fatorial.

Considerando 40,44% a percentagem da variância total extraída para os dez fatores, 70,6% daquela percentagem correspondeu à percentagem da variância comum explicada pelo fator 1 na Forma Completa, revelando que o fator 1 foi marcadamente o dominante; o mesmo pode ser dito perante a fatorização da Forma Reduzida, ou seja, de 40,67% da variância total explicada pelos dez fatores extraídos, 68,8% daquela percentagem correspondeu ao fator 1.

Se nós considerássemos somente como significativas as percentagens da variância total acima de 2% para os fatores, então somente seriam expressivos os fatores 1, 2 e 3, tanto na fatorização da Forma Completa quanto na da Forma Reduzida, ou talvez somente os fatores 1 e 2, ou ainda somente o fator 1, já que o fator 1 revelou na primeira análise fatorial uma percentagem da variância total igual a 28,54% contra 2,90% para o fator 2 e 1,96% para o fator 3, e na segunda análise fatorial 27,97% contra 3,21% para o fator 2 e 2,13% para o fator 3.

Por outro lado, considerando a percentagem da variância comum, tanto para a Forma Completa quanto para a Forma Reduzida, somente os dois, ou talvez os três, primeiros fatores seriam claramente interpretáveis.

Pelos resultados encontrados, pode-se portanto assinalar que não houve diferenças consideráveis entre as formas Completa e Reduzida, o que nos leva à conclusão que as escalas adicionadas à Forma Completa não forçaram significativamente a composição fatorial do significado afetivo para o Rio de Janeiro, quando se compara as variâncias dos fatores nas duas formas.

A tabela 18 revela oito dos dez fatores extraídos rotados pelo critério varimax e as escalas de maior saturação da Forma Completa, e a tabela 19 da Forma Reduzida.

O fator I foi claramente identificado como Avaliação, tanto na Forma Completa quanto na Reduzida, pelas escalas que apresentaram os mais elevados pesos naquela dimensão: ótimo-péssimo, bom-mau, bom-ruim, útil-inútil, magnífico-horrível, agradável-desagradável, agradável-irritante, amigo-inimigo, gostoso-ruim e necessário-desnecessário, para a Forma Completa; bom-mau, magnífico-horrível, agradável-irritante, bom-ruim, amigo-inimigo, gostoso-ruim e útil-inútil, para a Forma Reduzida. Os pesos destas escalas foram de .70 ou mais no fator I, e como se pode observar nos Apêndices VIII e IX foram "puramente" Avaliativas, já que as variâncias extraídas foram significativas no fator I e não expressivas nos demais fatores. As tabelas 18 e 19 ainda revelam outras escalas também mais saturadas na dimensão Avaliativa, respectivamente para as formas Completa e Reduzida.

O fator II foi também claramente identificado, tanto para a Forma Completa quanto para a Reduzida. Sugere nitidamente a dimensão Potência, pois as escalas mais saturadas no fator foram: grande-pequeno, comprido-curto, muito-pouco, laro-estrito, forte-fraco e total-parcial. Com exceção da forte-fraco, todas foram "puramente" de Potência, como se pode observar nos Apêndices VIII e IX, embora com pesos menores quando comparadas com aquelas do fator I. Outras escalas ainda foram significativamente saturadas no fator II, como mostram as tabelas 18 e 19, e os Apêndices VIII e IX.

O fator III da Forma Completa sugere a dimensão de Atividade, mas com um significado de "Estabilidade"--ou "Agitação", "Excitação"; no entanto, as escalas mais saturadas no

fator III, nervoso-calmo, barulhento-silencioso, violento-pacífico, maldoso-bondoso e perigoso-seguro, apresentaram uma considerável saturação no fator Avaliação (observe os pesos destas escalas, alternadamente, nos fatores III e I, no Apêndice VIII).

O fator IV da Forma Completa sugere também a dimensão de Atividade, mas com um significado de "Integridade e Dignidade Morais", lembrando "Movimento". As escalas mais saturadas no fator IV foram: natural-artificial, verdadeiro-falso, vivo-morto e livre-presos. Por outro lado, estas escalas também apresentaram consideráveis saturações no fator I (observe os pesos destas escalas, simultaneamente, nos fatores IV e I, no Apêndice IX).

Considerando agora os fatores III e IV da Forma Reduzida e comparando-os com os fatores IV e III da Forma Completa, os dados mostraram que a adição das escalas perigoso-seguro e ativo-passivo à Forma Completa somente modificou a ordem de importância dos fatores, porém sem alterar as composições escalares. Esta tendência pode ser observada comparando-se o fator III na tabela 18 com o IV na tabela 19, e o IV na primeira com o III na segunda tabela.

O fator V, tanto na Forma Completa quanto na Reduzida, embora lembre a dimensão Clareza sugerida por Osgood e cols. na investigação transcultural com o DS--por eles denominada "Brightness"--apresentou um sentido nitidamente Avaliativo, pois as escalas branco-preto, claro-escuro, brilhante-opaco e limpo/ido-sujo tiveram consideráveis saturações no fator I. Portanto o fator V não foi um fator "puro".

Os demais fatores extraídos, nas duas análises fatoriais, não são em si identificáveis nem facilmente interpretáveis, se levarmos em consideração que em tais fatores (a) houve poucas escalas saturadas, (b) nenhuma escala puramente saturada e (c) a maior parte das escalas estariam mais saturadas no fator I, que foi o predominante.

A tabela 20 sumariza todos os achados mais expressivos, anteriormente apresentados, indicando os quatro primeiros dos dez fatores extraídos rotados, e os pesos escalares correspondentes, tanto para a forma Completa quanto para a Reduzida.

Observando a tabela 20, poderíamos sugerir uma forma abreviada preliminar selecionando as quatro escalas mais expressivas em cada um dos três fatores mais significativos: bom-mau, útil-inútil, agradável-irritante e bom-ruim para Avaliação; grande-pequeno, comprido-curto, muito-pouco e forte-fraco para Potência; e natural-artificial, vivo-morto, verdadeiro-falso e livre-presos para Atividade. A esta forma abreviada poderíamos acrescentar a escala conhecido-estranho, aceita naturalmente pelos procedimentos automáticos descritos na fase I, e que apresentou um peso significativo no fator IX, sendo a única escala saturada naquele fator; seu peso foi de .31 na primeira análise fatorial, e de .40 na segunda, no fator IX.

Tabela 20. Escalas mais expressivas e seus pesos nos quatro primeiros fatores dos dez fatores rotados^a

FORMA COMPLETA					FORMA REDUZIDA				
Fator I (70,6%)					Fator I (68,8%)				
	I ^b	II	III	IV		I	II	IV	III
ótimo-péssimo	81	08	07	14	bom-mau	83	11	10	06
bom-mau	80	11	14	03	magnífico-horrível	76	16	02	11
bom-ruim	78	11	07	09	agradável-irritante	76	14	14	08
útil-inútil	76	04	01	06	bom-ruim	75	09	08	12
magnífico-horrível	76	16	03	09	amigo-inimigo	73	08	26	13
agradável-desagr.	74	12	09	10	gostoso-ruim	73	19	06	08
agradável-irritante	74	15	17	05	util-inútil	73	04	02	09
amigo-inimigo	72	07	27	12					
gostoso-ruim	71	17	10	07					
Fator II (7,2%)					Fator II (7,9%)				
	I	II	III	IV		I	II	IV	III
grande-pequeno	09	52	00	04	grande-pequeno	11	55	02	02
comprido-curto	00	51	04	04	comprido-curto	01	52	04	03
muito-pouco	12	38	00	09	muito-pouco	10	37	03	05
largo-estreito	07	34	05	06	forte-fraco	10	35	03	07
forte-fraco	10	33	04	07	largo-estreito	06	33	06	03
total-parcial	19	30	01	18	total-parcial	20	33	01	18
alto-baixo	23	28	06	10	alto-baixo	25	30	06	09
Fator III (4,9%)					Fator IV (4,1%)				
	I	II	III	IV		I	II	IV	III
calmo-nervoso	44	09	50	10	calmo-nervoso	45	10	54	08
silencioso-barulh.	20	02	45	09	silencioso-barulh.	21	05	47	05
pacífico-violento	55	01	44	08	pacífico-violento	57	01	43	07
bondoso-maldoso	61	07	35	17	bondoso-maldoso	61	08	35	18
seguro-perigoso	53	01	35	08	fácil-difícil	19	03	31	15
fácil-difícil	20	02	28	14	amigo-inimigo	73	08	26	13
amigo-inimigo	72	08	27	12	construtor-dest.	59	10	25	07
construtor-dest.	61	13	27	06					
passivo-ativo	01	18	25	24					
Fator IV (3,9%)					Fator III (5,2%)				
	I	II	III	IV		I	II	IV	III
natural-artificial	27	04	09	60	natural-artificial	24	09	14	57
verdadeiro-falso	31	15	13	49	vivo-morto	31	11	03	49
vivo-morto	33	08	00	49	verdadeiro-falso	28	16	15	48
livre-presos	27	19	13	31	livre-presos	26	19	13	32
ativo-passivo	01	18	25	24	justo-injusto	54	14	17	24
justo-injusto	56	16	17	23	perfeito-imperf.	49	08	15	23
perfeito-imperf.	52	08	15	23	rápido-lento	02	08	16	20

^aExtração pelo método dos principais componentes e rotação varimax

^bNa tabela foram omitidos o ponto e vírgula

Os critérios de seleção das escalas da forma abreviada preliminar foram: (a) para cada uma das três principais dimensões emergentes no Rio de Janeiro--E, P e A--foram escolhidas aquelas escalas que tiveram o mais elevado peso sobre o respectivo fator, ou seja, somente aquelas que obtiveram a sua mais alta carga recaindo sobre o fator específico, e (b) cada escala eleita foi tão "pura" quanto possível no respectivo fator, isto é, seus pesos sobre os demais fatores foram tão baixos quanto possível. Por outro lado, estes critérios foram mais plenamente atendidos pelas escalas do fator E, e em menor grau pelas escalas do fator P e A; as escalas eleitas do fator P, apesar de haverem atendido aos dois critérios, não obtiveram tão altos pesos quanto aquelas do fator E; já as escalas do fator A cumpriram com o primeiro critério, mas não foram puramente saturadas neste fator. Osgood e colabs. (1957; 1963; 1975) têm relatado esta mesma tendência, encontrada nos estudos transculturais com o DS.

A escala conhecido-estranho tem sido incluída por supor-se estar medindo o grau de familiaridade do objeto a ela referido; seus pesos, na fatorização da Forma Completa, foram de .25, .12, .06 e .31 respectivamente nos fatores E, P, A e IX, e na Forma Reduzida foram de .22, .09, .11 e .40 nos respectivos fatores.

5. ATLAS DE SIGNIFICADOS AFETIVOS DOS 100 CONCEITOS PARA O PORTUGUÊS - RIO DE JANEIRO

Um dos objetivos delimitados à página 38 foi o de determinar a posição semântica espacial dos 100 conceitos, ou seja, o significado afetivo de cada conceito, para o grupo de estudantes adolescentes masculinos do Rio de Janeiro.

Como a quantidade de informação para cada conceito foi muito grande--da ordem de 1200 dados quando são levadas em consideração as 60 escalas da Forma Completa--, e maior ainda quando estiveram envolvidos todos os 100 conceitos--perfazendo um total de 120000 dados--, então os dados descritivos foram agrupados da seguinte forma: para cada conceito foi calculada a média dos julgamentos dos estudantes em cada uma das 13 escalas da forma abreviada preliminar; como cada grupo de quatro escalas reflete uma dimensão específica, a dimensão E pode ser representada pela média dos julgamentos nas escalas bom-mau, útil-inútil, agradável-irritante e bom-ruim diante de cada conceito, a dimensão P pela média nas escalas grande-pequeno, comprido-curto, muito-pouco e forte-fraco, e a dimensão A da mesma forma nas escalas natural-artificial, vivo-morto, verdadeiro-falso e livre-presos.

Seguindo este delineamento sugerido por Osgood e colabs. (1963; 1975), poderíamos, então, sugerir um Atlas de significados afetivos dos 100 conceitos, para o Português-Rio de Janeiro. Osgood e colabs. (1963; 1975) têm utilizado vários índices informativos para os 620 conceitos que atualmente compõem os Atlas de diversos grupos culturais e lingüísticos de

várias nações. Aqui, mencionaremos apenas cinco índices descritivos: os compósitos E, P e A, o índice de distância da origem (D-O) e o grau de familiaridade (FAM) dos estudantes investigados diante dos respectivos objetos representados pelos conceitos.

Os compósitos E, P e A são determinados pela média das quatro escalas em cada uma daquelas três respectivas dimensões, e constituem o "perfil afetivo" de cada conceito para o grupo de estudantes do Rio de Janeiro. Cada compósito exprime um desvio positivo ou negativo, de intensidade máxima igual a 3, da origem do espaço, e os três compósitos refletem a localização do significado afetivo de um dado conceito no espaço tridimensional EPA; assim, por exemplo, um conceito "+3, +2 e +2" é "intensamente" bom (E = +3), "muito" forte (P = +2) e "muito" ativo (A = +2); já um conceito "-2, +1 e -1" é "muito" mau (E = -2), "ligeiramente" forte (P = +1) e "ligeiramente" passivo (A = -1).

O índice D-O exprime a distância do conceito em relação à origem neutra (E = 0, P = 0 e A = 0) do espaço EPA, refletindo a "intensidade de afeto" dos estudantes diante dos conceitos. Este índice tem sido computado pela fórmula

$$D-O = \sqrt{E^2 + P^2 + A^2}$$

Este índice se baseia na raiz quadrada da soma dos quadrados dos escores compósitos E, P e A, e apresenta a vantagem de permitir comparar diretamente os conceitos através de um único valor numérico. Teoricamente, o índice D-O de um dado conceito pode atingir um valor máximo igual a aproximadamente

5,196 se, por exemplo, o conceito tivesse uma localização no espaço EPA igual a uma intensidade "+3, +3 e +3" ($\sqrt{3^2 + 3^2 + 3^2}$) --mas não importando a direção, positiva ou negativa--, e um valor mínimo igual a zero se a sua localização fosse neutra nas três dimensões EPA, ou seja, de intensidade igual a "0, 0 e 0" ($\sqrt{0^2 + 0^2 + 0^2}$). Por outro lado, quanto maior o valor de $D=0$ de um dado conceito, mais intenso é o sentimento ou afeto revelado pelos estudantes diante daquele conceito.

O grau de familiaridade de cada conceito, como representando o objeto em si, para os estudantes adolescentes do Rio de Janeiro, foi avaliado pela escala conhecido-estranho, aceita anteriormente pelos procedimentos automáticos descritos nas Fases I e II da seção 4.

Na tabela 21 são indicados os cinco índices psicológicos para cada um dos 100 conceitos, para o grupo de estudantes, no Rio de Janeiro. Os conceitos foram arranjados em ordem alfabética, o que facilita a localização no Atlas.

Tabela 21 - Vide página seguinte.

Tabela 21. Atlas de significados afetivos dos 100 conceitos do Português-Rio de Janeiro^a

CONCEITO	E	P	A	D-O	FAM
ÁGUA	2,4	1,3	1,8	3,2	1,2
AMIGO	2,0	0,6	1,9	2,8	1,6
AMOR	2,6	1,7	2,2	3,8	1,6
ÁRVORE	2,3	1,1	1,9	3,2	1,7
AUTOR	1,2	0,3	0,7	1,5	1,4
BARULHO	-1,1	1,0	0,7	1,6	0,2
BATALHA	-2,1	0,9	-0,8	2,5	0,0
CABEÇA	1,6	0,6	1,2	2,1	0,6
CABELO	1,2	0,4	1,7	2,1	1,4
CACHORRO	1,6	0,6	1,6	2,3	1,5
CADEIRA	2,0	0,3	0,1	2,0	0,8
CALOR	1,2	0,7	1,7	2,2	1,2
CARNE	2,3	0,7	1,0	2,6	2,1
CASA	2,4	1,2	0,9	2,8	1,6
CASAMENTO	1,8	0,8	1,7	2,6	0,9
CASTIGO	-0,1	0,2	0,4	0,2	0,6
CAVALO	1,8	1,3	1,8	2,8	1,0
CHUVA	1,6	0,2	1,5	2,2	1,0
COBRA	-1,0	0,5	0,9	1,4	0,8
COMIDA	2,3	0,8	1,0	2,6	1,0
CONFIANÇA	2,3	1,2	1,5	3,0	1,8
CONHECIMENTO	2,1	1,5	1,4	2,9	1,2
COR	1,7	0,7	1,2	2,2	1,2
CORAÇÃO	2,2	0,6	1,6	2,8	0,5
CORAGEM	1,4	1,0	0,9	1,9	0,8
CORDA	1,1	1,1	-0,2	1,6	2,0
CRENÇA	1,5	0,7	0,8	1,9	0,8
CRIME	-2,2	-0,1	-0,6	2,2	0,6
CULPA	-1,3	0,5	-0,2	1,4	-0,1
DENTE	2,1	0,7	1,1	2,5	1,3
DERROTA	-1,2	0,1	0,6	1,4	0,8
DINHEIRO	1,7	0,3	0,1	1,7	1,3
DOR	-1,7	0,5	0,7	1,9	0,2

^aEm outubro de 1981

Tabela 21 (Continuação)

CONCEITO	E	P	A	D-O	FAM
DOUTOR	1,8	0,3	1,7	2,5	1,0
ESCOLHA	1,4	0,4	1,0	1,8	1,0
ESPERANÇA	1,6	1,2	1,1	2,3	-0,0
ESTÓRIA	1,6	0,2	0,6	1,7	0,6
ESTRELA	1,7	1,2	1,6	2,7	0,4
FOGO	0,3	1,1	1,0	1,5	1,2
FOME	-1,2	0,6	1,1	1,7	1,2
FRUTA	2,5	0,4	1,8	3,1	2,2
FUMAÇA	-2,0	0,2	-0,5	2,1	0,6
FUTURO	1,7	1,0	1,1	2,3	0,2
GATO	0,8	0,1	1,8	2,0	1,5
HOMEM	1,0	0,4	1,1	1,5	0,8
JANELA	2,0	0,3	0,4	2,1	1,0
JOGO	0,9	0,5	0,4	1,1	0,9
LADRÃO	-2,6	-0,0	-0,7	2,7	-0,4
LAGO	1,9	0,6	1,2	2,3	1,3
LIBERDADE	2,4	1,1	1,6	3,1	1,0
LÍNGUA	1,9	0,2	1,3	2,3	1,4
LIVRO	1,6	0,3	0,6	1,8	0,9
LUA	2,2	0,9	1,3	2,8	0,6
MÃE	2,3	0,6	1,8	3,0	1,4
MÃO	1,6	0,6	1,2	2,1	1,1
MAPA	1,9	0,7	0,0	2,0	1,3
MARIDO	1,0	0,4	1,4	1,6	1,2
MEDO	-0,6	0,0	0,1	0,6	-1,0
MENINA	2,4	0,3	2,3	3,4	1,4
MORTE	-0,7	0,8	0,8	1,4	0,0
MULHER	2,2	0,3	2,2	3,1	0,8
MÚSICA	2,0	0,6	1,3	2,5	1,4
NECESSIDADE	0,3	0,3	1,0	1,1	0,8
NÓ	0,8	0,4	-0,5	1,1	0,3
NUVEM	1,4	0,6	1,5	2,2	1,0
ORELHA	1,9	-0,2	1,6	2,5	1,8
OVO	1,9	0,2	1,4	2,4	1,2

Tabela 21 (Continuação)

CONCEITO	E	P	A	D-O	FAM
PAI	2,5	1,0	1,9	3,3	1,6
PÃO	2,1	0,5	0,4	2,2	2,0
PÁSSARO	1,9	-0,4	2,1	2,9	1,4
PAZ	2,7	1,3	2,1	3,7	1,2
PEDRA	0,6	0,8	0,5	1,1	0,9
PEIXE	2,0	0,6	1,8	2,7	1,5
PERIGO	-1,5	0,6	0,2	1,6	-0,1
PODER	1,1	1,1	0,6	1,7	0,0
POLICIAL	0,5	0,4	0,5	0,9	-0,4
PRAZER	2,4	1,6	1,8	3,4	1,4
PROGRESSO	1,8	1,4	0,7	2,3	1,2
PROPÓSITO	1,3	1,0	1,0	1,9	0,8
QUADRO	1,4	0,7	0,3	1,6	0,9
QUARTA-FEIRA	0,4	0,2	0,2	0,5	0,7
RAIVA	-1,5	0,6	0,2	1,7	0,8
RAIZ	1,7	0,8	1,4	2,4	0,6
RESPEITO	2,1	1,2	1,0	2,6	1,2
RIO	1,8	1,0	1,7	2,7	1,4
RIQUEZA	1,5	1,4	0,1	2,0	2,0
RISO	2,0	0,8	1,8	2,8	1,0
SEMENTE	2,3	0,1	1,8	2,9	1,6
SIMPATIA	2,3	1,0	1,9	3,2	1,1
SOL	2,4	1,5	2,0	3,5	1,4
SONO	2,3	0,6	1,4	2,8	0,5
SORTE	2,1	0,6	1,2	2,5	0,4
SUCESSO	1,7	0,4	0,6	1,9	1,0
TRABALHO	1,7	0,7	1,0	2,1	0,9
TROVÃO	-0,3	0,8	1,3	1,6	0,8
VENENO	-1,4	0,4	0,2	1,5	1,0
VENTO	1,4	0,6	1,9	2,4	1,6
VERDADE	1,6	0,4	1,4	2,2	1,2
VIDA	1,8	0,6	1,6	2,5	0,4
XÍCARA	1,2	0,1	-0,1	1,2	2,0

Olhando para os dados que aparecem na tabela 21, observe, por exemplo, que o conceito ÁGUA foi julgado pelos estudantes adolescentes masculinos muito intensamente Bom ($\underline{E} = 2,4$), ligeiramente Potente ($\underline{P} = 1,3$) e muito Ativo ($\underline{A} = 1,8$), revelando uma marcante intensidade de afeto ($D-O = 3,2$); ainda para aquele conceito, os estudantes avaliaram-no ligeiramente familiar ($FAM = 1,2$). Não obstante, observe ainda a quantidade de informação pertinente aos dados apresentados na tabela 21; os resultados mais expressivos e as conclusões correspondentes serão apresentados e analisados mais adiante.

Osgood e colabs. (1957; 1963; 1975) têm denominado "octantes" às regiões EPA do significado afetivo; equivale a dizer que se um dado conceito fosse julgado pelos estudantes como Bom, Potente e Ativo, o octante do espaço semântico para aquele conceito seria o ${}^+E^+P^+A$; um outro conceito Bom, Potente e Passivo estaria situado no octante ${}^+E^+P^-A$; e assim por diante. Desta forma, se considerarmos simplesmente as direções positiva e negativa, diante de cada um dos três principais compósitos, E, P e A, então o espaço semântico estaria representado, basicamente, por oito regiões distintas, sendo oito o número de octantes ($2^3 = 8$). Por outro lado, se considerássemos para cada um dos três compósitos três posições diferentes, positiva, neutra e negativa, então o espaço semântico poderia ser representado por 27 regiões distintas ($3^3 = 27$); o número de regiões representativas do espaço semântico, considerando as três dimensões principais, E, P e A, ascenderia a 343 regiões ($7^3 = 343$) se se levasse em consideração cada uma das sete posições, de +3 à -3, para cada um dos três compósitos.

A tabela 22 diz respeito ao número de conceitos distribuídos em cada um dos oito octantes, portanto levando-se em conta somente a posição positiva ou negativa de cada conceito diante das três principais dimensões, representadas respectivamente pelos compósitos E, P e A.

Tabela 22. Distribuição dos conceitos assinalados a cada octante para o Português-Rio de Janeiro

	Octantes								Razões +/-		
	1	2	3	4	5	6	7	8	Compósitos		
	+E	+E	+E	+E	-E	-E	-E	-E			
	+P	+P	-P	-P	+P	+P	-P	-P			
	+A	-A	+A	-A	+A	-A	+A	-A	+E/-E	+P/-P	+A/-A
Total ^a	78	3	2	0	11	3	0	2	83/16	95/4	91/8

^aO total de conceitos não perfaz 100, pois MEDO caiu precisamente no ponto neutro do fator P

A inspeção à tabela 22 leva a conclusões concisas acerca da predominância caracteristicamente "positiva" de conceitos, no sentido de que as regiões "positivas" (+E, +P, +A) do espaço semântico foram mais densamente popularizadas que as regiões "negativas" (-E, -P, -A). Por outro lado, o número de conceitos +E+P+A foi marcadamente superior ao número de conceitos -E-P-A. Osgood e colabs. (1963; 1975) revelaram as mesmas tendências encontradas na investigação envolvendo outras 22 comunidades lingüístico-culturais ao redor do mundo. No entanto, para o Rio de Janeiro, achamos que aquelas tendências foram relativamente mais acentuadas.

A tabela 23 diz respeito ao número de conceitos dis

tribuídos em cada uma das 27 regiões do espaço semântico, portanto levando-se em conta a posição positiva, ou neutra ou negativa de cada conceito diante de cada compósito E, P e A, sendo que para a região "+" considerou-se somente intensidades acima de 0,5, para a região "o" intensidades entre $\pm 0,5$ e para a região "-" intensidades abaixo de -0,5. (A intensidade de cada conceito perante cada compósito apareceu na tabela 21).

Tabela 23. Distribuição dos conceitos assinalados às 27 regiões para o Português-Rio de Janeiro

		+E		
		+P	oP	-P
+A		47	21	0
oA		7	4	0
-A		0	1	0

		oE		
		+P	oP	-P
+A		2	1	0
oA		0	2	0
-A		0	0	0

		-E		
		+P	oP	-P
+A		4	2	0
oA		3	2	0
-A		1	3	0

		Regiões		
		+	o	-
E		80	5	15
P		64	36	0
A		77	18	5

Os resultados apresentados à tabela 23 comprovam a desigualdade com a qual os conceitos foram assinalados ao espaço semântico, pelos estudantes no Rio de Janeiro, e confirmando aquela tendência segundo a qual as regiões "positivas" foram mais utilizadas que as regiões "negativas" (80, 64, 77 vs. 15, 0, 5).

Os dados que aparecem na tabela 24 dizem respeito à média de intensidade das avaliações dos estudantes perante os 100 conceitos, em cada região, positiva ou negativa, de cada compósito. Os resultados apresentados na tabela 24 confirmam a tendência predominante das regiões "positivas" sobre as regiões "negativas" do espaço semântico, pois as médias de intensidade de todos os conceitos foi superior para os compósitos $+E, +P, +A$, quando comparadas, respectivamente, com as médias dos compósitos $-E, -P, -A$. Por outro lado, os conceitos foram mais intensamente Bons do que Potentes e Ativos, o que confirma a predominância da dimensão Avaliativa do espaço semântico sobre as dimensões Potência e Atividade.

Tabela 24. Intensidade média de todos os conceitos perante ca da compósito

Região + ou -	Média de intensidade de todos conceitos ^a
$+E$	1,7
$-E$	-1,3
$+p$	0,7
$-p$	-0,2
$+A$	1,2
$-A$	-0,4

^aCalculadas a partir dos dados apresentados na tabela 21

Diante da expressiva quantidade de informações pertinentes aos dados apresentados anteriormente na tabela 21, os resultados mais significativos foram selecionados e apresentados aqui na tabela 25. A tabela 25 revela aqueles conceitos que apresentaram os mais altos e os mais baixos escores diante de cada medida utilizada, compósitos E, P e A, D-O e FAM, para os estudantes adolescentes.

Tabela 25. Conceitos de maior e menor intensidade perante cinco índices descritivos

Mais intensamente ⁺ E:	PAZ(2,7), AMOR(2,6), FRUTA(2,5), PAI(2,5), ÁGUA(2,4), CASA(2,4), LIBERDADE(2,4), ME- NINA(2,4), PRAZER(2,4), SOL(2,4), ÁRVORE (2,3), CARNE(2,3), COMIDA(2,3), CONFIAN- ÇA(2,3), MÃE(2,3)
Mais intensamente ⁻ E:	LADRÃO(-2,6), CRIME(-2,2), BATALHA(-2,1), FUMAÇA(-2,0), DOR(-1,7), PERIGO(-1,5), RAIVA(-1,5), VENENO(-1,4), CULPA(-1,3), DERROTA(-1,2), FOME(-1,2), BARULHO(-1,1)
Mais intensamente ⁺ P:	AMOR(1,7), PRAZER(1,6), CONHECIMENTO(1,5), SOL(1,5), PROGRESSO(1,4), RIQUEZA(1,4), ÁGUA(1,3), CAVALO(1,3), PAZ(1,3), CASA (1,2), CONFIANÇA(1,2), ESPERANÇA(1,2), ESTRELA(1,2), RESPEITO(1,2), ÁRVORE(1,1)
Mais intensamente ⁻ P:	nenhum conceito ^a
Mais intensamente ⁺ A:	MENINA(2,3), AMOR(2,2), MULHER(2,2), PÁS- SARO(2,1), PAZ(2,1), SOL(2,0), AMIGO(1,9), ÁRVORE(1,9), PAI(1,9), SIMPATIA(1,9), VEN- TO(1,9), ÁGUA(1,8), CAVALO(1,8), FRUTA (1,8), GATO(1,8), MÃE(1,8)
Mais intensamente ⁻ A:	nenhum conceito ^b

Tabela 25 (Continuação)

Mais alto D-0:	AMOR(3,8), PAZ(3,7), SOL(3,5), MENINA(3,4), PRAZER(3,4), PAI(3,3), ÁGUA(3,2), ÁRVORE(3,2), SIMPATIA(3,2), FRUTA(3,1), LIBERDADE(3,1), MU- LHER(3,1), CONFIANÇA(3,0), MÃE(3,0)
Mais baixo D-0:	CASTIGO(0,2), QUARTA-FEIRA(0,5), MEDO(0,6), POLICIAL(0,9), JOGO(1,1), NECESSIDADE(1,1), NÓ(1,1), PEDRA(1,1)
MAIS FAM:	FRUTA(2,2), CARNE(2,1), CORDA(2,0), PÃO(2,2), RIQUEZA(2,0), XÍCARA(2,0), CONFIANÇA(1,8), DRE- LHA(1,8), ÁRVORE(1,7), AMIGO(1,6), AMOR(1,6), CASA(1,6), PAI(1,6)
MENOS FAM:	MEDO(-1,0), LADRÃO(-0,4), POLICIAL(-0,4), CULPA (-0,1), PERIGO(-0,1), ESPERANÇA(-0,0), BATALHA (0,0), MORTE(0,0), PODER(0,0), BARULHO(0,2), DOR(0,2), FUTURO(0,2), NÓ(0,3)

^aOs únicos quatro conceitos \bar{P} tiveram uma intensidade relativamente neutra: PÁSSARO(-0,4), DRELHA(-0,2), CRIME(-0,1) e LADRÃO(-0,0).

^bOs oito conceitos \bar{A} tiveram uma intensidade relativamente fraca ou neutra: BATALHA(-0,8), LADRÃO(-0,7), CRIME(-0,6), FUMAÇA(-0,5), NÓ(-0,5), CORDA(-0,2), CULPA(-0,2) e XÍCARA(-0,1).

Olhando para os resultados apresentados na tabela 25, pode-se chegar às seguintes conclusões: (a) a magnitude de intensidade dos conceitos mais intensamente ^+E foi superior à magnitude daqueles mais intensamente \bar{E} ; (b) o mesmo podendo ser dito quando se compara aqueles conceitos mais intensamente ^+P com aqueles mais intensamente \bar{P} , e os ^+A com aqueles \bar{A} , o que confirmou a tendência predominantemente "positiva" sobre a "negativa" de avaliação dos conceitos pelos estudantes adolescentes, o mesmo tendo sido encontrado por Osgood e colaboradores (1963; 1975); (c) em relação à intensidade de afeto, foram

mais intensamente carregados de afeto positivo os conceitos AMOR, PAZ, SOL, MENINA, PRAZER, PAI e outros, sendo que para os conceitos CASTIGO, QUARTA-FEIRA, MEDO, POLICIAL e outros os estudantes adolescentes demonstraram uma relativa ausência de afeto, sendo portanto afetivamente inexpressivos; e (d) dentre os 100 conceitos, FRUTA, CARNE, CORDA(?), PÃO e outros foram considerados pelos estudantes os mais familiares, ao passo que MEDO, LADRÃO, POLICIAL, CULPA e outros os menos familiares.

Por outro lado, levando-se em consideração as três principais dimensões do significado afetivo, para o Rio de Janeiro, E, P e A, PAZ, AMOR, FRUTA, PAI, ÁGUA, CASA, LIBERDADE, MENINA e outros foram os mais intensamente Bons, e LADRÃO, CRIME, BATALHA, FUMAÇA, DOR, PERIGO, RAIVA, VENENO e outros os mais intensamente Maus; AMOR, PRAZER, CONHECIMENTO, SOL, PROGRESSO, RIQUEZA, ÁGUA, CAVALO e outros os mais intensamente Potentes ou Fortes, e PÁSSARO, ORELHA, CRIME e LADRÃO ligeiramente Impotentes ou Fracos; e MENINA, AMOR, MULHER, PÁSSARO, PAZ, SOL, AMIGO, ÁRVORE e outros os mais intensamente Ativos, e BATALHA, LADRÃO, CRIME, FUMAÇA, NÓ, CORDA, CULPA e XÍCARA ligeiramente Passivos.

Osgood (1971) e Osgood e colabs. (1975) têm agrupado uma amostra de 620 conceitos-substantivo, que compõem o Atlas atual de significados afetivos de diversas comunidades culturais e lingüísticas do mundo, em 12 "supercategorias", sendo estas subdivididas em 47 "subcategorias"; dentre os 620 conceitos-padrão, estão incluídos aqueles 100 conceitos originais. A tabela 26 revela, como exemplo, aqueles conceitos relacionados às "emoções" ("subcategoria III.A." da "supercategoria III." -- "simbolismos abstratos"), diante dos cinco índices descritivos, pa-

ra o grupo de estudantes adolescentes do Rio de Janeiro. Os resultados que aparecem na tabela 26 são os mesmos descritos na tabela 21, porém aqui relatados somente diante daqueles conceitos relacionados às emoções.

Tabela 26. Os cinco índices para os conceitos relacionados às emoções

Conceito	E	P	A	D-O	FAM
AMOR	2,6*	1,7*	2,2*	3,8*	1,6*
CORAGEM	1,4	1,0	0,9	1,9	0,8
CULPA	-1,3	0,5	-0,2**	1,4	-0,1
DOR	-1,7**	0,5	0,7	1,9	0,2
ESPERANÇA	1,6	1,2	1,1	2,3	-0,0
MEDO	-0,6	0,0**	0,1	0,6**	-1,0**
PRAZER	2,4	1,6	1,8	3,4	1,4
RAIVA	-1,5	0,6	0,2	1,7	0,8
RISO	2,0	0,8	1,8	2,8	1,0
SIMPATIA	2,3	1,0	1,9	3,2	1,1

*Mais intenso para cada índice.

**Menos intenso para cada índice.

Os resultados apresentados na tabela 26 são bastante conclusivos. Diante daqueles dez conceitos relacionados às emoções, AMOR foi a mais intensamente Boa ($\underline{E} = 2,6$), a mais Potente ($\underline{P} = 1,7$), a mais Ativa ($\underline{A} = 2,2$), a mais intensamente carregada de afeto ($\underline{D-O} = 3,8$) e a mais familiar ($\underline{FAM} = 1,6$), para os estudantes adolescentes-masculino do Rio de Janeiro, seguida de PRAZER, SIMPATIA e RISO. MEDO, CULPA, RAIVA e DOR foram aquelas "emoções" avaliadas menos intensamente, ou de menor intensidade, quanto à Avaliação, Potência, Atividade, intensidade de afeto e familiaridade, pelos estudantes adolescen

tes; DOR foi julgada muito Ruim ou Má, seguida de RAIVA, CULPA e MEDO, sendo MEDO a menos Potente (embora neutramente Potente), seguida de CULPA, DOR e RAIVA (embora todas estas ligeiramente Potentes), e CULPA ligeiramente Passiva, seguida de MEDO, RAIVA e DOR (todas estas ligeiramente Ativas); MEDO foi a "emoção" que despertou menor intensidade de afeto, seguida de CULPA, RAIVA, DOR e CORAGEM, sendo que AMOR, PRAZER, SIMPATIA, RISO e ESPERANÇA foram as "emoções" mais carregadas afetivamente; MEDO foi a mais não-familiar das "emoções" (embora ligeiramente), seguida de CULPA, ESPERANÇA, DOR, CORAGEM e RAIVA, enquanto que AMOR, PRAZER, SIMPATIA e RISO foram as mais intensamente familiares.

Por outro lado, é muito interessante a comparação entre alguns conceitos que denotam nomes de emoções opostas: AMOR vs. RAIVA e CORAGEM vs. MEDO. Afetivamente, embora não totalmente "opostas" para os nossos estudantes, quando comparadas pelas escalas do diferencial semântico, AMOR foi +2,6E (extremamente Bom) enquanto que RAIVA foi -1,5E (muito Mau ou Ruim), e CORAGEM +1,4E (muito Bom) enquanto que MEDO -0,6E (ligeiramente Mau ou Ruim). Diante de P e A, as avaliações dos estudantes foram relativamente "positivas" para as quatro "emoções", embora AMOR foi muito P e extremamente A enquanto que RAIVA ligeiramente P e neutramente A, e CORAGEM ligeiramente P e A enquanto que MEDO neutramente P e A. Por outro lado, pelo índice D-O, AMOR foi uma "emoção" mais intensamente carregada de afeto do que sua "oposta" RAIVA, e CORAGEM apresentou a mesma tendência quando comparada com MEDO.

A tabela 27 revela aqueles resultados obtidos diante

dos dois pares de nomes que denotam "emoções opostas", para o grupo de estudantes adolescentes-Rio de Janeiro.

Tabela 27. Emoções opostas diante dos cinco índices

Emoção	E	P	A	D-O	FAM	Região + / o / -
AMOR	2,6	1,7	2,2	3,8	1,6	$^+E^+P^+A$
RAIVA	-1,5	0,6	0,2	1,7	0,8	$^-E^+P^0A$
CORAGEM	1,4	1,0	0,9	1,9	0,8	$^+E^+P^+A$
MEDO	-0,6	0,0	0,1	0,6	-1,0	$^-E^0P^0A$

Osgood e colabs. (1957; 1975) têm definido "atitude" como "a projeção de um conceito sobre o fator E..." (Osgood e colabs., 1975, p.237). Então, poderíamos tomar os escores do grupo de estudantes adolescentes-Rio de Janeiro perante alguns grupos de conceitos-substantivo, e denominá-los "objetos atitudinais". Na tabela 28, os conceitos foram agrupados segundo algumas das "subcategorias" apresentadas por Osgood e colabs. (1975). Os valores refletem as intensidades dos conceitos perante o compósito E.

Tabela 28 - Vide página seguinte.

Tabela 28. Escores atitudinais diante de alguns conceitos agrupados em subcategorias-Rio de Janeiro

ID. Tempo ^a Futuro, Presente ^b		II C. Relações Afiridade Masculino/Feminino		III A. Symbolismos Abstr Emoções	
ESCOLHA	1,4 ^c	HOMEM	1,0	AMOR	2,6*
ESPERANÇA	1,6	MÃE	2,3	CORAGEM	1,4
FUTURO	1,7	MENINA	2,4	ESPERANÇA	1,6
PROGRESSO	1,8*	MULHER	2,2	PRAZER	2,4
PROPÓSITO	1,3	PAI	2,5*	RISQ	2,0
SUCESSO	1,7			SIMPATIA	2,3
TRABALHO	1,7			CULPA	-1,3
				DOR	-1,7
				MEDO	-0,6
				RAIVA	-1,5
VA. Ambientes Objetos Alimentícios		VIIB. Atividade Humana Comercial, Econômica		VII D. Atividade Hum Sucesso/Insucesso	
ÁGUA	2,4	DINHEIRO	1,7	FUTURO	1,7
CARNE	2,3	PROGRESSO	1,8*	PROGRESSO	1,8
COMIDA	2,3	SUCESSO	1,7	SORTE	2,1*
FRUTA	2,5*	TRABALHO	1,7	SUCESSO	1,7
OVO	1,9			CASTIGO	-0,1
PÃO	2,1			DERROTA	-1,2
PEIXE	2,0				
VII C. Atividade Hum Dever/Diversão		VII E. Atividade Hum Estilo Solução Problemas		XIA. Filosofia Filosóficos	
JOGO	0,9	CONHECIMENTO	2,1*	AMOR	2,6*
TRABALHO	1,7*	ESPERANÇA	1,6	CONHECIMENTO	2,1
		FUTURO	1,7	ESCOLHA	1,4
		PROGRESSO	1,8	LIBERDADE	2,4
		TRABALHO	1,7	PRAZER	2,4
		VERDADE	1,6	SORTE	2,1
				VERDADE	1,6
				VIDA	1,8
				DOR	-1,7

^a supercategoria

^b subcategoria

^c os valores indicam intensidade diante do compósito E

* indicam a mais alta intensidade na subcategoria

Considerando aquelas subcategorias de conceitos-substantivo apresentadas na tabela 28, os resultados são claramente conclusivos, pois os estudantes masculinos-adolescente-Rio de Janeiro: (a) demonstraram uma intensidade muito acentuada para quase todos os conceitos pertinentes às subcategorias, o que indica que crêem, expressivamente, no PROGRESSO, FUTURO, SUCESSO, TRABALHO, etc, diante de uma perspectiva temporal que têm diante de si, que acreditam extremamente no AMOR, PRAZER e SIMPATIA, desprezando a DOR, a RAIVA, a CULPA e o MEDO, que crêem ser o TRABALHO uma atividade mais importante que o JOGO, somente para citar algumas das tendências reveladas por aqueles estudantes (e seriam muitas as conclusões possíveis!); e (b) demonstrarem uma maior importância diante daqueles conceitos relacionados à "objetos alimentícios", sendo os mais intensamente Bons, seguida daqueles conceitos pertinentes às "relações de afinidade", aos conteúdos "filosóficos" e às "emoções".

À luz dos resultados apresentados na tabela 28, cremos que o futuro da nossa Nação está nas mãos dos nossos jovens adolescentes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se necessário, diante da vultosa quantidade de informação pertinente às amostras escolhidas, aos procedimentos técnicos adotados, aos dados obtidos, aos tratamentos estatísticos utilizados e às conclusões oferecidas pela experiência conduzida com o diferencial semântico no Rio de Janeiro, sumarizar aqueles achados mais importantes, o que os tornaria mais facilmente acessível a quem quizesse se utilizar de tão prodigiosa técnica.

No nosso caso, o objetivo central foi o de colocar à prova a hipótese acerca do sistema tridimensional do espaço semântico, para o Rio de Janeiro. Neste sentido, procedeu-se a execução das etapas delineadas por Osgood e colabs. (1963; 1975), quando submeteram aquela hipótese à nível transcultural, a partir de dados obtidos em diferentes comunidades de diversas partes do mundo.

Resumidamente, apresentamos novamente aqui o seguimento das etapas de campo desenvolvidas, bem como os procedimentos adotados:

- (1) A lista padrão de 100 palavras-substantivo foram traduzidas do Inglês para o Português por 14 experientes tradutores nativos;
- (2) Os 100 conceitos-substantivo em Português foram julgados por 100 estudantes nativos, adolescentes, masculinos; dentre as 10000 respostas, selecionou-se aqueles qualificativos-adjetivo mais expressivos--mais produtivos e mais independentes;
- (3) Aos adjetivos mais expressivos foram eliciados adjetivos opostos por 65 sujeitos--estudantes e professores; foram eleitos 50 pares de adjetivos opostos (escalas bipolares da forma Reduzida) e adicionados outros dez pares (escalas bipolares da Forma Completa);

(4) Os 100 conceitos-substantivo, divididos em 10 subgrupos, foram julgados por 200 estudantes também adolescentes do sexo masculino, através das 60 escalas bipolares; tanto as escalas da Forma Completa quanto as da Forma Reduzida foram fatorizadas pelo método dos componentes principais, e os dez primeiros fatores extraídos foram rotados pelo critério varimax.

Seguindo-se, portanto, os procedimentos adotados por Osgood e colabs. (1963; 1975), foi confirmada a hipótese de que em relação ao Rio de Janeiro emergiriam os fatores de Avaliação, Potência e Atividade em ordem de importância de magnitude da variância. Então, os resultados encontrados no Rio de Janeiro dão suporte empírico à proposição teórica de Osgood e colabs. acerca da generalidade do sistema predominantemente tridimensional do significado afetivo.

À luz dos procedimentos utilizados, outros achados não menos importantes corroboraram determinadas tendências apontadas por Osgood e colabs. (1963; 1975), encontradas em outras comunidades do nosso Globo. Por exemplo, um achado significativo foi aquela tendência demonstrada pelos estudantes, na Fase I, de avaliarem os conceitos-substantivo mediante o uso de qualificativos da categoria "adjetivo", muito mais frequentemente do que através de verbos, substantivos, advérbios, neologismos, etc. Portanto, ficou também confirmado que "adjetivo" é a categoria gramatical mais comumente utilizada para qualificar os "substantivos". Por outro lado, nossos estudantes se basearam muito mais frequentemente e diversificadamente em adjetivos denotativamente (e também afetivamente) "positivos", como por exemplo, bom, grande, bonito, necessário, forte, etc, do que em adjetivos "negativos" como ruim, pequeno, duro, "cha

to", mau, etc. Estes achados também confirmam a proposição de Osgood e colabs., segundo a qual (a) o Bom prevalece sobre o Mau, (b) o Potente prevalece sobre o Impotente e (c) o sistema Bom-Potente prevalece sobre o sistema Mau-Impotente, diante dos três fatores principais. As mesmas tendências foram confirmadas posteriormente, quando um outro grupo de estudantes equivalentes, na Fase II, julgou os conceitos-substantivo através das escalas construídas no nosso meio, quando então se verificou que tanto a intensidade de julgamento quanto o número de conceitos perante os compósitos ^+E , ^+P e ^+A foram mais acentuados que a intensidade e o número de conceitos diante dos compósitos ^-E , ^-P e ^-A , levando à conclusão que as regiões "positivas" prevaleceram sobre as regiões "negativas" do espaço semântico.

Por outro lado, o fato de que os adjetivos bom, grande, bonito, necessário, forte, ruim, pequeno, gostoso, lindo, duro, etc, mostraram-se como os mais produtivos enquanto respostas qualificativas aos substantivos, foi um forte indicativo da importância dominante das dimensões Avaliação e Potência para o espaço semântico do Rio de Janeiro. Por outro lado, tanto na Fase I quanto na Fase II, os resultados encontrados evidenciaram a maior importância do julgamento Avaliativo sobre o julgamento Potência; aquela dominância de E e P no julgamento dos conceitos-substantivo, e a predominância de E sobre P, têm sido demonstradas por Osgood e colabs. (1975), e evidenciada em "23 das nossas 25 comunidades..." (Osgood e colabs., 1975, p. 352).

Com relação à dimensão Atividade, esta não foi claramente identificada no Rio de Janeiro, já que as escalas mais

saturadas naquela dimensão não foram tão "puras" quanto aquelas mais saturadas nas dimensões E e P. No nosso caso, o terceiro fator emergente em importância da variância extraída foi interpretado como "Atividade Externa", com um sentido de movimento, porém semanticamente obscuro. Em contrapartida, a emergência do fator IV, embora menos expressivo quanto a sua variância, e com um número pequeno de escalas mais exclusivamente nele saturadas, fez supor uma dimensão mais relacionada ao significado afetivo do que a dimensão III, pois as escalas sugeriram "Atividade Interna", com um sentido de excitabilidade. Da mesma forma, Osgood e colabs. (1975) têm apontado que a dimensão Atividade tem sido menos claramente identificada do que a E e P, e que "ocasionalmente é a segunda em magnitude, regularmente a terceira em magnitude, mas algumas vezes a quarta em ordem de extração" (Osgood e colabs., 1975, p. 123), diante dos 22 grupos lingüístico-culturais diferentes investigados até o ano de 1975.

Além daqueles quatro primeiros fatores, qual a importância dos restantes seis fatores extraídos? Os resultados apresentados diante das duas fatorizações das escalas, na fase II, evidenciaram que a partir do quinto fator extraído não houve expressividade semântica, pois aqueles últimos fatores apresentaram uma variância muito pequena, já que a maior parte da variância coube aos quatro primeiros fatores extraídos pela análise fatorial. Por outro lado, os seis fatores restantes extraídos tiveram, de alguma forma, uma relação bastante estreita com a dimensão Avaliativa, pois as escalas mais saturadas naqueles fatores obtiveram uma saturação mais expressiva no fator I.

Por outro lado, que considerações podem ser levantadas quanto ao método de análise fatorial utilizado para a extração dos fatores? E sobre o número de fatores extraídos? E sobre o método de rotação dos fatores adotado? E sobre os critérios de rotação? E sobre o número de fatores rotados? Embora não tivéssemos nenhuma preocupação quanto às questões apresentadas acima, já que havíamos proposto seguir os procedimentos delineados pelos investigadores do diferencial semântico a nível transcultural, sugerimos que estudos adicionais comparativos sejam efetuados em nosso meio, variando o método de extração dos fatores, extraíndo-se três, cinco, sete e dez fatores pelos diferentes métodos de análise fatorial e posteriormente rotando-os por alguns métodos e critérios distintos. Osgood e colabs. (1957; 1963; 1975) têm reportado a predominância da estrutura EPA do significado afetivo, a nível transcultural, independentemente do método de extração e de rotação, bem como do número de fatores extraídos e rotados.

Uma outra questão relacionada aos delineamentos da investigação do significado afetivo a nível transcultural, com a qual têm se deparado os investigadores do diferencial semântico, é a do problema das amostras (a) de conceitos, (b) de sujeitos e (c) de escalas. Para o Rio de Janeiro foi adotado o mesmo modelo proposto por Osgood e colabs. (1963; 1975) em relação aquelas três fontes. Embora estivesse envolvida somente uma amostra pequena de 100 conceitos-substantivo e 50-60 escalas, dentre uma possibilidade lingüística da ordem de 100000 palavras para o idioma Português falado no Brasil, deve-se levar em consideração que Osgood e colabs. selecionaram os 100 conceitos-substantivo a partir de análises e estudos bastante

consistentes. Em relação à amostra de escalas, as 50 escalas mais representativas do idioma Português-Rio de Janeiro, estas foram selecionadas após terem sido submetidas a critérios apurados, envolvendo frequência de uso dos adjetivos perante aqueles substantivos, diversidade de uso, independência relativa de uso, facilidade de compreensão por parte dos estudantes adolescentes, adequabilidade aos conceitos, o quanto fosse o possível. Em relação às amostras de sujeitos, três questões estão envolvidas: (a) número de sujeitos das amostras, (b) características relacionadas aos sujeitos das amostras e (c) representatividade das amostras de sujeitos em relação à população de sujeitos. Quanto ao número de sujeitos das amostras, um grupo de 100 estudantes na fase I e dez grupos de 20 estudantes na fase II, foi relativamente reduzido, talvez podendo ter influenciado a fidedignidade das médias dos escores obtidos pela medida do significado afetivo no diferencial semântico. No entanto, Osgood e cols. (1957; 1963; 1975) têm apontado que amostras de 20 sujeitos têm revelado considerável consistência diante da medida do significado pela técnica do diferencial semântico.

As características dos sujeitos das amostras e a representatividade das amostras, tanto na "fase de eliciação de qualificativos" quanto na "fase de julgamento dos conceitos através das escalas", têm sido uma questão importante diante do diferencial semântico transcultural. Osgood e cols. têm delimitado as amostras a grupos de estudantes nativos, adolescentes, do sexo masculino, sacrificando a representatividade dentro de cada comunidade; segundo eles, esta orientação tem sido perfeitamente satisfatória, sob o ponto de vista de que o obje

tivo foi o de tornar possível comparações entre os grupos culturais e lingüísticos diferentes, mas similares ou equivalentes quanto ao nível educacional, intelectual, sexual e etário. No caso do DS-Rio de Janeiro, também preferiu-se sacrificar a representatividade das amostras de estudantes quanto à população de estudantes adolescentes do sexo masculino do Rio de Janeiro; no entanto, a escolha dos elementos na composição das amostras foi de forma aleatória, pois para o número de formulários requeridos em cada fase, sempre foi aplicado o dobro de formulários, no sentido de tornar possível selecionar aleatoriamente o número de estudantes desejados, ou seja, 100 para a Fase I e 200 para a Fase II.

Então, nossas amostras de estudantes têm sido homogêneas às amostras de outras comunidades. Por outro lado, Osgood e colabs. (1957; 1963; 1975) têm reportado inúmeras investigações com o DS, variando a idade dos sujeitos, sexo, condição sócio-econômica, nível de inteligência, etc, cujos resultados têm suportado empiricamente a hipótese da generalidade da estrutura EPA do significado afetivo.

Uma questão que merece ainda maior atenção, são as características psicométricas do instrumento DS. Maior número de estudos deveriam ser realizados sobre a questão da "opositividade funcional" dos pares de adjetivos escalares denotativamente opostos; a questão aqui seria: até que ponto um dado adjetivo de uma escala seria o oposto realmente psicológico (afetivo) do seu oposto denotativo? Ainda uma outra questão, é a da "unidimensionalidade" das escalas; em outras palavras, di

ante de uma dada escala, por exemplo pacífico-violento, ambos os adjetivos opostos medem a mesma dimensão afetiva? Ou cada adjetivo de uma dada escala representaria uma dimensão diferente?

Ainda em relação às características psicométricas, a questão da "polaridade" dos adjetivos em uma dada escala não tem sido menos importante; em outras palavras, muitas vezes diante de um dado conceito a ser julgado, uma dada escala, por exemplo duro-mole, pode funcionar com um adjetivo polar positivo e o outro polar negativo, mas para um outro conceito a polaridade pode se inverter, e ainda para outros conceitos ambos os adjetivos opostos podem ter a mesma polaridade. Uma outra questão é a se o ponto neutro de uma dada escala é realmente o intervalo central "0" ou "4", como também se para todas as escalas o ponto neutro ou origem é sempre realmente o intervalo central. Ainda outra questão: Em uma mesma escala os intervalos são sempre iguais? Ou seja, são constantes? Ou ainda, guardam sempre a mesma distância? Por outro lado, há uma equivalência dos intervalos para todas as escalas?

Ainda uma outra questão relevante, até que ponto uma dada escala manteria sempre a mesma performance, medindo sempre do mesmo modo, apesar dos conceitos serem diferentes, alguns concretos e outros ainda abstratos? Em outras palavras, para certos conceitos uma dada escala funcionaria "afetivamente", e para outros conceitos "denotativamente"?

Apesar de haver evidência empírica que confirmam uma resposta plausível para o maior número das questões apresentadas, outras investigações têm sido conduzidas no sentido de

aprimorar a técnica do diferencial semântico, a qual tem se mostrado de grande utilidade, e amplamente divulgada e aplicada na solução dos mais diversos problemas de pesquisa.

Por outro lado, o diferencial semântico tem se mostrado ser uma técnica objetiva e poderosa, por requerer cuidados especiais quanto a sua construção, aplicação e interpretação, sempre necessitando de procedimentos padronizados, qualitativa-quantitativamente.

No Brasil, a tendência tem sido a de utilizar os resultados diretamente provenientes de investigações estrangeiras, e mais a nível empresarial do que a nível acadêmico. Gostaríamos que tanto alunos quanto professores entrassem em contato com esta preciosa técnica de tão ampla aplicação.

Apêndice I - Principais variações de apresentação espacial dos formatos gráficos do instrumento DS

Nota: Os exemplos a seguir foram selecionados a partir das principais publicações que se utilizaram da técnica do DS. Para todos os exemplos descritos foram tomados o conceito "PAI" e a escala "Bom-Mau". O exemplo mais comumente utilizado é o conjunto-- formado pelo conceito, adjetivos opostos e continuum--apresentado aqui no exemplo 1b.

Exemplos:

PAI

Bom :—:—:—:—:—:—:—:—: Mau (1a)

PAI

Bom :—:—:—:—:—:—:—:—: Mau (1b)

PAI

bom :—:—:—:—:—:—:—:—: mau (2)

Pai: bom : : : : : : : : mau (3)

Pai
Bom | | | | | | | | Mau (4)

PAI:

bom / / / / / / / / mau (5)

Pai:
bom : : : : : : : : mau (6)

PAI Bom — — — — — — — — Mau (7)

Pai

Bom :...:...:...:...:...:...:...: Mau (8)

Apêndice II - Exemplo de cálculo do índice H e correlação Phi

Conceito	Gostoso freq	Branco freq
1 Casa		3
2 Menina	1	
4 Carne	20	
8 Livro		1
10 Estrela		4
13 Simpatia	1	
14 Progresso	1	
15 Xícara		10
18 Pão	26	2
19 Amor	2	
20 Fruta	30	
21 Pássaro		1
23 Calor	3	
26 Chuva	6	
29 Dente		32
32 Riso	4	
33 Lua		13
34 Vento	1	
39 Mulher	3	
40 Nuvem		22
41 Gato		2
50 Língua	2	
51 Cavalo		5
54 Cor		7
57 Morte	1	
59 Liberdade	2	
63 Mão		1
66 Vida	1	
67 Cabeça		2
71 Música	6	
72 Sono	10	
74 Ovo	6	18
79 Fumaça		2
80 Peixe	11	
82 Quarta-feira	1	
83 Cadeira	1	
86 Paz		1
87 Cabelo		1
88 Comida	35	
89 Semente	1	
93 Prazer	3	
98 Janela		1
100 Água	4	2
Freqüência	137	135
Diversidade	26	20

Fórmula para o índice \underline{H} :

$$\underline{H} = \frac{-1}{N_T} \left[\sum_j \left(\frac{f_{ij} \log f_{ij}}{\log 2} \right) - \frac{f_i \log f_i}{\log 2} \right]$$

Índice \underline{H} para "Gostoso":

$$\underline{H} = \frac{-1}{10000} \left(\frac{213,33807}{0,30103} - \frac{424,83438}{0,30103} \right)$$

$$\underline{H} = -0,0001 (-702,57552)$$

$$\underline{H} = 0,07026$$

Índice \underline{H} para "Branco":

$$\underline{H} = \frac{-1}{10000} \left(\frac{146,82806}{0,30103} - \frac{287,59505}{0,30103} \right)$$

$$\underline{H} = -0,0001 (-467,61781)$$

$$\underline{H} = 0,04676$$

Fórmula para o coeficiente $\underline{\Phi}$:

$$\underline{\Phi} = \frac{ad - bc}{\sqrt{(a+b)(c+d)(a+c)(b+d)}}$$

Coeficiente $\underline{\Phi}$ entre "Gostoso" e "Branco":

		Gostoso	
		+ -	
Branco	+	3 ^a 17 ^b	20 (a+b)
	-	23 ^c 57 ^d	80 (c+d)
		26 74 100	
		(a+c) (b+d)	

$$\underline{\Phi} = \frac{(3)(57) - (17)(23)}{\sqrt{(20)(80)(26)(74)}}$$

$$\underline{\Phi} = \frac{-220}{\sqrt{3078400}}$$

$$\underline{\Phi} = -0,12539$$

Apêndice III - Frequência total de uso, diversidade e valor H dos 200 primeiros adjetivos de maior índice H

a	Adjetivo	Freq.	Div.	<u>H</u>	a	Adjetivo	Freq.	Div.	<u>H</u>
1	Bom	573	75	.32618	51	Escuro	36	19	.01312
2	Grande	437	73	.24255	52	Claro	38	15	.01311
3	Bonito	263	49	.12800	53	Mortal	52	12	.01268
4	Necessário	225	55	.11561	54	Verdadeiro	33	18	.01225
5	Forte	233	50	.11505	55	Interessante	36	17	.01224
6	Ruim	230	45	.11161	56	Verde	32	16	.01181
7	Pequeno	183	51	.09376	57	Passageiro	32	16	.01136
8	Gostoso	187	26	.07026	58	Limp/ido	38	12	.01043
9	Lindo	132	37	.06167	59	Profundo	37	13	.01026
10	Duro	177	26	.06139	60	Feliz	29	16	.01008
11	Importante	113	45	.05780	61	Velho	24	19	.01000
12	"Chato"	123	38	.05730	62	Inteligente	42	9	.00970
13	Belo	117	40	.05632	63	Macio	34	9	.00847
14	Branco	135	20	.04676	64	Grosso	44	7	.00833
15	Quente	160	19	.04261	65	Amarelo	27	12	.00831
16	Ótimo	83	39	.04153	66	Terrível	25	12	.00831
17	Mau	86	28	.03472	67	Tranquilo	29	11	.00827
18	Alegre	90	26	.03450	68	Fino	27	12	.00815
19	Perigoso	81	27	.03361	69	Fiel	41	8	.00803
20	Horrível	70	26	.02932	70	Calmo	22	15	.00797
21	"Legal"	62	34	.02928	71	Fresco	27	10	.00776
22	Feio	65	30	.02886	72	Humano	22	14	.00758
23	Amigo	81	15	.02458	73	Falso	20	15	.00757
24	Agradável	56	26	.02433	74	Barulhento	70	4	.00745
25	Triste	60	23	.02380	75	Largo	30	9	.00744
26	Difícil	61	20	.02191	76	Negro	26	10	.00726
27	Vital	46	22	.01867	77	Fatal	22	10	.00711
28	Preto	53	16	.01798	78	Total	21	12	.00707
29	Tudo	43	22	.01787	79	Normal	17	16	.00675
30	Frio	52	18	.01768	80	Mole	25	10	.00673
31	Azul	50	17	.01767	81	Muito	19	13	.00672
32	Maravilhoso	41	23	.01724	82	Colorido	27	8	.00672
33	Curto	47	19	.01698	83	Desnecessário	18	12	.00611
34	Útil	38	25	.01691	84	Mal	17	13	.00607
35	Vermelho	70	11	.01683	85	Inevitável	17	13	.00607
36	Fraco	40	22	.01661	86	Pêssimo	20	10	.00601
37	Enorme	37	26	.01656	87	Delicioso	20	10	.00594
38	Sujo	40	19	.01566	88	Constante	24	8	.00585
39	Redondo	45	15	.01564	89	Eterno	17	12	.00580
40	Doloroso	47	14	.01541	90	Esperto	21	9	.00575
41	Certo	46	17	.01536	91	Fundo	28	5	.00562
42	Pouco	36	21	.01534	92	Cheio	20	10	.00557
43	Comprido	49	11	.01490	93	"Bacana"	15	13	.00546
44	Natural	36	21	.01479	94	Incerto	32	9	.00540
45	Livre	44	19	.01456	95	Seguro	16	11	.00525
46	Cruel	41	14	.01425	96	Saboroso	26	6	.00521
47	Longo	40	14	.01401	97	Cinza/ento	30	5	.00518
48	Brilhante	78	10	.01393	98	Essencial	15	12	.00506
49	Alto	42	15	.01393	99	Pesado	16	10	.00505
50	Rápido	35	18	.01337	100	Doce	24	9	.00494

Apêndice III - (Continuação)

a	Adjetivo	Freq.	Div.	H	a	Adjetivo	Freq.	Div.	H
101	Sensacional	15	10	.00486	151	Infeliz	10	6	.00245
102	Justo	15	10	.00486	152	Lento	10	6	.00245
103	Indispensável	16	10	.00484	153	Engraçado	11	6	.00244
104	Traíçoeiro	24	6	.00468	154	Cego	27	5	.00243
105	Leal	23	8	.00467	155	Sentimental	8	8	.00240
106	Desagradável	16	8	.00457	156	Benefício	8	8	.00240
107	Irritante	19	9	.00455	157	Simples	8	8	.00240
108	Leve	16	9	.00445	158	Duradouro	9	7	.00238
109	Perfeito	16	8	.00440	159	Carinhoso	12	5	.00235
110	Fundamental	14	10	.00433	160	Assustador	10	6	.00232
111	Novo	13	10	.00421	161	Extenso	8	7	.00220
112	Sincero	17	7	.00412	162	Sério	8	7	.00220
113	Excelente	12	11	.00410	163	Fácil	8	7	.00220
114	Venenoso	36	6	.00405	164	Arriscado	9	6	.00218
115	Amoroso	16	7	.00390	165	Podre	10	5	.00217
116	Insuportável	15	7	.00386	166	Divertido	16	5	.00210
117	Puro	13	8	.00374	167	Cansativo	14	4	.00200
118	Pacífico	11	10	.00361	168	Divino	8	6	.00200
119	Duvidoso	14	8	.00358	169	Único	8	6	.00200
120	Bondoso	14	7	.00349	170	Desgraçado	8	6	.00200
121	Molhado	25	4	.00346	171	Sábio	9	5	.00198
122	Marrom	13	8	.00345	172	Melhor	7	7	.00197
123	Incômodo	12	8	.00343	173	Infiel	8	6	.00192
124	Mentiroso	13	7	.00334	174	Errado	8	6	.00192
125	Honesto	11	8	.00321	175	Mortífero	15	4	.00185
126	Vivo	13	6	.00314	176	Animal	11	4	.00185
127	Misterioso	10	9	.00312	177	Corajoso	9	5	.00185
128	Infinito	10	9	.00312	178	Transparente	9	5	.00185
129	Caro	12	7	.00303	179	Penoso	11	5	.00184
130	Veloz	17	5	.00295	180	Confortável	20	3	.00177
131	"Burro"	12	6	.00295	181	Estreito	7	6	.00177
132	Imenso	10	8	.00292	182	Injusto	7	6	.00177
133	Poluído	15	5	.00290	183	Contínuo	7	6	.00177
134	Magnífico	16	6	.00288	184	Gordo	7	6	.00177
135	Individual	10	8	.00285	185	Sensível	7	6	.00177
136	Mútuo	20	4	.00279	186	Prejudicial	8	5	.00172
137	Feroz	14	6	.00273	187	Espesso	9	4	.00158
138	Violento	10	7	.00272	188	Inimigo	7	5	.00157
139	Real	10	7	.00272	189	Bobo	7	5	.00157
140	Quadrado	15	4	.00270	190	Firme	7	5	.00157
141	Obrigatório	13	5	.00265	191	Resistente	7	5	.00157
142	Destruidor	10	7	.00265	192	Compensador	6	6	.00155
143	Estranho	10	7	.00265	193	Precioso	6	6	.00155
144	Bravo	17	4	.00263	194	Torto	6	6	.00155
145	Complicado	14	5	.00262	195	Malhado	8	4	.00152
146	Suave	21	4	.00256	196	Desconhecido	12	3	.00150
147	Oval	41	3	.00255	197	Culto	7	5	.00149
148	Ridículo	9	7	.00245	198	Covarde	7	5	.00149
149	Esperançoso	9	7	.00245	199	Honroso	7	5	.00149
150	Raro	9	7	.00245	200	Luminoso	8	4	.00140

^a Número de classificação por ordem de valor H, onde ordem igual a 1 indica o mais alto valor H

Apêndice IV - Correlações Φ acima de 0,29 ($\alpha < 0,005$) entre os 149 primeiros adjetivos de mais elevado índice \bar{H}

Notas: à esquerda são listados os 149 primeiros adjetivos de maior valor \bar{H} , onde o posto $\bar{H}=1$ indica o mais alto índice \bar{H} . À direita são incluídos todos os adjetivos--aceitos ou rejeitados-- que apresentaram uma correlação $\Phi > 0,29$ com os adjetivos listados à esquerda, a intensidade da correlação Φ sempre aparecendo entre parênteses. Os adjetivos assinalados pela letra "a" revelaram uma marcante independência de uso (Φ sempre $< 0,29$), quando comparados com os outros 148 adjetivos da lista.

Posto \bar{H}	Adjetivos	Adjetivos
1	Bom	Necessário(.45) Importante(.34) Ótimo(.46) "Legal"(.37) Maravilhoso(.32)
2	Grande	Pequeno(.35) Enorme(.31)
3	Bonito	Lindo(.45) Belo(.38) Azul(.30) Claro(.32)
4	Necessário	descartado pelo Bom(.45); Importante(.37) Certo(.36) Pouco(.32) Total(.33) Indispensável (.30)
5	Forte	Fraco(.29)
6	Ruim	Mau(.33) Horrível(.52) Triste(.37) Doloroso(.39) Cruel(.33) Mortal(.35) Desnecessário(.35) Mal(.43) Pêssimo(.30)
7	Pequeno	descartado pelo Grande(.35); Redondo(.30) Largo(.31)
8	Gostoso	Fresco(.33) Delicioso(.41) Saboroso(.33)
9	Lindo	descartado pelo Bonito(.45); Belo(.64)
10	Duro	Mole(.33) Mal(.31) Pesado(.33)
11	Importante	descartado pelo Bom(.34); Necessário(.37) Ótimo(.43) Tudo(.30) Útil(.31) Certo(.29) Indispensável(.30)
12	"Chato"	Obrigatório(.29)
13	Belo	descartado pelo Bonito(.38); Lindo(.64) Maravilhoso(.43) Brilhante(.34) Feliz(.31)
14	Branco	Azul(.44) Claro (.35) Amarelo(.35) Oval(.35)
15	Quente	Amarelo(.29) Mole(.35) Oval(.36)

Posto	H	Adjetivos	Adjetivos
16	Ótimo		descartado pelo Bom(.46); Importante(.43) Alegre(.32) "Legal"(.55) Agradável(.51) Tudo(.37) Maravilhoso(.29) Feliz(.32) Tranquilo(.31) "Bacana"(.30) Excelente(.44)
17	Mau		descartado pelo Ruim(.33); Perigoso(.32) Doloroso(.33) Mortal(.39) Terrível(.32) Desnecessário(.32) Mal(.42) Feroz(.31) Violento(.35)
18	Alegre		Ótimo(.32) "Legal"(.39) Agradável(.32) Maravilhoso(.33) Feliz(.30) Tranquilo(.30) Eterno(.41)
19	Perigoso		Mau(.32) Mortal(.33) Desnecessário(.47) Traíçoeiro(.32) Venenoso(.32)
20	Horrível		descartado pelo Ruim(.52); Triste(.38) Doloroso(.42) Cruel(.42) Mortal(.34) Passageiro(.30) Terrível(.34) Desnecessário(.41) Mal(.31) Pêssimo(.41) Constante(.33) Irritante(.29)
21	"Legal"		descartado pelo Bom(.37); Ótimo(.55) Alegre(.39) Agradável(.49) Tudo(.33) Maravilhoso(.41) Sensacional(.32) Leal(.33) Excelente(.35) Bondoso(.30) Mentiroso(.30)
22	Feio		Fino(.30) Negro(.29) Novo(.29) Feroz(.29)
23	Amigo		Velho(.30) Humano(.31) Seguro(.30) Leal(.39) Excelente(.30) Amoroso(.32) Mentiroso(.32) Honesto(.39) Bravo(.34)
24	Agradável		descartado pelo Alegre(.32); Ótimo(.51) "Legal"(.49) Maravilhoso(.33) Profundo(.31) Feliz(.30) Tranquilo(.37) Excelente(.30)
25	Triste		descartado pelo Ruim(.37); Horrível(.38) Doloroso(.40) Desnecessário(.31) Mal(.35) Pêssimo(.29) Real(.32)
26	Difícil		Verdadeiro(.29)
27	Vital		Indispensável(.31)
28	Preto		Venenoso(.35) Feroz(.35)
29	Tudo		Importante(.30) Ótimo(.37) "Legal"(.33) Certo(.40) Fiel(.29) Essencial(.40) Sensacional(.39) Infinito(.34)
30	Frio		Azul(.34) Sujo(.30) Molhado(.30) Quadrado(.30)
31	Azul		descartado pelo Bonito(.30); Branco(.44) Frio(.34) Claro(.41) Verde(.31) Limpo/ido(.41) Colorido(.46) Novo(.29) Quadrado(.32)

Posto	H	Adjetivos	Adjetivos
32		Maravilhoso	descartado pelo Bom(.32); Belo(.43) Ótimo(.29) Alegre(.33) "Legal"(.41) Agradável(.33) Feliz(.34) Calmo(.37)Eterno(.38) Sensacional(.29)
33		Curto	Pouco(.31) Comprido(.40) Longo(.39)
34		Útil	Importante(.31)
35		Vermelho	Redondo(.30) Verde(.37) Macio(.34)
36		Fraco	descartado pelo Forte(.29); Grosso(.33)
37		Enorme	descartado pelo Grande(.31)
38		Sujo	descartado pelo Frio(.30); Limpo/ido(.37) Desnecessário(.29) Poluído(.36)
39		Redondo	descartado pelo Vermelho(.30); Pequeno(.30) Largo(.36) Mole(.33) Fundo(.29) Cheio(.42) Marrom(.29) Complicado(.29) Oval(.42)
40		Doloroso	descartado pelo Ruim(.39); Mau(.33) Horrível(.42) Triste(.40) Cruel(.42) Mortal(.29) Terrível(.29) Fatal(.35) Normal(.30) Mal(.53) Inevitável(.36) Pessimista(.35) Justo(.35) Desagradável(.31) Duvidoso(.41)
41		Certo	descartado pelo Tudo(.40); Necessário(.36) Importante(.29) Fatal(.29) Total(.32) Mal(.30) Inevitável(.30) Sensacional(.29) Justo(.29) Fundamental(.38) Infinito(.32) Obrigatório(.38) Ridículo(.40)
42		Pouco	descartado pelo Curto(.31);Necessário(.32) Verdadeiro(.33) Fatal(.32) Essencial(.41) Fundamental(.40) Individual(.30)
43		Comprido	descartado pelo Curto (.40); Longo(.41) Grosso(.40) Fundo(.36)
44		Natural	Passageiro(.31) Normal(.31) Inevitável(.38) Desagradável(.30) Individual(.30) Real(.34)
45		Livre ^a	
46		Cruel	descartado pelo Ruim(.33); Horrível(.42) Doloroso(.42) Mortal(.38) Terrível(.38) Fatal(.35) Desnecessário(.29) Inevitável(.36)
47		Longo	descartado pelo Curto(.39); Comprido(.41) Eterno(.38) Duvidoso(.31)
48		Erihante	Belo(.34) Claro(.33) Amarelo(.29)
49		Alto	Incômodo(.29)
50		Rápido	Molhado(.30) Misterioso(.31) Veloz(.37)
51		Escuro ^a	

Posto	Adjetivos	Adjetivos
52	Claro	descartado pelo Bonito(.32); Branco(.35) Azul(.41) Brilhante(.33) Colorido(.29)
53	Mortal	descartado pelo Ruim(.35); Mau(.39) Peri- goso(.33) Horrível(.34) Doloroso(.29) Cruel(.38) Fatal(.29) Mal(.31) Feroz(.30) Violento(.38)
54	Verdadeiro	descartado pelo Difícil(.29); Pouco (.33) Total(.39)
55	Interessante ^a	
56	Verde	descartado pelo Vermelho(.37); Azul(.31) Fresco(.31)
57	Passageiro	descartado pelo Natural(.31); Horrível (.30) Terrível(.43) Fatal(.31) Péssimo (.31)
58	Limpo/ido	Azul(.41) : Sujo(.37) Fundo(.34) Cheio(.29) Complicado(.34)
59	Profundo	Agradável(.31)
60	Feliz	descartado pelo Alegre(.30); Belo(.31) Ótimo(.32) Agradável(.30) Maravilhoso(.34) Delicioso(.31) Eterno(.51) Bondoso(.31) Infinito(.34)
61	Velho	descartado pelo Amigo(.30); Novo(.35) Amoroso(.37)
62	Inteligente	"Burro"(.66)
63	Macio	descartado pelo Vermelho(.34); Fino(.53) Fresco(.36) Mole(.36) Saboroso(.36)
64	Grosso	Fraco(.33) Comprido(.40) Mole(.30)
65	Amarelo	descartado pelo Branco(.35); Quente(.29) Brilhante(.29) Mole(.29) Oval(.30)
66	Terrível	Mau(.32) Horrível(.34) Doloroso(.29) Cruel(.38) Passageiro(.43) Fatal(.29) Mal(.41) Inevitável(.31) Péssimo(.39) Constante(.46)
67	Tranquilo	descartado pelo Alegre(.30); Ótimo(.31) Agradável(.37)
68	Fino	descartado pelo Feio(.30); Macio(.53) Fresco(.29) Mole(.39)
69	Fiel	descartado pelo Tudo(.29); Leal(.46) Mútuo(.32) Ridículo(.35)
70	Calmo	Maravilhoso(.37) Eterno(.45)
71	Fresco	descartado pelo Gostoso(.33); Verde(.31) Macio(.36) Fino(.29) Delicioso(.33) Sabo- roso(.48)
72	Humano	descartado pelo Amigo(.31); Mentiroso(.34)

Posto <u>H</u>	Adjetivos	Adjetivos
73	Falso	Inevitável(.34) Mentiroso(.43)
74	Barulhento	Leve(.29) Incômodo(.50)
75	Largo	Pequeno(.31) Redondo(.36) Fundo(.57) Oval(.35)
76	Negro	descartado pelo Feio(.29); Cinza/ento(.38)
77	Fatal	descartado pelo Terrível(.29); Doloro - so(.35) Certo(.29) Pouco(.32) Cruel(.35) Mortal(.29) Passageiro(.31) Normal(.31) Mal(.37) Pêssimo(.33)
78	Total	Necessário(.33) Certo(.32) Verdadeiro(.39) Eterno(.34) Fundamental(.29) Duvidoso(.34) Imenso(.34) Individual(.34) Real(.38)
79	Normal	descartado pelo Natural(.31); Doloroso(.30) Fatal(.31) Individual(.37) Real(.31)
80	Mole	descartado pelo Duro(.33); Quente(.35) Redondo(.33) Macio(.36) Grosso(.30) Ama- relo(.29) Fino(.39) Oval(.33)
81	Muito	Desnecessário(.31) Constante(.32) Indis- pensável(.37) Insuportável(.36) Obrigatô- rio(.32)
82	Colorido	Azul(.46) Claro(.29) Quadrado(.32)
83	Desnecessário	descartado pelo Ruim(.35); Mau(.32) Peri- goso(.47) Horrível(.41) Triste(.31) Su- jo(.29) Cruel(.29) Muito(.31) Insuportá- vel(.38)
84	Mal	descartado pelo Ruim(.43); Duro(.31) Mau(.42) Horrível(.31) Triste(.35) Dolo- roso(.53) Certo(.30) Mortal(.31) Terrí- vel(.41) Fatal(.37) Inevitável(.47) Jus- to(.37) Desagradável(.32) Duvidoso(.32) Ridículo(.48)
85	Inevitável	descartado pelo Natural(.38); Doloroso (.36) Certo(.30) Cruel(.36) Terrível(.31) Falso(.34) Mal(.47) Justo(.37) Duvidô - so(.32)
86	Pêssimo	descartado pelo Ruim(.30); Horrível(.41) Triste(.29) Doloroso(.35) Passageiro(.31) Terrível(.39) Fatal(.33)
87	Delicioso	descartado pelo Gostoso(.41); Feliz(.31) Fresco(.33) Saboroso(.48)
88	Constante	descartado pelo Terrível(.46); Horrível(.33) Muito(.32) Individual(.32)
89	Eterno	descartado pelo Alegre(.41); Maravilho- so(.38) Longo(.38) Feliz(.51) Calmo(.45) Total(.34) Sensacional(.29) Duvidoso(.34) Esperançoso(.50)

Posto	H	Adjetivos	Adjetivos
90		Esperto	Traíçoeiro(.36) Molhado(.29) Mentiroso(.32) Honesto(.29) "Burro"(.36)
91		Fundo	descartado pelo Limpo/ido(.34); Redon- do(.29) Comprido(.36) Largo(.57)
92		Cheio	descartado pelo Limpo/ido(.29); Redondo(.42)
93		"Bacana"	Ótimo(.30)
94		Incerto	Duvidoso(.42)
95		Seguro	descartado pelo Amigo(.30); Leal(.37) Honesto(.49) "Burro"(.31)
96		Saboroso	descartado pelo Gostoso(.33); Macio(.36) Fresco(.48) Delicioso(.48)
97		Cinza/ento	Negro(.38) Venenoso(.33)
98		Essencial	descartado pelo Tudo(.40); Pouco(.41) Fundamental(.39)
99		Pesado	descartado pelo Duro(.33); Leve(.48)
100		Doce ^a	
101		Sensacional	descartado pelo Tudo(.39); "Legal"(.32) Maravilhoso(.29) Certo(.29) Eterno(.29)
102		Justo	Doloroso(.35) Certo(.29) Mal(.37) Inevi- tável(.37) Sincero(.30) Duvidoso(.39) Real(.30) Ridículo(.30)
103		Indispensável	descartado pelo Vital(.31); Necessário(.30) Importante(.30) Muito(.37) Excelente(.31)
104		Traíçoeiro	descartado pelo Perigoso(.32); Esperto(.36) Venenoso(.29) Feroz(.29)
105		Leal	descartado pelo Amigo(.39); "Legal"(.33) Fiel(.46) Seguro(.37) Sincero(.35) Amo- roso(.35) Mentiroso(.35) Honesto(.32)
106		Desagradável	descartado pelo Natural(.39); Doloroso (.31) Mal(.32) Irritante(.55) Insuportá- vel(.35) Incômodo(.32)
107		Irritante	Horrível(.29) Desagradável(.55) Insuport- tável(.46) Molhado(.29) Incômodo(.42)
108		Leve	descartado pelo Barulhento(.29); Pesa- do(.48)
109		Perfeito ^a	
110		Fundamental	descartado pelo Total(.29); Certo(.38) Pouco(.40) Essencial(.39) Mentiroso(.30) Individual(.39) Real(.43) Ridículo(.30)
111		Novo	descartado pelo Feio(.29); Azul(.29) Velho(.35) Caro(.30) Quadrado(.44) Oval (.33)
112		Sincero	descartado pelo Justo(.30); Leal(.35)

Posto	H	Adjetivos	Adjetivos
113		Excelente	descartado pelo Amigo(.30); Ótimo(.44) "Legal"(.35) Agradável(.30) Indispensável(.31)
114		Venenoso	descartado pelo Perigoso(.32); Preto(.35) Cinza/ento(.33) Traçoeiro(.29) Feroz (.47) Bravo(.38)
115		Amoroso	descartado pelo Amigo(.32); Velho(.37) Leal(.35) Bondoso(.54) Honesto(.35) Ve- loz(.30)
116		Insuportável	descartado pelo Muito(.36); Desnecessário(.38) Desagradável(.35) Irritante(.46) Incômodo(.35) Poluído(.30)
117		Puro	Molhado(.32)
118		Pacífico ^a	
119		Duvidoso	descartado pelo Total(.34); Doloroso(.41) Longo(.31) Mal(.32) Inevitável(.32) Eterno(.34) Incerto(.42) Justo(.39) Es- perançoso(.35)
120		Bondoso	"Legal"(.30) Feliz(.31) Amoroso(.54) Ho- nesto(.50)
121		Molhado	descartado pelo Frio(.30); Rápido(.30) Esperto(.29) Irritante(.29) Puro(.32) Poluído(.42)
122		Marrom	Redondo(.29)
123		Incômodo	descartado pelo Alto(.29); Barulhento(.50) Desagradável(.32) Irritante(.42) Insu- portável(.35) Quadrado(.32)
124		Mentiroso	descartado pelo Amigo(.32); "Legal"(.30) Humano(.34) Falso(.43) Esperto(.32) Leal(.35) Fundamental(.30) Honesto(.35)
125		Honesto	descartado pelo Amigo(.39); Esperto(.29) Seguro(.49) Leal(.32) Amoroso(.35) Bon- doso(.50) Mentiroso(.35)
126		Vivo ^a	
127		Misterioso	descartado pelo Rápido(.31)
128		Infinito	descartado pelo Tudo(.34); Certo(.32) Feliz(.34) Imenso(.29)
129		Caro	Novo(.30)
130		Veloz	descartado pelo Rápido(.37); Amoroso(.30) Feroz(.33)
131		"Burro"	descartado pelo Inteligente(.66); Esper- to(.36) Seguro(.31)
132		Imenso	descartado pelo Total(.34); Infinito(.29) Destruidor(.35)

Posto	H	Adjetivos	Adjetivos
133		Poluído	Sujo(.36) Insuportável(.30) Molhado(.42)
134		Magnífico ^a	
135		Individual	descartado pelo Natural(.30); Pouco(.30) Total(.34) Normal(.37) Constante(.32) Fundamental(.39) Mútuo(.32) Real(.35)
136		Mútuo	Fiel(.32) Individual(.32)
137		Feroz	descartado pelo Feio(.29); Mau(.31) Pre- to(.35) Mortal(.30) Traiçoeiro(.29) Ve- nenoso(.47) Veloz(.33) Bravo(.38)
138		Violento	Mau(.35) Mortal(.38)
139		Real	descartado pelo Natural(.34); Triste(.32) Total(.38) Normal(.31) Justo(.30) Funda- mental(.43) Individual(.35) Ridículo(.39)
140		Quadrado	descartado pelo Frio(.30); Azul(.32) Co- lorido(.32) Novo(.44) Incômodo(.32)
141		Obrigatório	descartado pelo "Chato"(.29); Certo(.38) Muito(.32) Ridículo(.30)
142		Destruidor	Imenso(.35)
143		Estranho ^a	
144		Bravo	descartado pelo Amigo(.34); Venenoso(.38) Feroz(.38)
145		Complicado	descartado pelo Limpo/ido(.34); Redondo(.29)
146		Suave ^a	
147		Oval	descartado pelo Branco(.35); Quente(.36) Redondo(.42) Amarelo(.30) Largo(.35) Mole(.33) Novo(.33)
148		Ridículo	descartado pelo Justo(.30); Certo(.40) Fiel(.35) Mal(.48) Fundamental(.30) Real(.39) Obrigatório(.30)
149		Esperançoso	Eterno(.50) Duvidoso(.35)

Apêndice V - Distribuição das respostas qualificativas diante dos 15 conceitos de maior H e dos 15 de menor H

Notas - O número que antecede cada substantivo é o da ordem H, determinada para os 100 substantivos-conceitos avaliados pelo grupo de 100 estudantes adolescentes do sexo masculino, na Fase I; para cada substantivo foram listados os qualificativos com as respectivas freqüências entre parênteses; respostas não-adjetivas foram codificadas em uma única categoria como NA; não foram listadas as respostas associativas com freqüência igual a 1, quer seja adjetivo, não-adjetivo ou omissão; a coluna Div se refere ao número de diferentes qualificativos que se associaram a cada um dos substantivos-estímulos--nesta coluna também são contados os qualificativos de freqüência igual a 1; o índice H dos substantivos foi calculado a partir das freqüências que aparecem entre parênteses, incluindo-se aquelas respostas associativas de freqüência igual a 1.

A. Os 15 substantivos de maior valor H

<u>Substantivos</u>	<u>H</u>	<u>Div</u>	<u>Respostas Associativas</u>
1 PERIGO	.05544	61	Iminente(9) Perigoso(6) Bom(5) Constante(5) Grande(4) Mortal(4) Excitante(4) Pequeno(3) Ruim(2) Terrível(2) Fatal(2) Arriscado(2) Emocionante(2) Perceptual(2) Repentino(2)
2 PODER	.05503	62	Forte(9) Bom(7) Grande(7) NA(6) Ruim(4) Total(4) Tudo(3) Desnecessário(2) Divino(2) Injusto(2) Poderoso(2) Absoluto(2)
3 CRIME	.05409	58	Horrível(10) Ruim(8) Cruel(5) NA(5) Mau(4) Perfeito(4) Feio(3) Fatal(3) Mal(3) Errado(3) Triste(2) Mortal(2) Ilegal(2) Repulsivo(2)
4 ESTÓRIA	.05254	51	Interessante(7) NA(7) Triste(6) Longo(6) "Chato"(5) Bom(4) Comprido(4) Verdadeiro(4) Mentiroso(4) Grande(3) Bonito(3) Alegre(3) Falso(3) Lindo(2) "Legal"(2) Real(2)
5 POLICIAL	.05248	54	NA(14) Forte(7) Mau(6) "Chato"(5) Necessário(4) Humano(3) Competente(3) Bom(2) Ruim(2) Amigo(2) Alto(2) Esperto(2) Honesto(2) Violento(2) Corajoso(2) Trabalhador(2) Seguro(2) Repressor(2)

- 6 RAIVA .05243 51 Ruim(10) Mau(8) Grande(6) NA(5) Perigoso(4) Cruel(4) Forte(3) Horrível(3) Passageiro(3) Rai-
voso(3) Incontrolável(3) Pequeno(2) Preto(2) Pouco(2) Terrí-
vel(2) Desnecessário(2) Insuportável(2) Inimigo(2) Odiado(2)
- 7 MORTE .05186 51 Ruim(10) NA(10) Natural(6) Tris-
te(5) Bom(4) Horrível(4) Certo(4) Fatal(3) Lento(3) Final(3)
Frio(2) Doloroso(2) Cruel(2) Eterno(2) Desconhecido(2) Trági-
co(2) Enigmático(2)
- 8 PROGRESSO .05163 53 NA(11) Necessário(10) Bom(7) Im-
portante(7) Grande(4) Perigoso(4) Inevitável(3) Destruidor(3)
Ruim(2) Ótimo(2) Útil(2) Enorme(2) Pouco(2) Contínuo(2)
- 9 PAZ .05139 50 NA(9) Necessário(8) Bom(7) Tran-
quilo(7) Lindo(6) Ótimo(5) Belo(4) Difícil(3) Duradouro(3)
Alegre(2) Agradável(2) Tudo(2) Profundo(2) Sensacional(2) Ex-
celente(2) Possível(2)
- 10 PEIXE .05135 51 Gostoso(11) NA(9) Grande(7) Pe-
queno(6) Rápido(5) Bonito(4) Aquático(4) Bom(3) Dourado(3)
Frio(2) Fresco(2) Molhado(2) Vivo(2) Estranho(2) Marinho(2)
- 11 MARIDO .05134 52 Bom(11) Fiel(10) "Chato"(9) NA(7)
Traçoeiro(3) Infiel(3) Forte(2) Ruim(2) Importante(2) Mau(2)
Triste(2) Leal(2) Ciumento(2) Falso(2) Contagante(2) Com-
preensivo(2) Otário(2)
- 12 CRENÇA .05127 52 NA(11) Necessário(10) Bom(9) For-
te(5) Importante(4) Religioso(4) Grande(3) Tudo(3) Pouco(3)
Livre(2) Verdadeiro(2) Total(2) Imenso(2) Divino(2)
- 13 LIBERDADE .05124 48 Necessário(10) Belo(7) Ótimo(7)
Bom(5) Livre(5) Tudo(4) Maravilhoso(4) Fundamental(4) Condi-
cional(4) Importante(3) Total(3) Ideal(3) Gostoso(2) Pouco
(2) Sensacional(2) Magnífico(2) NA(2)
- 14 CORAGEM .05118 49 Bom(12) Forte(7) Grande(7) Impor-
tante(5) NA(5) Bravo(4) Corajoso(4) Necessário(3) "Legal"(3)
Muito(3) Honroso(3) Bonito(2) Pequeno(2) Vital(2) Útil(2)
Pouco(2) Admirável(2)
- 15 RIQUEZA .05106 56 Bom(21) NA(7) Grande(5) Forte(3)
Belo(3) Agradável(3) Duro(2) Ótimo(2) Difícil(2) Pouco(2) Pu-
ro(2) Razoável(2) Poderoso(2) Ilusório(2)

B. Os 15 substantivos de menor valor H

	<u>Substantivos</u>	<u>H</u>	<u>Div</u>	<u>Respostas Associativas</u>
86	DENTE	.03987	33	Branco(32) Duro(9) Forte(7) Ca- riado(6) Mole(5) NA(5) Bonito(3) Bom(2) Importante(2) Feio(2) Amarelo(2) Carnívoro(2) Esmaltado(2) Impuro(2)

- 87 VENENO .03884 31 Mortal(29) Ruim(14) Mortífero(11)
Perigoso(6) Mau(3) Venenoso(3) Amargo(3) Forte(2) Cruel(2)
Doce(2) Fatal(2) Letal(2) Maléfico(2) Maldito(2)
- 88 VENTO .03808 33 Forte(33) Frio(16) Fresco(7) Rá-
pido(4) Suave(4) Fraco (3) Refrescante(3) Bom(2) "Chato"(2)
Veloz(2) NA(2)
- 89 CASA .03721 26 Grande(30) Bonito(14) Pequeno(8)
Branco(8) NA(6) Forte(3) Enorme(3) Confortável(3) "Chato"(2)
Belo(2) Alegre(2) Verde(2) Velho(2) Aconchegante(2) Espaçoso
(2)
- 90 PÃO .03715 27 Gostoso(26) Duro(17) NA(11) Quen-
te(8) Bom(6) Fresco(5) Grande(2) Branco(2) Útil(2) Velho(2)
Sagrado(2) Nutritivo(2)
- 91 FRUTA .03603 24 Gostoso(30) Doce(15) Saboroso(12)
Delicioso(6) Bom(4) Vermelho(3) Macio(3) Natural(3) Podre(3)
Suculento(3) Grande(2) Fresco(2) Maduro(2) NA(2)
- 92 MENINA .03546 31 Bonito(41) Lindo(12) Feio(6) Bom
(5) Pequeno(4) Belo(2) Puro(2) Gordo(2) Baixo(2) Loi(u)ro(2)
NA(2)
- 93 CALOR .03482 30 Quente(44) Bom(10) Grande(4) For-
te(4) NA(4) Gostoso(3) "Chato"(2) Irritante(2) Insuportável
(2) Incômodo(2) Sufocante(2) Aconchegante(2) Escaldante(2)
- 94 OVO .03365 26 Oval(36) Branco(18) Redondo(8)
Gostoso(6) Pequeno(5) NA(5) Amarelo(2) Podre(2)
- 95 ESTRELA .03351 25 Brilhante(45) Azul(6) Pequeno(5)
Branco(4) Lindo(4) Cadente(4) Solitário(4) Grande(3) Bonito(3)
Belo(3) Radiante(3) Luminoso(2) Cintilante(2)
- 96 SOL .03312 22 Quente(33) Brilhante(21) Amarelo
(9) Lindo(4) Belo(4) Luminoso(4) Forte(4) NA(4) Grande(2) Eo-
nito(2) Claro(2)
- 97 COMIDA .03280 27 Gostoso(35) Bom(26) Saboroso(5)
Ruim(3) Necessário(3) Quente(3) Delicioso(3) Ótimo(2) Frio(2)
- 98 TROVÃO .03108 30 Barulhento(48) Forte(17) Assusta-
dor(4) Ruim(2) Rápido(2) Temeroso(2) NA(2)
- 99 FOGO .03000 25 Quente(52) Vermelho(10) Amarelo
(4) Ardente(4) Perigoso(3) Bonito(2) Forte(2) Ruim(2) Lindo
(2) Mortal(2) Doloroso(2) NA(2)
- 100 PEDRA .02677 27 Duro(62) Redondo(4) Pesado(3) Pe-
queno(3) Grande(2) Bonito(2) Forte(2) Pontuado(2) NA(2)

Apêndice VI - Modelo de formulário na fase de julgamento dos conceitos através das escalas

Notas: As Instruções do formulário de aplicação foram adaptadas de Osgood et ali do Inglês para o Português, no Rio de Janeiro. Cada formulário continha duas folhas de Instruções, e 20 folhas com os conceitos e as 60 escalas, cada conceito pareado com 60 escalas distribuídas em duas folhas, cada folha 30 escalas, as escalas sempre apresentadas em ordem constante para todos os conceitos e para todos os estudantes. Cada estudante respondeu a 600 itens (10 conceitos X 60 escalas) entre, aproximadamente, 45 e 80 minutos. Neste formulário incluído aqui o Apêndice VI aparece somente, a título de exemplo, 1 conceito--CASA--pareado com as 60 escalas do DS-Rio de Janeiro; aqui no Apêndice VI as Instruções estão em três folhas.

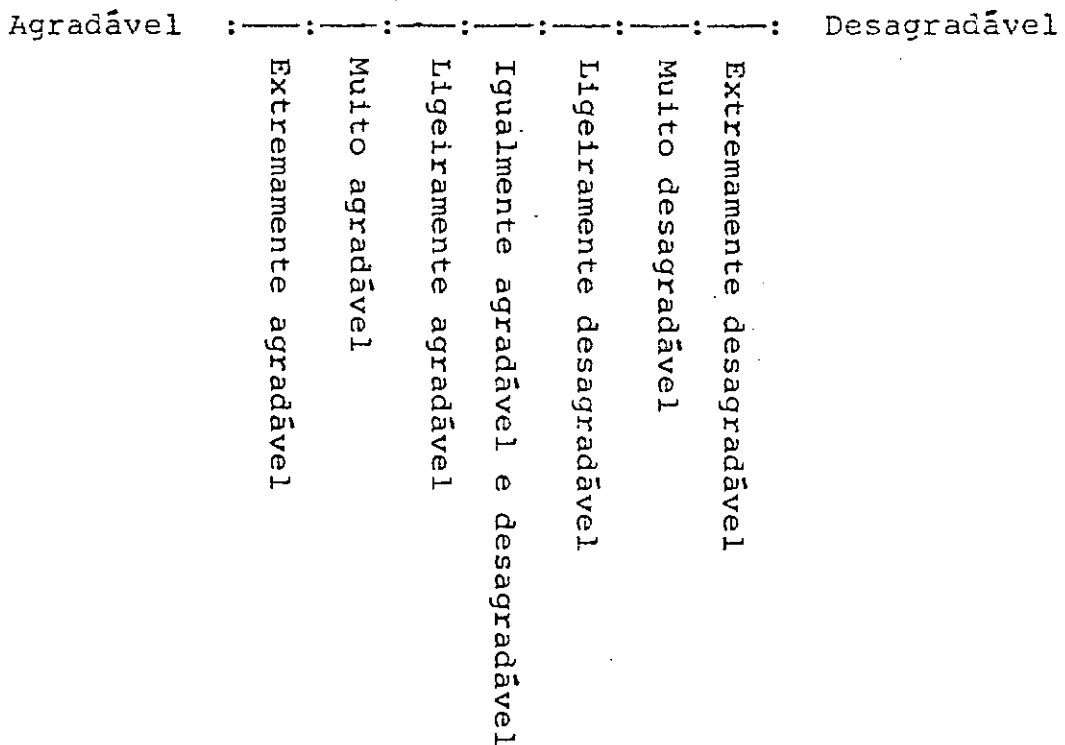
INSTRUÇÕES

Este estudo faz parte de um amplo projeto de investigação científica que está se realizando em um grande número de nações. O propósito da investigação é determinar as atitudes que os diferentes povos têm para certas palavras. Não se trata de um teste; só desejamos receber de você alguma informação sobre seus sentimentos pessoais acerca de várias palavras de uso comum. Para que possa expressar tais sentimentos pedimos a você que ponha um sinal X encima do tracinho entre os dois adjetivos opostos. Se você abrir este livreto verá que em cada página existe uma só palavra na parte superior, e logo abaixo um bom número de pares de adjetivos opostos separados por sete pequenos espaços (tracinhos) vazios. A palavra que você julgará é a que se encontra na parte superior de cada página. Irá julgar o que a palavra significa para você, pondo um X somente em um dos espaços de cada par de adjetivos opostos.

Exemplo:

GELO	
Agradável	:—:—:—:—:—:—:—: Desagradável
Perigoso	:—:—:—:—:—:—:—: Seguro
Eterno	:—:—:—:—:—:—:—: Momentâneo
.	.
.	.
.	.

Quanto mais próximo puser um X a um dos extremos de cada par de adjetivos, tanto mais perto pensa você que a palavra ao alto da folha está relacionada aquele adjetivo. Se puser seu X no espaço central, estarão indicando que a palavra ao alto está igualmente relacionada aos dois adjetivos. Observe então que cada um dos sete tracinhos entre dois adjetivos opostos tem um significado particular, conforme explicado no exemplo abaixo:



Usando esta regra, você poderá indicar, por exemplo, que sente que "GELO" é uma característica ou qualidade extremamente agradável, muito perigoso, igualmente eterno e momentâneo, extremamente bom, ligeiramente difícil, muito útil, etc. Você marcaria então da seguinte maneira:

GELO

Agradável : X : — : — : — : — : — : — : — : Desagradável
Perigoso : — : X : — : — : — : — : — : — : Seguro
Eterno : — : — : — : X : — : — : — : — : Momentâneo
Mau : — : — : — : — : — : — : X : — : Bom
Fácil : — : — : — : — : X : — : — : — : Difícil
Inútil : — : — : — : — : — : X : — : — : Útil

Etc.

Nem todos os adjetivos deste questionário são assim tão simples. Algumas das palavras ao alto da folha que você julgará, não têm assim uma relação tão direta com os adjetivos e em alguns dos casos parecerá que é impossível.

Sem dúvida a experiência nos tem mostrado que esta tarefa pode ser realizada com certa facilidade, se você trabalha tão rápido quanto possível, porém sem ser descuidado, dando a sua primeira impressão.

Nunca ponha mais de um X entre dois adjetivos opostos, e não deixe de responder a nenhum par. Observe sempre a palavra ao alto da folha, e é esta que será julgada por você. Trabalhe rápido, mas com cuidado. Se tem alguma pergunta, por favor levante a mão, e explicaremos o que for necessário.

Por gentileza, pedimos que complete os dados abaixo:

NOME: _____

IDADE: _____ anos SEXO: _____

SUA NACIONALIDADE _____ SUA NATURALIDADE: _____

NACIONALIDADE DO PAI _____ DA MÃE _____

NATURALIDADE DO PAI _____ DA MÃE _____

VIRE A PÁGINA E PODE COMEÇAR

CASA

Útil	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Inútil
Impuro	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Puro
Baixo	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Alto
Suave	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Pesado
Forte	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Fraco
Mole	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Duro
Magnífico	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Horrível
Fino	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Grosso
Total	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Parcial
Ruim	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Gostoso
Violento	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Pacífico
Inimigo	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Amigo
Bom	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Mau
Inteligente	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Burro
Novo	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Velho
Barulhento	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Silencioso
Grande	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Pequeno
Certo	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Incerto
Agradável	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Irritante
Vermelho	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Verde
Nervoso	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Calmo
Bonito	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Feio
Difícil	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Fácil
Superficial	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Profundo
Frio	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Quente
Muito	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Pouco
Barato	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Caro
Maldoso	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Bondoso
Errado	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Certo
Ativo	:—:—:—:—:—:—:—:—:—	Passivo

CASA

Péssimo	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Ótimo
Natural	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Artificial
Morto	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Vivo
Verdadeiro	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Falso
Amargo	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Doce
Comprido	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Curto
Rápido	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Lento
Perigoso	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Seguro
Necessário	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Desnecessário
Mortal	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Vital
Interessante	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Desinteressante
Limpo	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Sujo
Estreito	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Largo
Preso	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Livre
Injusto	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Justo
Alegre	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Triste
Bom	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Ruim
Esperto	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Bobo
Claro	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Escuro
Brilhante	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Opaco
Desagradável	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Agradável
Colorido	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Incolor
Imperfeito	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Perfeito
Branco	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Preto
Conhecido	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Estranho
Nada	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Tudo
Simpático	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Antipático
Mútuo	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Individual
Destruidor	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Construtor
Esperançoso	:_:_:_:_:_:_:_:_:_:_	: Desesperançoso

Apêndice VII - Distribuição de frequências de cada escala para cada intervalo

Escala ^a	Intervalos ^b						
	7	6	5	4	3	2	1
1	1058	347	148	204	36	53	154
2	599	302	214	459	152	106	168
3	263	192	177	1009	140	106	113
4	309	250	286	594	199	159	203
5	437	362	322	591	117	85	86
6	282	225	210	820	189	135	139
7	565	371	349	353	98	91	173
8	207	187	233	912	167	140	154
9	404	247	215	751	169	110	104
10	423	356	279	478	138	118	208
11	370	266	226	587	206	149	196
12	521	337	256	476	125	115	170
13	628	426	271	301	83	126	165
14	426	304	312	689	85	77	107
15	231	167	201	879	134	157	231
16	380	279	198	674	199	122	148
17	326	289	303	816	135	61	70
18	348	337	330	585	144	125	131
19	509	419	324	345	142	108	153
20	130	111	127	1321	110	87	114
21	285	303	263	687	190	141	131
22	397	360	323	556	104	126	134
23	177	212	237	714	285	206	169
24	367	276	278	652	184	136	107
25	229	203	230	873	187	147	131
26	321	298	320	783	125	86	67
27	233	204	228	878	158	135	164
28	302	326	301	633	155	142	141
29	426	361	308	559	117	91	138
30	417	319	246	584	146	136	152
31	772	343	235	257	90	82	221
32	798	358	219	273	109	102	141
33	575	327	241	503	117	93	144
34	644	423	300	404	96	71	62
35	230	212	237	909	158	110	144
36	202	157	260	1068	155	77	81
37	192	208	288	811	227	149	125
38	279	266	252	518	258	204	223
39	721	439	288	238	103	82	129
40	368	255	234	681	144	128	190
41	527	468	362	334	112	79	118
42	420	329	271	626	132	96	126
43	156	157	175	1151	176	106	79
44	410	315	222	642	166	121	124
45	377	337	287	624	160	102	113
46	367	326	293	631	114	137	132
47	593	477	289	280	89	121	151
48	357	333	296	780	82	66	86
49	292	292	254	826	125	104	107
50	292	224	253	846	160	116	109
51	576	419	266	273	155	147	164
52	243	254	253	896	114	106	134
53	373	369	368	501	182	109	98
54	199	149	215	1183	94	87	73
55	473	427	328	447	129	96	100
56	338	230	265	893	121	71	82
57	331	369	324	614	125	131	106
58	253	215	234	674	180	192	252
59	398	333	244	549	163	143	170
60	417	365	300	595	92	103	128
Soma	23743	18012	15768	38790	8547	6907	8233

^a cada escala foi assinalada 2000 vezes, 20 vezes para cada conceito, em 100 conceitos

^b o intervalo 7 indica o mais extremo positivo e o 1 o mais extremo negativo

Apêndice VIII-Pesos das escalas da Forma Completa nos dez fatores^a

Escalas ^b	I ^c	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X
1	76	04	01	06	12	-01	10	-03	-08	-08
2	-58	-06	17	-20	-19	-03	-07	03	18	06
3	-23	-28	06	-10	-12	-04	09	11	26	05
4	42	06	-17	16	16	13	07	32	-18	02
5	10	33	04	07	06	06	-00	-47	-10	00
6	09	-14	-01	06	08	04	11	53	-01	01
7	76	16	-03	09	13	12	-01	04	-07	10
8	28	06	-08	05	18	17	06	35	-01	-04
9	19	30	-01	18	03	08	-09	-08	-11	-02
10	-71	-17	10	-07	-12	-04	11	-13	17	-12
11	-55	-01	44	-08	-06	-04	04	-11	01	03
12	-72	-07	27	-12	01	-15	06	00	06	-00
13	80	11	-14	03	06	11	01	01	-05	11
14	47	14	-10	11	11	43	03	-06	-08	-04
15	23	02	-07	02	08	32	-06	07	-08	02
16	-20	-02	45	-09	-07	-04	-03	04	01	02
17	09	52	-00	04	08	05	-01	-17	-19	03
18	44	14	-19	12	08	23	08	-04	05	-09
19	74	15	-17	05	08	11	-02	05	-05	17
20	-14	-12	21	05	-05	04	03	-14	-03	-04
21	-44	-09	50	-10	-06	-11	01	-03	02	-05
22	60	19	-16	10	22	15	-06	06	03	24
23	-20	02	28	-14	-04	-13	-09	-11	-09	-01
24	-09	-25	02	-19	06	-05	14	00	12	17
25	-13	-11	07	-12	-10	-08	30	06	04	-03
26	12	38	00	09	13	05	-07	-03	05	-00
27	02	-02	-13	09	-05	05	30	14	04	05
28	-61	-07	35	-17	-03	-15	09	-05	00	-00
29	-63	-15	22	-17	-01	-12	07	-02	-03	16
30	-01	18	25	24	05	12	-06	-02	03	-05
31	-81	-08	07	-14	-06	-01	04	-03	-00	-04
32	27	04	-09	60	11	01	09	03	-01	04
33	-33	-08	00	-49	-05	-15	21	-10	04	-01
34	31	15	-13	49	14	01	05	-03	10	-07
35	-52	-10	24	-18	-16	-10	13	-16	07	-07
36	00	51	-04	04	03	-01	08	-04	01	05
37	-02	-07	18	15	03	16	03	-02	04	05
38	-53	-01	35	-08	-06	-14	06	-04	-06	20
39	70	10	01	11	11	00	08	-01	11	-21
40	-52	-07	17	-17	-08	-01	17	-09	-02	21
41	64	13	03	18	19	10	-02	01	07	-05
42	51	08	-23	20	25	21	07	04	01	-07
43	-07	-34	05	-06	03	-00	08	00	-08	-00
44	-27	-19	13	-31	-05	-17	05	-15	-01	04
45	-56	-16	17	-23	-06	-18	08	-06	-14	11
46	57	15	-06	15	19	29	-13	16	10	16
47	78	11	-07	09	17	07	-03	04	07	03
48	37	13	04	16	16	46	-05	07	10	-05
49	35	14	-08	12	47	13	-11	08	02	-04
50	31	20	-05	19	43	16	-19	10	04	09
51	-74	-12	09	-10	-16	-06	19	-06	-11	-12
52	24	18	-07	01	20	13	-25	04	11	13
53	-52	-08	15	-23	-19	-08	10	-01	-14	09
54	24	09	-05	07	50	07	-07	06	01	-00
55	25	12	-06	13	13	00	06	-01	31	-01
56	-35	-24	04	-16	-10	-03	18	-06	-13	05
57	58	12	-12	15	17	21	-16	11	16	13
58	05	21	-00	-08	04	00	-00	03	06	-03
59	-61	-13	27	-06	-04	-09	19	-04	-08	16
60	57	16	-10	09	11	19	-13	13	11	-12

^aMétodo dos componentes principais e rotação varimax^bA mesma numeração adotada na tabela 13, à página 70

Apêndice IX - Pesos das escalas da Forma Reduzida nos dez fatores^a

Escalas ^b	I ^c	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X
1	73	04	09	-02	13	-04	00	05	04	-09
2	-59	-09	-20	18	-21	03	03	-08	05	15
3	-25	-30	-09	06	-13	12	-02	08	20	11
4	45	08	17	-14	17	31	07	08	-10	-02
5	10	35	07	03	07	-47	02	01	-04	01
6	10	-14	06	-02	08	55	-02	10	00	01
7	76	16	11	-02	15	03	07	-02	01	07
8	30	05	07	-07	18	35	14	05	01	01
9	20	33	18	-01	04	-08	01	-07	-03	-03
10	-73	-19	-08	06	-13	-13	03	11	08	-04
11	-57	-01	-07	43	-05	-12	-02	07	-05	04
12	-73	-08	-13	26	-01	00	-09	06	-02	02
13	83	11	06	-10	06	00	02	-01	06	09
14	49	16	11	-13	15	-06	40	05	-05	-03
16	-21	-05	-05	47	-07	02	00	-02	-04	06
17	11	55	-02	02	10	-16	01	01	-14	-01
18	44	14	12	-20	10	-03	19	06	13	02
19	76	14	08	-14	10	04	03	-02	-01	16
21	-45	-10	-08	54	-07	-04	-06	04	02	-08
22	61	18	11	-16	23	06	07	-10	03	29
23	-19	03	-15	31	-04	-12	-08	-07	-06	-14
24	-09	-27	-19	02	04	-00	-09	12	07	17
25	-13	-14	-12	08	-11	05	-02	31	05	-06
26	10	37	05	-03	15	-02	03	-10	08	08
27	03	-03	10	-12	-05	14	04	30	01	08
28	-61	-08	-16	35	-04	-06	-10	11	-03	-03
32	24	09	57	-14	11	05	-03	07	06	01
33	-31	-11	-49	03	-07	-09	-16	19	03	01
34	28	16	48	-15	14	-02	-00	03	21	-06
35	-53	-12	-20	20	-17	-16	-06	13	02	-03
36	01	52	-03	-04	03	-01	00	06	10	02
37	-02	-08	20	16	04	-04	11	04	01	10
40	-49	-06	-19	19	-07	-08	-04	20	-09	14
41	61	12	20	01	18	01	12	-06	13	-01
42	51	08	20	-24	26	04	16	07	07	-04
43	-06	-33	-03	06	03	-01	-04	10	-11	-00
44	-26	-19	-32	13	-07	-14	-17	04	-02	-00
45	-54	-14	-24	17	-08	-05	-23	10	-17	04
46	56	13	18	-05	21	14	26	-13	07	17
47	75	09	12	-08	17	03	08	-06	13	03
48	36	12	15	-02	19	06	50	-04	07	02
49	34	13	12	-08	48	08	12	-12	07	-02
50	30	20	19	-05	45	10	14	-19	03	12
52	24	15	02	-05	19	04	10	-29	10	19
53	-49	-08	-23	15	-20	-01	-09	11	-22	07
54	24	06	07	-05	51	05	04	-08	06	-00
55	22	09	11	-06	11	00	03	03	40	03
56	-33	-23	-16	05	-10	-06	-07	21	-20	09
59	-59	-10	-07	25	-05	-03	-13	21	-14	13
60	56	14	10	-11	12	11	24	-15	16	-10

^aExtraídos pelo método dos componentes principais e rotados pelo critério varimax

^bA numeração é a mesma adotada na tabela 13, à página 70

^cOs cálculos originais foram executados até a quinta casa decimal; aqui são omitidos o zero e a vírgula

NOTAS

1. A utilização da técnica do DS na medida das atitudes e este reótipos tem se evidenciada por duas correntes distintas , quando se trata da escolha das dimensões mais diretamente relacionadas ao componente afetivo das atitudes. Neste sentido, a primeira corrente se vê representada por aqueles que utilizam exclusivamente escalas de maior representatividade --maior peso fatorial--na dimensão Avaliativa, ao mesmo tempo em que apresentam um peso fatorial insignificante nas demais dimensões (e.g., Osgood e colabs., 1957, p. 189 e segs.; Salazar e Marín, 1977). A segunda corrente diz respeito a algumas investigações no campo das atitudes e este-reótipos que tem se utilizado de escalas representativas das três dimensões EPA conjuntamente (e.g., Diab, 1965; Heise , 1970; Salazar, 1974; Salazar, 1975; Young, 1974; Cauthen e colabs., 1977). Maiores esclarecimentos sobre a utilização da técnica do DS na medida das atitudes são fornecidos por Osgood e colabs. (1957, cap. 5), Brinton (1961), Snider e Osgood (1969, parte VIII), Heise (1970).
2. Osgood et alli (1957, p.328) têm afirmado que "adjetivos são os mais comuns e usuais qualificativos em Inglês". Mais recentemente, Osgood e colabs. (1975) têm demonstrado que a mesma tendência tem ocorrido em outros 30 grupos culturais e lingüísticos de diversas partes dos continentes, sendo universal a utilização predominantemente adjetiva na qualificação de eventos, pessoas ou coisas que cercam o homem. No nosso caso, o Português falado no Rio de Janeiro, a qualifi

cação de conceitos pela forma predominantemente adjetiva também foi uma tendência mostrada pelos nossos estudantes (cf. tabela 5, e Apêndices III e V). Osgood et alli (1957, p.327) têm tomado como axioma a afirmação de que "o pensamento em termos de oposição é 'natural' à espécie humana".

3. Osgood e associados têm sugerido a utilização ideal de sete intervalos escalares entre os dois adjetivos opostos terminais . Quatro intervalos têm sido sugeridos por outros investigadores como uma maneira de forçar uma escolha que não seja a neutra (pois "quatro" é um número par de intervalos escalares). Outros ainda têm sugerido um número de cinco intervalos. Gulliksen (1958) tem sugerido um total de dez intervalos pois "aumenta a precisão da medida e força os sujeitos a uma escolha pela dicotomia, por um ou outro adjetivo bipolar". Miller (1956) apresentou um artigo interessante acerca dos limites da capacidade humana no processamento de informação. Osgood et alli (1957) apresentaram as razões pelas quais escolheram sete intervalos, e não cinco, nove, e assim por diante (p. 85).
4. Os quantificadores são palavras da categoria advérbio que exprimem o grau de intensidade da resposta-significado, esta magnitude tendo sua origem no intervalo central--ponto neutro--, aumentando no sentido das extremidades, diante das quais atinge o valor máximo. Osgood et alli (1957) têm utilizado os quantificadores "igualmente" X e Y, "ligeiramente", "muito" e "extremamente" (cit. p.29), afirmando que "a escolha destes quantificadores ... foi oportuna, embora inteiramente intuitiva" (p.152, rodapé). No nosso caso, os quantificadores utilizados na Fase II (seção 4),

nas "Instruções" (cf. Apêndice VI), foram os mesmos, adaptados de Osgood et alli (1957)--ligeiramente, muito e extremamente-- , e da mesma forma como têm sido utilizados pelos investigadores que lidam com a técnica do DS. Em um estudo não publicado, desenvolvido para testar a adequação dos quantificadores para os sete intervalos escalares em Português, falado no Rio de Janeiro, Pereira (1980) comparou quatro conjuntos de quantificados - res: (a) um pouco, um tanto e muito, sugerido por Lane (1973), (b) ligeiramente, muito e extremamente, sugerido por Osgood e colaboradores (1957), (c) ligeiramente, bastante e muito, sugerido por Díaz-Guerrero e Salas (1975), e (d) ligeiramente, bastante e extremamente; noventa e seis estudantes, de seis cursos universitários, serviram como sujeitos da pesquisa; o conjunto de quantificadores "b" foi o que se mostrou mais adequado, e portanto o mais indicado para utilização no Rio de Janeiro.

5. Um item é o pareamento de um dado conceito com uma dada escala do DS.
6. Existem muitas limitações quanto à translação de palavras de um idioma para um outro; uma delas é devida ao fato de que as propriedades estimulativas de palavras de um idioma é diferente das propriedades do seu equivalente em outro idioma, de um modo geral. Mais recentemente, Schrest, Fay e Zaidi (1972) apresentaram um trabalho no qual discutem os problemas e conseqüentes limitações relacionados com a tradução utilizada na pesquisa transcultural.
7. Segundo Tersariol (1966) o idioma Português pertence à família linguística Indo-Européia, do grupo das línguas itálicas do

ramo Latino. Segundo Meillet e Cohen (1952), a língua portuguesa é uma língua Indo-Européia, do grupo ítalo-céltico, românica, do grupo ocidental, da época moderna.

8. Osgood e colabs. têm apontado que a etapa de tradução da lista básica dos 100 substantivos do Inglês para as línguas das 30 comunidades que foram submetidas à testagem da hipótese da universalidade do sistema EPA do significado afetivo, tem sido conduzida por aproximadamente 10 tradutores.
9. Na realidade, dos 17 substantivos em Inglês que não tiveram uma tradução unânime, somente seis mostraram-se com correspondentes com diferenças de frequência menor do que quatro: simpathy/simpatia 5, comiseração 4, compaixão 2, solidariedade 1, compreensão 1, e afinidade 1; story/estória 9, e história 5; punishment/castigo 9, punição 5; dog/cachorro 9, e cão 5; food/comida 7, alimento 5, e alimentação 2; e doctor/doutor 8, e médico 6.
10. Todos os qualificativos que admitiam duplo gênero (masculino e feminino) foram transcritos sempre no masculino--pois esta forma prevalece sobre a feminina, quando se generaliza para ambos os gêneros. É tal como aparece no Apêndice III.
11. Julgou-se importante incluir um exemplo de cálculo do índice H e da correlação Phi pois em nosso meio os dois índices são pouco difundidos diante de questões especificamente relacionadas ao conteúdo da técnica do DS. Outro exemplo é fornecido por Osgood, Archer e Miron (1963) e por Osgood, May e Miron (1975, p.97).
12. Todos os cálculos de H foram executados até o 8º dígito decimal, conforme mostra a tabela 7 à página 52.

13. Na realidade foram submetidos aos informantes um total de 88 adjetivos--os 63 originais e mais 25 outros retomados da lista dos 1021 adjetivos.
14. Os dois adjetivos não foram apresentados aos 65 informantes na etapa de eliciação de opostos, mas é certo que deve haver unanimidade de opositividade nominal entre simpático e anti-pático.
15. Os dois tipos de análises estão sendo desenvolvidas para as 60 escalas da tabela 13 (ã página 70), não em tempo de inclu-í-las nesta dissertação. Temos dados de 120 estudantes que avaliaram 120 adjetivos--correspondentes às 60 escalas--dian-te das 60 escalas, perfazendo um total de 72000 respostas que variam de -3 a +3, mas tomadas no sentido "absoluto".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Allport, G.W. Becoming: Basic considerations for a psychology of personality. New Haven, Yale University Press, 1955.
2. Brinton, J.E. Deriving an attitude scale from semantic differential data. Public Opinion Quarterly, 1961, 25, 289 - 295.
3. Brown, R. Is a boulder sweet or sour? Contemporary Psychology, 1958, 3, 113-115.
4. Carroll, J.B. Review of "The measurement of meaning". Language, 1959, 35, 38-77.
5. Cauthen, N.R., Robinson, I.E. & Krauss, H.H. The effect of context on stereotype traits. The Journal of Social Psychology, 1977, 101, 127-134.
6. Cook, W.A. Semantic structures across languages. Second International Conference of the International Association for Cross-Cultural Psychology, Kingston, Canadá, 1974.
7. Diab, L.N. Studies in social attitudes: III. Attitude assessment through the semantic-differential technique. The Journal of Social Psychology, 1965, 67, 303-314.
8. Díaz-Guerrero, R. y Salas, M. El diferencial semántico del idioma español. México, Trillas, 1975.
9. Engelmann, A. Predisposições para respostas na diferencial semântica. Resumos (suplem. de Ciência e Cultura), 24a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1972, 24, 505.

10. Engelmann, A. Análise fatorial dos estados subjetivos por universitários e normalistas. Resumos (suplem. de Ciência e Cultura), 26a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1974, 26, 647.
11. _____. Os estados subjetivos: Uma tentativa de classificação de seus relatos verbais. São Paulo, Ática, 1978.
12. Gibson, J.J. The useful dimensions of sensitivity. American Psychologist, 1963, 18, 1-15.
13. Ginsberg, A.M. Estudos interculturais de linguagem. Revista de Psicologia Normal e Patológica, 1967, 13, 268-275.
14. Gulliksen, H. How to make meaning more meaningful. Contemporary Psychology, 1958, 3, 115-118.
15. Hebb, D.O. The semiautonomous processes: Its nature and nurture. American Psychologist, 1963, 18, 16-27.
16. Heise, D.R. The semantic differential and attitude research In: G.F. Summers (Dir.). Attitude measurement. Chicago, Rand McNally, 1970.
17. Hull, C.L. Knowledge and purpose as habit mechanisms. Psychological Review, 1930, 37, 511-525.
18. _____. Goal attraction and directing ideas conceived as habit phenomena. Psychological Review, 1931, 38, 487-506.
19. _____. Principles of behavior. New York, Appleton-Century-Crofts, 1943.
20. Jakobovits, L.A. Some potential uses of the cross-cultural Atlas of Affective Meanings. XI Congresso Interamericano de Psicologia, México, 1967.

21. Kaiser, H.F. The varimax criterion for analytic rotation in factor analysis. Psychometrika, 1958, 23, 187-200.
22. Kent, G. H. & Rosanoff, A.J. A study of association in insanity, American Journal of Insanity, 1910, 67, 37-96.
23. Kim, Jae-On. Factor analysis. In: N.H. Nie, C.H. Hull, J.G. Jenkins, K. Steinbrenner & D.H. Bent (Org.). Statistical Package for the Social Sciences. New York, McGraw-Hill, 1975.
24. Kolck, O.L. van. Uma diferencial semântica para masculinidade e feminilidade. Revista de Psicologia Normal e Patológica, 1969, 15, 326-363.
25. Kolck, T. van & Kolck, O.L. van. Uma diferencial semântica para masculinidade e feminilidade. Resumos (suplem. de Ciência e Cultura), 19a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1967, 19, 285.
26. Lane, S.T.M. Estudo sobre o significado de adjetivos utilizados nas escalas do diferencial semântico de C. Osgood. Revista de Psicologia Normal e Patológica, 1969, 15, 267-294.
27. _____. Significado psicológico de palavras em diferentes grupos socioculturais. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1972.
28. _____. Semantic differential scales for portuguese speakers in Brazil. International Journal of Psychology, 1973, 8, 147-152.
29. Lane, S.T.M. & Horta, W. de A. Significado psicológico de saúde como função de contingências grupais na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Resumos (suplem. de Ciência e Cultura), 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1975, 27, 732.

30. Lees, R.B. The basis of glottochronology. Language, 1953, 29, 113-127.
31. Magalhães, R. e Pereira, C.A. Programa correlacional Phi. Petrópolis, Universidade Católica de Petrópolis, CPD, 1980. Manuscrito não publicado.
32. Maia, E.A.M. O que é o diferencial semântico? Revista de Psicologia da Universidade Gama Filho, 1972, 4, 16-32.
33. Martins, C.R. Estereótipos profissionais medidos através da diferencial semântica. Resumos (suplem. de Ciência e Cultura) 28a. Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1976, 28, 635.
34. May, W.H. Test of generality of affective meaning systems. XI Congresso Interamericano de Psicologia, México, 1967.
35. Meillet, A. & Cohen, M. Les langues du monde. Paris, 1952.
36. Miller, G.A. The magical number seven, plus or minus two: some limits on our capacity for processing information. Psychological Review, 1956, 63, 81-97.
37. Nie, N.H., Hull, C.H., Jenkins, J.G., Steinbrenner, K. & Bent, D.H. Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). New York, McGraw-Hill, 1975. 2d.ed.
38. Osgood, C.E. The nature and measurement of meaning. Psychological Bulletin, 1952, 49, 197-237.
39. _____. Method and theory in experimental psychology. New York, Oxford University Press, 1953.
40. _____. Behavior theory and social sciences. Behavioral Science, 1956, 1, 167-185.

41. Osgood, C.E. Studies on the generality of affective meaning systems. American Psychologist, 1962, 17, 10-28.
42. _____. On understanding and creating sentences. American Psychologist, 1963, 18, 735-751 (a).
43. _____. Psycholinguistics. In: S. Koch (Ed.). Psychology: A study of a science. New York, MacGraw-Hill, 1963 (b).
44. _____. Semantic differential technique in the comparative study of cultures. American Anthropologist, 1964, 66, 171-200.
45. _____. Dimensionality of the semantic space for communication via facial expressions. Scandinavian Journal of Psychology, 1966, 7, 1-30.
46. _____. On the strategy of cross-national research into subjective culture. XI Congresso Interamericano de Psicologia, México, 1967.
47. _____. Exploration in semantic space: A personal diary. Journal of Social Issues, 1971, 27, 5-64.
48. _____. Probing subjective culture. Part I: Cross-linguistic tool-making. Journal of Communication, 1974, 24, 21-35.
49. _____. Focus on meaning. 1: Explorations in semantic space. Netherlands, Mouton Pubs., The Hague, 1976.
50. Osgood, C.E., Archer, W.K. & Miron, M.S. The cross-cultural generality of meaning systems. Urbana, Institute of Communications Research, University of Illinois, 1963 (mimeo.).
51. Osgood, C.E., May, W.H. & Miron, M.S. Cross-cultural universals of affective meaning. Urbana, University of Illinois Press, 1975.

52. Osgood, C.E., Suci, G. & Tannenbaum, P. The measurement of meaning. Urbana, Illinois, University of Illinois Press , 1957.
53. Pereira, C.A. Uma nota acerca dos quantificadores adverbiais nas escalas do diferencial semântico. Petrópolis, Universidade Católica de Petrópolis, 1980. Manuscrito não publicado.
54. Pereira, C.A. e Magalhães, R. Programa para o índice H de Shannon. Petrópolis, Universidade Católica de Petrópolis , CPD, 1980. Manuscrito não publicado.
55. Ross, B.M. & Levy, N.A comparison of adjectival antonyms by simple card-pattern formation. The Journal of Psychology, 1960, 49, 133-137.
56. Salazar, J.M. Orientaciones políticas y actitudes hacia lo nacional. Psicología, Escuela de Psicología de la UCV, 1974, 1, 7-15.
57. _____. Actitudes de estudiantes venezolanos de secundaria e sus padres hacia la Patria, los símbolos nacionales y el Estado. In: G. Marín (dir.). La psicología social en Latinoamérica. México, Trillas, 1975.
58. Salazar, J.M. & Marín, G. National stereotypes as a function of conflict and territorial proximity: A test of the mirror image hypothesis. The Journal of Social Psychology, 1977, 101, 13-19.
59. Santoro, E. El diferencial semántico: Una técnica de medida. Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1975.

60. Santos, L.M. Possibilidades do DS como técnica de identificação de reforço. Resumos (suplem. de Ciência e Cultura) , 26a.Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1974, 26, 642.
61. Sechrest, L., Fay, T.L. & Zaidi, S.M.H. Problems of translation in cross-cultural research. Journal of Cross-Cultural Psychology, 1972, 3, 41-56.
62. Shannon, C.E. & Weaver, W. The mathematical theory of communication. Urbana, University of Illinois Press, 1949.
63. Snider, J.G. & Osgood, C.E. Semantic differential technique (Eds.). Chicago, Aldine, 1969.
64. Tanaka, Y., May, W. & Iwamatsu, Y. Psycholinguistic studies on the cross-cultural generality in cognitive interaction. XI Congresso Interamericano de Psicologia, México, 1967.
65. Tanaka, Y. & Osgood, C.E. Cross-culture, cross-concept, and cross-subject generality of affective meaning systems. Journal of Personality and Social Psychology, 1965, 2, 143-153.
66. Tanaka, Y., Oyama, T. & Osgood, C.E. A cross-cultural and cross-concept study of generality of semantic space. Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior, 1963, 2, 392-405.
67. Tersariol, A. Origem da língua portuguesa. São Paulo, Lisboa-Bandeirantes, 1966.
68. Weinreich, U. Travels through semantic space. Word, 1958, 14, 346-366.
69. _____. A rejoinder to semantic space revisited. Word, 1959, 15, 200.
70. Xavier, M.A. A diferencial semântica na medida da significação das pranchas IV e VII do teste de Rorschach. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 1977, 29, 57-72.

71. Young, D.D. The semantic differential: Application as an affective measure. The Journal of Experimental Education, 1974, 42, 86-91.

BIBLIOGRAFIA ADICIONAL

1. Attneave, F. Applications of information theory to psychology: A summary of basic concepts, methods, and results. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1959.
2. Cooley, W.W. & Lohnes, P.R. Multivariate procedures for the behavioral sciences. New York, Wiley, 1962.
3. Comrey, A.L. A first course in factor analysis. New York, Academic Press, 1973.
4. Comrey, A.L. Common methodological problems in factor analytic studies. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1978, 46, 648-659.
5. Di Vesta, F.J. & Walls, R.T. Factor analysis of the semantic attributes of 487 words and some relationships to the fifth-grade children. Journal of Educational Psychology, Monograph, 1970, 61, 1-40.
6. Frijda, N. & Jahoda, G. On the scope and methods of cross-cultural research. International Journal of Psychology, 1966, 1, 110-127.
7. Guilford, J.P. & Fruchter, B. Fundamental statistics in psychology and education. Tokyo, McGraw-Hill Kogakusha, 1978 (6. ed.).
8. Harman, H.H. Modern factor analysis. Chicago, University of Chicago Press, 1976 (3. ed.).
9. Jakobovits, L.A. & Miron, M.S. (eds.). Readings in the psychology of language. New Jersey, Prentice-Hall, Inc, 1967.
10. Kumata, H. A factor analytic investigation of the generality of semantic structure across two selected cultures, 1957, cit. in Triandis, H. & Osgood, C.E., 1958.

11. Kumata, H. & Schramm, W. A piloty study of cross-cultural meaning. Public Opinion Quartely, 1956, 20, 229-238.
12. McMillan, B., Grant, D.A., Fitts, P.M., Frick, F.C., McCulloch, W.S., Miller, G.A. & Brosin, H.W. Current trends in information theory. University of Pittsburgh Press, 1953.
13. Messick, S.J. Metric proprieties of the semantic differential. Educational and Psychological Measurement, 1957, 17, 200-206.
14. Miller, G.A. Psicología de la comunicaci3n. Buenos Aires, Paid3s, 1969. (tradu33o do original em Ingl3s: "The psychology of communication", New York, Basic Books).
15. Miron, M.S. A cross linguistics investigation of phonetic symbolism. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1961, 62, 623-630.
16. Nielsen, K.L. T3buas logar3tmicas e trigonom3tricas. Cinco decimais. Rio de Janeiro, Livro T3cnico, 1958.
17. Nordenstreng, K. Changes in the meaning of semantic differential scales: Measurement of subject scale interaction effects. Journal of Cross-Cultural Psychology, 1970.
18. Osgood, C.E. Cross-cultural comparability in attitude measurement via multilingual semantic differential. In: I. Steiner & M. Fishbein (Eds.). Current studies in social psychology. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1965.
19. Osgood, C.E. Probing subjective culture. Part 2: Cross-cultural tool-using. Journal of Communication, 1974, 24, 82-100.

20. Osgood, C.E., Ware, E.E. & Morris, C. Analysis of the connotative meanings of a variety human values as expressed by American college students. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1961, 62, 62-73.
21. Oyama, T., Tanaka, Y. & Chiba, Y. Affective dimensions of colors: A cross-cultural study. Japanese Psychological Research, 1962, 4, 78-91.
22. Presley, A. Concept-scale interaction in the semantic differential and its implications for factor score. British Journal of Psychology, 1969, 60, 109-113.
23. Quastler, H. (ed.). Information theory in psychology: Problems and methods. Illinois, The Free Press, Publs., 1955.
24. Sagara, M., Yamamoto, K., Nishimura, H. & Akuto, H. A study on the semantic structure of Japanese language by the semantic differential method. Japanese Psychological Research, 1961, 3, 146-156.
25. Smith, A.G. (comp.). Comunicación y cultura. Buenos Aires, Nueva Visión, 1976, v. I, II e III. (tradução do original em Inglês: "Communication and culture". New York, Holt, Rinehart, and Winston, 1966).
26. Snider, J.G. The D4m measure. Psychological Reports, 1967, 21, 843-844.
27. Suci, G.J. A comparison of semantic structures in american southwest culture groups. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1960, 61, 25-30.
28. Tanaka, Y. A cross-cultural study of national stereotypes held by American and Japanese college graduate subjects. Japanese Psychological Research, 1962, 4, 65-78.


29. Triandis, H.C. Attitudes and attitudes change. New York, Wiley, 1971.
30. Triandis, H.C. & Osgood, C.E. A comparative factorial analysis of semantic structures in monolingual greek and american college students. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1958, 57, 187-196.
31. Triandis, H.C., Vassiliou, V., Tanaka, Y. & Shanmugan, A.V. (Eds.). The analysis of subjective culture. New York, Wiley, 1972.
32. Wainerman, C.H. (compil.). Escalas de medición en ciencias sociales. Buenos Aires, Nueva Visión, 1976.
33. Wiggins, N. & Fishbein, M. Dimensions of semantic space. In: J. G. Snider & C.E. Osgood (Eds.). Semantic differential technique. Chicago, Aldine, 1969.
34. Wilkening, H.E. The psychology almanac. California, Brooks/Cole Pub.Co., 1973.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:




Rolf Preuss

PUC/RJ - Deptº Psicologia
orientador



Cílio Rosa Ziviani

PUC/RJ - Deptº Psicologia

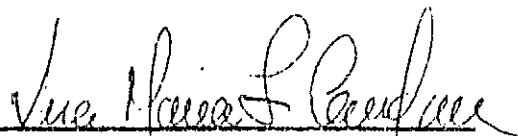


Solange Wechsler

PUC/RJ - Deptº Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 16 de abril de 1982



Vera Maria Ferrão Cardau

Coordenadora dos Programas
de Pós-Graduação do Centro
de Teologia e Ciências Hu-
manas da PUC/RJ